CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ANÁLISE PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE POMERANA E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA NO ESPÍRITO SANTO: UM OLHAR SOBRE O MUSEU DE SANTA MARIA DE JETIBÁ

Rosimary Paula Ferreira Vargas

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa/Curso de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Orientador:

Prof. Dr. Alexandre de Carvalho Castro

Rio de Janeiro – RJ

Abril de 2016

ANÁLISE PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE POMERANA E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA NO ESPÍRITO SANTO: UM OLHAR SOBRE O MUSEU DE SANTA MARIA DE JETIBÁ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa/Curso de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre.

Rosimary Paula Ferreira Vargas

Aprovada por:

_____

Presidente, Prof. Dr. Alexandre de Carvalho Castro – CEFET/RJ (orientador)

_____

Professora Drª. Maria Renilda Nery Barreto – CEFET/RJ

_____

Professora Drª. Marcele Linhares Viana – CEFET/RJ

Suplentes

_____

Professor Dr. Sebastião Pimentel Franco – UFES

_____

Professora Drª. Maria Cristina Giorgi – CEFET/RJ

Rio de Janeiro – RJ
2016

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

V297 Vargas, Rosimary Paula Ferreira

Análise psicossocial da identidade pomerana e seus lugares de memória no Espírito Santo: um olhar sobre o Museu de Santa Maria de Jetibá / Rosimary Paula Ferreira Vargas.—2016.

116f. + anexos ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2016.

Bibliografia: f. 108-116

Orientador: Alexandre de Carvalho Castro

1. Pomeranios – Santa Maria de Jetibá (ES) - História. 2. Imigrantes – Santa Maria de Jetibá (ES) – História. 3. Museu da Imigração Pomerana (Santa Maria de Jetibá, ES). 4. Psicologia social. 5. Racismo. I. Castro, Alexandre de Carvalho (Orient.). II. Título.

CDD 305.83108152

DEDICATÓRIA

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Nos últimos meses muitas coisas aconteceram para impedir esse momento final. Mas Deus em sua infinita bondade e misericórdia esteve continuamente presente em meus caminhos, me direcionando, guiando meus passos, e acima de tudo, dando-me forças para continuar a caminhada, por mais árdua e penosa que fosse. A Deus e aos mentores de luz, o meu muito obrigada sempre!

Aos meus pais, que mais uma vez estiveram constantemente, de uma forma ou de outra, presentes nessa caminhada. O meu carinho e gratidão eterna.

Ao Prof. Dr. Alexandre de Carvalho Castro, exímio profissional. Obrigada pela credibilidade e confiança acadêmica, pelas horas de orientações e prosas descontraídas nos períodos de estresse e descontentamento por algum motivo banal. Lembrarei sempre da sua voz dizendo “escreve, escreve, escreve”. Enfim... escrevi! Mais uma vez, após quase dez anos, tenho que dar o braço a torcer, você com sua paciência ímpar tinha razão quando dizia, ‘calma, vai dar tempo!’ Oh! E não é que mais uma vez ele teve razão! A você, o meu respeito, carinho e estima.

À família Fujihara (Nelson, Tânia e Felipe), pela generosidade, acolhimento, carinho e incentivo, não só na concretização desse trabalho, mas em todos os demais momentos que rondaram essa fase. Muito obrigada!

À Gisila Flegler, pela disponibilidade e atenção com a temática pomerana antes mesmo da pesquisa de campo começar. Obrigada pela generosidade em compartilhar histórias, pelo direcionamento dos caminhos a serem seguidos.

À Aleksandra Stambowisky, companheira de altas prosas, orientações, incentivos e parceria. Obrigada pelos momentos de lucidez e razão, além dos esclarecimentos materiais e espirituais, pela desmitificação a respeito do povo do outro lado. Amiga carinhosamente presente nessa caminhada.

À Maria Aparecida Goulart, pelo incentivo, confiança e respeito profissional e acadêmico. Uma das pessoas que mais acreditou no meu potencial. Obrigada pelas prosas entre um estudo de caso e outro nas dependências do CREAS.

Às funcionárias do Museu da Imigração Pomerana, em Santa Maria de Jetibá-ES,

pelas horas de conversas, recordações e lembranças das próprias histórias. Obrigada por permitirem a participação nesses momentos.

À família Rodrigues, por me proporcionar conhecer a história silenciada por todos.

Aos idealizadores do Museu da Imigração Pomerana, professora Regina Hess e professor Sebastião Franco, pela atenção com minha pesquisa.

À amiga e professora Sonia Pereira pela disponibilidade e atenção na revisão desse trabalho.

Aos amigos que estiveram comigo sempre em oração, sr. José Soares Domingues, carinhosamente *Zezim* Domingues e Jaqueline Justo.

À Pamella Santos, pelo apoio tecnológico.

À Sheila, funcionária da Secretaria de Pós-graduação, por toda atenção e compreensão com os quilômetros a serem percorridos na hora da matrícula.

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra me colocaram presente em suas orações, prosas e pensamentos. A minha gratidão!

O jeito capixaba de ser

Todo capixaba tem um segredo de espuma,
Uma conversa de duna,
Um disse me disse.
Todo capixaba é chique.
Todo capixaba tem um pouco de beija-flor no bico,
Uma panela de barro no peito,
Uma orquídea no gesto,
Um cafezinho no jeito,
Um trocadilho na brincadeira,
Um Congo no andar,
Um jogo de cintura,
Um chá de cidreira,
Uma moqueca perfeita,
E uma rede no olhar,
Todo mundo de lá desenha nas areias brancas,
Compõe nas areias pretas.
Todo capixaba tem um verso,
Tem um pouco de Anchieta,
Todo povo por lá,
Tem um certo louco,
Tem um certo torto,
Uma palavra solta,
Uma revoada de colibris,
Todo capixaba tem uma força de povo,
Tem um pouco de Maria Ortiz.
Toda montanha lá tem um caso
Obstinado com o vento,
Um albatroz de Convento.
De luva e biquíni é que eu vou pra lá,
Todo capixaba é um evento.

Elisa Lucinda

RESUMO

A sociedade contemporânea apresenta a diversidade como um ícone cada vez mais expresso na dinâmica das relações sociais. A proposta social atual conduz a uma identificação social múltipla, em que o pertencer remete a inúmeras e mutáveis possibilidades. Imersas nessa tendência, mas mantendo os laços locais de identidade, algumas sociedades tradicionais preservam a condução da vida em um contexto comum e de participação ao grupo num sentido de pertencimento e de reivindicação do desenho identitário para si. Desse universo, destacam-se a tradição e a identidade fortemente representada pela manutenção da língua e da cultura entre os descendentes de pomeranos em Santa Maria de Jetibá-ES. Os elementos culturais que compõe o modo de vida desse grupo demarcam a manutenção dos costumes pomeranos e instituem um limite étnico entre os pomeranos e demais culturas estabelecidas no Espírito Santo. Tendo essa referência, o objetivo desse trabalho é fazer uma análise psicossocial da identidade pomerana e seus lugares de memória no Espírito Santo, tendo o Museu da Imigração Pomerana em Santa Maria de Jetibá como objeto de estudo, por ser um lugar de memória. De acordo com o contexto esboçado, diferentes fontes de pesquisas foram utilizadas. O entrelaçamento da referência bibliográfica com a história oral, além das visitas ao Museu, utilizado como metodologia de pesquisa, levou-nos por caminhos onde foi possível encontrar não só a história da imigração pomerana para o Brasil, especialmente para o Espírito Santo, em meio ao projeto racista da política do branqueamento, mas também encontrar lacunas e histórias suplantadas no Museu da Imigração Pomerana como a história da Família Rodrigues. Sob um panorama mais abrangente, olhar para o contexto histórico brasileiro, no tocante às teorias, às crenças, aos valores ao redor do conceito ‘raça’ (e variantes), mostra que o pensamento racial brasileiro foi, e é ainda, marcado ainda por uma série de visões que se entrecruzam na construção da identidade nacional, sendo a questão étnico-racial umas das mais presentes no debate intelectual atual.

Palavras-chave: Imigração pomerana. Lugar de memória. Política de branqueamento.

Rio de Janeiro
Abril/2016

ABSTRACT

The contemporary society presents diversity as an increasingly express icon in the dynamics of social relations. The current social proposal leads to multiple social identification, in which the membership refers to a number and inconstant possibilities. Immersed in this trend, but keeping the local ties of identity, some traditional societies preserve the conduction of life in a common context and participation of the group in a sense of belonging and the identity design claim to yourself. In this universe, there is the tradition and identity strongly represented by the maintenance of the language and culture among Pomeranians descendants in Santa Maria de Jetibá-ES. The cultural elements that make up the way of life of this group demarcate the maintenance of Pomeranians customs and establishing an ethnic boundary between the Pomeranians and other cultures established in Espírito Santo. With this reference, the objective of this work is to make a psychosocial analysis of Pomeranian identity and their places of memory in Espírito Santo, having Pomerana Immigration Museum in Santa Maria de Jetibá as object of study, as a place of memory. According to the context outlined, different sources of research has been used. The intertwining of the bibliographic reference to oral history, in addition to visits to the museum, used as a research methodology, took us through paths where it was possible to find not only the history of the Pomeranian immigration to Brazil, especially to Espírito Santo in the midst of the racist project of bleaching policy, but also to find gaps and stories supplanted in the Museum of Immigration Pomeranian, as the history of family Rodrigues. Under a broader view, looking at the Brazilian historical context, with regard to the theories, beliefs, values around the concept "race" (and variants), shows that the Brazilian racial thought was, and still is, marked by a series of visions that intertwine in the construction of the national identity and the racial and ethnic question are two of the most present in the current intellectual debate.

Keywords: Pomeranian Immigration. Place of memory. Bleaching policy.

Rio de Janeiro
Abril/2016

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Acervo do Museu 136

Tabela 2 – Regiões de origem dos alemães imigrados no Espírito Santo no período de (1812-1900) 144

Tabela 3 – Municípios espírito-santenses que possuem a oficialização do pomerano como segunda língua 151

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Estação de Fruticultura – antes de ser implantada a sede do Museu da Imigração Pomerana 118

Figura 02 – Estação de Fruticultura – Reformada para ser implantado o Museu da Imigração Pomerana 118

Figura 03 – Nova Sede do Museu 119

Figura 04 – Casa adquirida para execução do Projeto Original do Museu da Imigração Pomerana 134

Figura 05 – Negros junto à imigração pomerana – tropeiros 135

Figura 06 – Negros junto à imigração pomerana – tropeiros 135

Figura 07 – Noite do Quebra-louças 163

Figura 08 – Casamento Pomerano, com influência da cultura local 163

Figura 09 – Construção de uma casa típica pomerana – arquitetura enxaimel 164

Figura 10 – Construção de uma casa típica pomerana – arquitetura enxaimel 164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ES – Espírito Santo

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

Introdução 16

1 - O caminho percorrido pelos imigrantes e pesquisadores 20

1.1 Os imigrantes pomeranos: panorama sócio-cultural 22

1.2 Os imigrantes pomeranos: o campo de estudo e a definição do objetivo da pesquisa.....24

1. 3 Metodologia 27

1. 3.1- Pesquisa no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, localizado à Rua Sete de Setembro, 414, Centro, Vitória-ES 28

1. 3.2- Pesquisa no Museu da Imigração Pomerana, localizado à Rua Dalmácio Espíndula, 32, Centro, Santa Maria de Jetibá-ES 30

1. 4 Pesquisa em Vitória por meio de entrevistas 32

2 - O lugar de memória como referencial teórico para a pesquisa 34

2. 1 Referenciais teóricos que circunstanciaram a pesquisa 35

2. 2 O Museu como lugar da memória 37

3 - A criação e surgimento do museu 44

3. 1 O museu com um lugar de memória oriundo da emancipação municipal 44

3. 2 O museu com um lugar de memória oriundo da prática acadêmica 56

3. 3 Considerações gerais sobre as disputas de memória que envolvem o

museu.....65

4 - O sentido simbólico do museu da imigração pomerana 68

4.1 A constituição do acervo 70

4.2 A estrutura física do museu 71

4.3 A sala de estar do museu representa a chegada ao Brasil: a questão da construção sócio-cultural da identidade pomerana 73

4.4 O quarto reservado à religião e à educação: a questão do idioma para a construção sócio-cultural da identidade pomerana 75

4.5 Sótão, o cantinho do descanso, lembranças e diversão: a questão das festas para a construção sócio-cultural da identidade pomerana.....83

4.6 O museu em sua materialidade: a questão da arquitetura para a construção sócio-cultural da identidade pomerana 92

4. 7 As lacunas do Museu: A questão do racismo 95

4.7.1- A questão do projeto de branqueamento 95

4.7.2- A questão da imagem do negro 100

Conclusão 105

Referências Bibliográficas 108

Anexo 01 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....117

Anexo 02 – FIG. 01: Estação de Fruticultura – antes de ser implantada a sede do museu e FIG. 02: Estação de Fruticultura reformada para ser implantado o museu 118

Anexo 03 – FIG. 03: Nova Sede do Museu – Inaugurado em 1991.....119

Anexo 04 – Lei nº 085/1991 – Denominação do Museu da Imigração Pomerana 120

Anexo 05 – Projeto Memória da Casa Pomerana 121

Anexo 06 – Planta da Casa Pomerana – Projeto Original 129

Anexo 07 – FIG. 04: Primeira casa adquirida para execução do Projeto Original – Implantação de uma casa nos moldes tipicamente pomerano 134

Anexo 08 – FIG. 05: Negros junto à imigração pomerana – tropeiros e FIG. 06: Negros junto à imigração pomerana – tropeiros 135

Anexo 09 – Tabela 1 – Acervo do Museu 136

Anexo 10 – Tabela 2 – Regiões de origem dos alemães imigrados no Espírito Santo (1812-1900) 144

Anexo 11 – Projeto de Lei nº 031/2009 - Cooficialização da Língua Pomerana 145

Anexo 12 – Lei nº 1136/2009 – Dispõe sobre o Cooficialização Língua Pomerana no município de Santa Maria de Jetibá-ES 146

Anexo 13 – Lei nº 1376/2011 – Dispõe sobre o ensino da Língua Pomerana Oral e Escrita nas escolas da rede municipal de Santa Maria de Jetibá-ES 147

Anexo 14 – Decreto Municipal nº 203/2007 – Constituição da Comissão Municipal de Políticas Linguísticas 149

Anexo 15 – Tabela 3 – Municípios Espírito-santenses que possuem a oficialização do Pomerano como segunda Língua 151

Anexo 16 – Termo de Parceria entre os municípios participantes do PROEPO 152

Anexo 17 – Convite recitado na língua pomerana e Convite recitado traduzido para língua portuguesa 162

Anexo 18 – FIG. 07: Noite do Quebra-louças e FIG. 08: Casamento Pomerano, com influência da cultura local 163

Anexo 19 – FIG. 09: Construção de uma casa típica pomerana – arquitetura enxaimel e FIG. 10: Construção de uma casa típica pomerana – arquitetura enxaimel 164

Introdução

A cultura é um fenômeno comum para os seres humanos, que ao viverem em sociedade, aprendem o que as gerações anteriores transmitem e, com esse conhecimento, podem contribuir para o desenvolvimento cultural. Apesar de ser um bem comum, a cultura também nos diferencia, mostra nossa identidade, uma vez que cada grupo social constrói suas próprias representações culturais de acordo com suas preferências, interesses, origens, peculiaridades e particularidades, proporcionando o que conhecemos como diversidade cultural, resultante de uma vasta migração e miscigenação de raças.

No Brasil, muitos foram os imigrantes que favoreceram para tal diversidade, porém evidenciaremos neste trabalho, a cultura do imigrante pomerano que constitui, na atualidade, um grupo geograficamente isolado com características que simbolizam o passado de um povo migrante. Dentre as características que marcam a emblemática dinâmica étnico-racial pomerana fazendo com que esse grupo social se torne objeto de estudo, além da língua, há as tradicionais festas que demarcam os ritos de passagem, como o casamento pomerano, que ainda acontece no Espírito Santo e guarda uma contínua relação com o passado.

Dessa forma, entendendo a importância da dinâmica étnico-racial pomerana, no município de Santa Maria de Jetibá-ES e na região serrana do Espírito Santo, faz-se necessário um estudo em que seja possível verificar de que forma os pomeranos conseguiram ao longo de gerações preservarem o seu legado cultural. Esta proposta diz respeito não só à aceitação da dinâmica étnico-racial, bem como da língua falada por eles, das danças, da religião, da arquitetura, da cultura e de outras tradições, que simbolizam a identidade étnico-racial deles.

Logo, este trabalho propõe uma análise psicossocial sobre o Museu da Imigração Pomerana[1] em Santa Maria de Jetibá-ES como um lugar de memória. O estudo se propõe ainda analisar o acervo exposto como repertório cultural na formação da identidade pomerana e suas memórias. Pretendemos contar um pouco

[1] De acordo com Viana (2015) há no Brasil apenas 3 Museus da Imigração Pomerana, sendo 1 em Santa Maria de Jetibá, 1 em Vila Pavão, ambos no Espírito Santo e 1 em Pomerode, Santa Catarina. Este estudo se refere ao primeiro Museu, o de Santa Maria de Jetibá-ES.

da trajetória dos protagonistas desta história através desse museu inaugurado em 1991, bem como as lacunas existentes no mesmo e as histórias silenciadas.

Porém, para fazer uma análise de um lugar de memória como o Museu, primeiro se faz necessário conhecer um pouco da trajetória desses imigrantes.

Desta maneira, este estudo analisará o Museu da Imigração Pomerana não só como um lugar de memória que procura preservar sua história, seu passado, mas também o que esse Museu deixou de dizer com as lacunas existentes no mesmo, o que tentou silenciar. Tentará buscar respostas plausíveis que possam, ou não, justificar as lacunas que são apresentadas paralelas à história da imigração pomerana em solo espírito-santense.

O trabalho segue o seguinte escopo. O capítulo 1, *O caminho percorrido pelos imigrantes e pelos pesquisadores*, apresenta justamente todo esse cenário a respeito da cultura e suas multifacetadas demonstrações, a diversidade cultural encontrada no Espírito Santo, local com forte presença de imigrantes, os mais diversos. Neste capítulo ainda é possível encontrar como ocorreu a colonização do imigrante pomerano no ES, bem como sua trajetória, desde a saída, e os motivos que os fizeram abandonar a Pomerânia e saírem em busca de *"Canãa"*[2], a Terra Prometida, e depositar toda sua esperança em Santa Maria de Jetibá-ES, município escolhido como panorama sócio cultural dessa etnia. Além também de analisar como esse grupo étnico se tornou não só campo, mas também objeto de estudo em um Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais.

Para tanto, foi utilizado como metodologia, além das referências bibliográficas, pesquisas de campo, principalmente as visitas ao Museu, além das entrevistas como fonte oral, sendo o instrumento central deste trabalho. Pois, a construção narrativa a partir da memória, em entrevistas concedidas, teve como objetivo relacionar este percurso com a lembrança dos sujeitos envolvidos em todas as fases da elaboração e construção desse lugar de memória.

No capítulo 2, *O Lugar de memória como referencial teórico para a pesquisa*, objetiva configurar os referenciais teóricos da pesquisa empreendida, tendo em vista

[2] Canãa é a obra de Graça Aranha. Na referida obra, o autor conta a trajetória do imigrante alemão em busca de uma terra que pudesse acolhê-lo, que pudesse ainda trazer o sustento, as vitórias e prosperidade para uma vida mais justa e digna. No romance, Graça Aranha retrata o Espírito Santo como essa "Canãa", a terra prometida.

as apropriações que a Psicologia Social faz dos estudos de memória social. Sobretudo porque o interesse em conhecer lugares onde a memória tende a se fixar vai ao encontro de momentos da história coletiva. Nessas situações surgem reflexões sobre a articulação da ruptura do passado com a concretização do sentido de continuidade histórica, reflexões, aliás, típicas dos locais de memória.

No capítulo 3, *A criação e surgimento do museu*, serão mostrados como se deu a construção desse espaço de memória, dos interesses e pretensões políticas, bem como o viés científico e acadêmico para criação do mesmo. Buscou-se conhecer pessoas, ouvir casos e histórias a respeito desse lugar, o museu, com a finalidade de compreender como o referido espaço contribuiu para a construção identitária do imigrante pomerano e a preservação da memória desse grupo étnico. Ou seja, para conhecer um pouco mais essa criação percorreremos um longo caminho de buscas, descobertas, curiosidades, poucas respostas e inúmeras perguntas, além da junção de peças que nos levaram ora a esclarecimentos, ora a mais dúvidas sobre a criação desse lugar de memória. É possível perceber que entre idealização e concretização desse espaço, muitas lacunas persistiram, muita coisa não foi dita, permaneceu silenciada.

No capítulo 4, *O sentido simbólico do Museu da Imigração Pomerana,* será analisado os aspectos que fazem do Museu da Imigração Pomerana um lugar realmente de memória, sobretudo em sua dinâmica *material*, *funcional* e *simbólica*. Sabe-se que o museu, na primeira década do século XXI, não é apenas um espaço para lembrar e contar histórias, mas, sobretudo um espaço em que se constroem memórias. O museu pode ser a lembrança que incita a busca de outras histórias: história de pessoas, história de lugares (PINTO, 2013).

Para Mendes (2012), o Museu além de ser um espaço de memória é também de identidade, no qual as pessoas contam narrativas, sobressaem as memórias das vítimas e do lugar, proclamam as consciências históricas, alimentam expectativas para um desenvolvimento local mais harmonioso com a memória; mas é também espaço de fronteiras reais e imaginárias. Para esse autor, museu é o guardião da memória que testemunha o passado e que se transforma em princípio de ação do presente para o futuro. Como forma de melhor entender esse espaço, neste capítulo encontraremos detalhes sobre a composição do seu acervo, sobre a estrutura física e a história contada por traz de cada espaço, mas também as histórias que não foram contadas,

que simplesmente foram silenciadas por todos, a saber, a imagem de negros junto ao acervo do imigrante pomerano, bem como a história da família Rodrigues.

No Brasil, e particularmente no Espírito Santo, a questão multicultural apresenta uma configuração própria. O estado capixaba está consolidado sob uma base multicultural muito forte, onde as relações interétnicas têm sido uma constante, no decorrer de todo processo histórico. Porém, história dolorosa e silenciada, principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas, afrodescendentes e alguns grupos imigrantes europeus (SOUZA, 2015), não pode ser esquecida pela própria história.

1- O caminho percorrido pelos imigrantes e pesquisadores

A escolha desse tema de pesquisa ocorreu em função de um tenso debate que acompanhei nos veículos de comunicação sobre a identidade capixaba, logo após o jornal *A Gazeta* trazer como manchete de capa: *"Capixaba não tem identidade cultural".* Segundo Bonifácio (2012), para poder falar de identidade cultural capixaba, primeiramente é preciso falar sobre a composição de identidades do capixaba, a qual é diferente da identidade dos povos que têm em sua formação a cultura portuguesa, africana e/ou indígena. De acordo com o autor, o Espírito Santo recebeu uma nova safra de imigrantes na virada do século XIX para o século XX, os pomeranos, poloneses, alemães, italianos e árabes. O estado tem a composição de seu povo e, consequentemente, a identidade cultural caracterizada pela diversidade. A cultura capixaba é diferente dos outros locais. Ressalta ainda que a diversidade no estado é tão grande, que se você estiver em São Mateus (norte do ES) aparentemente você poderia estar em um porto fluvial do Senegal. Se estiver em Santa Tereza ou Venda Nova do Imigrante (região serrana) estará em uma região de italianos. Em Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina ou Domingos Martins (também na região serrana), na Alemanha. Mas se você vai para o noroeste do Espírito Santo, encontra uma composição indígena.

Aguiar (2011) reforça o debate enfatizando que todos os estados brasileiros possuem identidade. Acredita-se que o Espírito Santo tem características diferentes por ter inúmeras representações culturais, como se pode observar na fala a seguir: "Olha todo mundo tem identidade. Não conheço uma pessoa que não tenha identidade cultural. Muito menos identidade. [...] O que acontece com o Espírito Santo é que ele tem uma característica diferente. [...] é multifacetado são inúmeras representações culturais" (AGUIAR, 2011). Complementa dizendo que o que o Espírito Santo tem de mais importante é a diversidade.

Consoante com o Bonifácio (2012) e Aguiar (2011), constatamos que a diversidade não é sinal de fragmentação, mostra que o Espírito Santo conseguiu deixar que as culturas desenvolvessem. Bonifácio (2012) explicita, aqui no estado nunca houve necessidade hegemônica de um grupo étnico tentar impor a sua cultura sobre o outro, permitiu-se que se prosperassem os diversos grupos étnicos culturais.

Diante de tamanha diversidade, apenas uma certeza: o especial na composição do capixaba é a sua cultura, caracterizada pela diversidade. Exemplificando, Aguiar (2012) conta que já viu até comício traduzido para o pomerano: “Conto uma passagem em um comício que fui já há alguns anos, em Santa Maria de Jetibá, e veja que coisa incrível. Havia um tradutor no comício. O candidato falava e o tradutor traduzia em pomerano”.

Dessa forma, a impossibilidade de analisar o capixaba, por ser tema muito amplo, fez-se um recorte mais específico: o imigrante pomerano, que contribuiu diretamente para a constituição do estado.

Embora, no Brasil o pomerano não seja um pomerano “puro”, e sim um brasileiro, um capixaba, como prova a matéria do jornal mencionado ao enfatizar a diversidade cultural do estado, uma vez que os capixabas incluem o pomerano na identidade capixaba.

Granzow (2009, p. 164) elucida o contexto anterior apresentando um trecho da palestra do professor Theo Kleine, quando ele diz “Afirmo que existe de fato o ‘brasileiro, descendente-de-alemães’, apesar de muitas vezes gostarem de apagar o hífen que une as duas palavras. Ser brasileiro, descendente de alemães significa: ser sempre um brasileiro íntegro e completo, sem qualquer desvio ou concessões; como também significa ser herdeiro e transmissor de uma vasta cultura que possuiu grande força na formação do caráter pessoal”.

Para Castro (2012), o pressuposto da noção de identidade, não implica, todavia, adesão a visões essencialistas de identidade estáveis e permanentes. Muito pelo contrário, o que se procura é justamente retirar essas noções do estado de naturalização e que eventualmente se encontram, pelo resgate da historicidade das ideias e vivências sociais. Dessa forma, não é possível negar a influência exercida por condições culturais e temporais no contexto em que está inserido o pomerano, mostrando que não há estabilidade no ser “pomerano”.

Nesse sentido, por tratar de dinâmicas sociais e identidades culturais, a presente pesquisa, ainda que desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação de viés interdisciplinar, caracteriza-se como uma investigação típica da Psicologia Social, marcada por relações étnico-raciais, constituídas sócio-historicamente.

1.1 Os imigrantes pomeranos: panorama sócio-cultural

Os imigrantes pomeranos radicados no Espírito Santo têm raízes históricas muito interessantes. E tal etnônimo, *pommerer*, indica, particularmente, os representantes do grupo étnico descendente de tribos eslavas e germânicas que viveram na região histórica da Pomerânia, situada ao longo da costa do Mar Báltico, entre as atuais Alemanha e Polônia e os países escandinavos (JACOB, 1992; TRESSMANN, 2005).

Na época em que os primeiros pomeranos imigraram para o Brasil, no final da década de 1850, a Pomerânia era uma Província da Prússia. A Província Prussiana da Pomerânia surgiu em 1817. Mais tarde, em 1871, com a união dos estados alemães (especialmente dos reinos da Prússia e da Baviera), ela passou a fazer parte do Império alemão.

Até 1945 a Pomerânia estava dividida entre Pomerânia Ocidental ou Anterior e Pomerânia Oriental. Stettin, a capital, separava o leste e o oeste. O litoral da Pomerânia tinha uma extensão de 500 km e as cidades mais extremas entre si distavam 400 km (TRESSMANN, 2005). Contava com uma superfície de 38.409 km², área inferior ao Estado do Espírito Santo.

A Pomerânia, a partir do final do século XVII, passou ao domínio prussiano e, então, diversos acontecimentos de ordem social, econômica e religiosa dificultaram as condições de vida desse povo, porque a situação macropolítica da época começou a ameaçar a sobrevivência das populações menos favorecidas (JACOB, 1992; WEIDUSCHADT, 2015). Por isso, necessitavam de trabalho e buscaram outros lugares para se estabelecer, com possibilidades de se firmar como grupo étnico sem serem explorados no sistema servil. Consequentemente, durante séculos posteriores, a Pomerânia esteve envolvida em muitas lutas e guerras, em função de interesses externos e disputas de territórios por parte da Alemanha e da Polônia.

O fato é que as condições desfavoráveis à preservação de um modo de vida dos pomeranos, predominantemente agrícola, contribuíram para os movimentos migratórios na Europa e principalmente rumo a outros continentes, como América do Norte. A partir da chegada ao solo norte-americano, contudo, vivenciaram dificuldades e, desempregados do campo, não tinham nenhuma perspectiva em curto prazo, pois representavam uma mão de obra desqualificada e estavam à procura da ‘*Terra*

Prometida' (CANDAU, 2002).

Em meados do século XIX, o Brasil necessitava, não só, obter mão de obra para substituir a mão de obra escrava e povoar as regiões ainda não cultivadas, impulsionando assim as lavouras, mas também colocar em prática o projeto da política de branqueamento, dessa forma, o governo brasileiro incentivou a imigração, especialmente de europeus. Assim, o Brasil passou a ser o destino ideal dos pomeranos, que visavam melhores condições de trabalho e, consequentemente, de sobrevivência. O clima, as perspectivas de vida e a possibilidade de reproduzir o ambiente original, aos quais estavam habituados, foram também aspectos importantes para a escolha da migração (JACOB, 1992).

No Brasil, o Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram alguns estados que receberam imigrantes europeus. O primeiro se destaca, por abrigar imigrantes e descendentes que ainda preservam sua cultura e tradições vivas. No Espírito Santo, as comunidades pomeranas estão concentradas atualmente em quatorze municípios, formando uma área contígua que se estende da região serrana até ao norte do estado. Dentre os municípios colonizados por imigrantes pomeranos estão: Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina, Domingos Martins, Santa Teresa (localizados na região serrana, ou *Kulland,* com se diz em pomerano), Itarana, Itaguaçu, Laranja da Terra, Afonso Cláudio, Baixo Guandu (região de terras quentes, ou *Warmland*), Colatina, Pancas, São Gabriel da Palha, Barra de São Francisco e Vila Pavão (região norte do ES, ou *Nord*) (TRESSMANN, 2005; MELO e SOUZA, 2015).

Os primeiros pomeranos chegaram ao Espírito Santo em 1847, com outros alemães, e, posteriormente, em 1859, chegaram mais pomeranos originários da Pomerânia Posterior, *Hinterpommern*, uma região histórica e geográfica situada no norte da Polônia e da Alemanha, na costa sul do Mar Báltico, que abrangia o interior, *Hinterland*, lugares que apresentavam muitas dificuldades e atraso[3] (GAEDE, 1978).

Adverso a Gaede (1978), Tressmann (2005) diz que os primeiros imigrantes pomeranos chegaram ao Espírito Santo em 1859, época anterior ao processo de unificação da Alemanha do século XIX e se instalaram na recém-criada colônia de Santa Leopoldina, no rio Santa Maria da Vitória. As maiores levas, porém, provenientes, em sua maioria, da Pomerânia Oriental, chegaram no início dos anos

[3] A palavra *atraso* aqui utilizada subentende-se à decadência do lugar de onde originaram os primeiros imigrantes.

1870, período em que a imigração também cessou.

A cidade de Santa Maria de Jetibá, particularmente o município escolhido para a realização deste estudo, está localizada na região central serrana do estado capixaba, com área de 734 km², a 80 km da capital Vitória. Com uma área florestal bem representada, o que justifica preservação da fauna e flora locais, o município tem como limites territoriais os municípios de Itarana, Santa Tereza, Santa Leopoldina, Afonso Cláudio e Domingos Martins (MANSKE, 2015, p.84).

A população é de 38.290 habitantes[4], predominando a cor/raça branca com 81,8%, 1,9% negros, 15,6% pardos e somente 0,7% amarelos (IBGE, 2014). Dessa população 74% residem na zona rural e 26% na zona urbana. O município é apontado como grande produtor de hortifrutigranjeiros, sendo responsável por 40% da produção estadual de hortaliças, destacando-se como o primeiro produtor de ovos do estado e segundo do país, embora a produção de café, a fruticultura, a avicultura e o desenvolvimento do comércio mereçam destaque. A olericultura também é uma referência econômica, por ser uma atividade que se apresenta em desenvolvimento na maioria das propriedades rurais. Em termos populacionais e de manutenção da língua nativa[5], o município é considerado “o mais pomerano do Brasil” (TRESSMANN, 2005; MANSKE, 2015).

Percebe-se, portanto, que essas atividades se entrelaçam em um contexto que permeia o atendimento das necessidades dos moradores da sede, essencialmente comercial, e dos moradores do interior, produtores rurais. Mas vale referendar que a maior parte da produção agrícola é comercializada na grande Vitória, capital do estado, e em outros estados da federação, motivada pelo reconhecimento nacional da atividade orgânica desenvolvida no município (MANSKE, 2015).

1. 2 Os imigrantes pomeranos: o campo de estudo e a definição do objetivo da pesquisa

O levantamento das pesquisas acadêmicas acerca desse grupo étnico-

[4] De acordo com a Diretoria de Pesquisas – DPE – Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS – do IBGE a população de Santa Maria de Jetibá em 2015 seria de aproximadamente 38.850 habitantes.

[5] A maioria dos falantes é bilíngue em Pomerano e Português. Segundo Tressmann (2005), na Alemanha o Pomerano é praticamente desconhecido, sendo falado somente no Brasil.

imigrante - com raízes, cultura e tradição tão peculiares - foi inicialmente feito em julho e agosto de 2014, em bases informatizadas e indexadas de pesquisa (Periódicos Capes e Scielo), e permitiu constatar que os pomeranos têm sido objeto de diversos estudos. Há investigações sobre saúde (SCHEK, 2011; DELPINO, 2011; DOMINGUES et al., 2006; MOREIRA et al., 2010), violência (MANCETE et al., 2009; CAPUCHO e JARDIM, 2013), uso de agrotóxico (JACOBSON et al., 2009), educação (BAHIA, 2001; BAHIA 2011; FEHLERG & MENANDRO, 2011), música (NASR, 2009), políticas patrimoniais (FERREIRA & HEIDEN, 2009; FERREIRA et al, 2013), trabalho (DREHER, 2008; FEHLERG & MENANDRO, 2011; FEHLERG & MENANDRO, 2013), religião (DROOGERS, 2008; GAEDE, 1978), família (MALTZAHN, 2011; FEHLERG & MENANDRO, 2013), batizado, casamento, funeral (LIMA & DIAS, 2007; FEHLERG & MENANDRO, 2011; CUNHA, 2011; CUNHA, 2012), e o idioma pomerano (TRESSMANN, 1998; 2006; 2008; 2011; KUSTER et al, 2009; SCHAEFFER, 2010; BANDEIRA & ZIMMER, 2011; SCHAEFFER & MEIRELES, 2014; PESSOA, 1995; SEVERO, 2013; BEILKE, 2014).

Dessa forma, em função de tal levantamento bibliográfico, foi possível perceber que há um espectro muito abrangente e diverso de trabalhos acadêmicos produzidos sobre os pomeranos. Em virtude disso, é preciso ressaltar que esta dissertação se situa em uma perspectiva específica, a saber, o viés das pesquisas com ênfase dirigida aos elementos que singularizam culturalmente esse grupo étnico. Do ponto de vista das relações culturais, portanto, o estudo aqui desenvolvido guarda mais semelhança com as investigações sobre repertórios culturais e construção da identidade pomerana, e por isso se aproxima das investigações já realizadas sobre a língua (TRESSMANN, 1998; 2005; 2006; 2008; 2011; KUSTER et al, 2009; SCHAEFFER, 2010; BANDEIRA & ZIMMER, 2011; SCHAEFFER & MEIRELES, 2014; PESSOA, 1995; SEVERO, 2013; BEILKE, 2014), a cultura (LIMA & DIAS, 2007) e o turismo (TEIXEIRA, 2011).

A relevância do presente estudo, portanto, pode ser vista porque contribui nessa variada discussão acadêmica, aprofundando ainda mais um tema importante como o da identidade étnico-racial de um povo. Compreendemos que são vários os modos de imaginar e representar um grupo social no Brasil, uma vez que a diversidade vislumbrada é ímpar. A partir desse pressuposto, é importante destacar que cada grupo apresenta uma dinâmica que assegura as características sociais que fortalece os laços com o grupo, mesmo que sofra certas influências da cultura local

(MANSKE, 2015).

Segundo a opinião de Granzow (2009), encontramos muita literatura sobre a imigração alemã no Brasil, mas quase nada sobre a imigração pomerana. Há, contudo, muita produção acadêmica importante, que não pode ser olvidada. Particularmente, o *Pomerisch-Portugugijsisch Wöirbau* - Dicionário Enciclopédico Pomerano–Português[6] (TRESSMANN, 2006), assim como diversas publicações, eventualmente citadas, que embasaram esse estudo sobre a temática do imigrante pomerano.

Ao que parece, à primeira vista, no entanto, os pomeranos têm peculiaridades muito distintas de outros imigrantes alemães, e, de acordo com os que avaliam esse campo de estudos como incipiente, eles deveriam ser estudados com mais abrangência e rigor. Assim, há quem diga que, ao longo desses mais de cento e cinquenta anos de colonização em terras capixabas, os pomeranos quase nada escreveram, muito pouco documentaram e, ainda hoje, muito pouco falam do que foi a vida dos seus antepassados na Europa, e a luta dos pioneiros nas terras capixabas (SEIBEL, 2010).

E também há interpretações que apontam como problema o fato de que toda a bagagem de conhecimento que vinha sendo repassada de geração a geração, já começa a sofrer falhas na transmissão oral (SEIBEL, 2010). Questões relativas à língua, inclusive, como se observa nessa passagem:

> Constatei que as palavras *"Dörp", "Finster", "Hof", "Bauer", "Kuchen"* eram desconhecidas e não mais usadas atualmente entre os pomeranos. A palavra *"Dörp",* que significa *vila* se perdeu por todos residirem no interior e pelo desuso, por três gerações, a palavra ficou esquecida. *"Fenster"* que significa *vidraça*, não é mais conhecida, devido ao fato de no interior não serem usadas vidraças, que foram substituídas por janelas de madeira. A palavra *"Bauer"* que significa *camponês*, aqui não era usada, por serem denominados de colonos. Portanto, o camponês é um colono. [...]. O mais impressionante para mim foi a palavra *"Kauke"* que se perdeu e que significa *bolo*. A única explicação que achei foi que as primeiras gerações que aqui

[6] De acordo com Souza (2015, p. 97), o dicionário pomerano veio respaldar uma língua que até a data de sua publicação não havia uma concepção a respeito da grafia.
Segundo Tressmann (2005) o pomerano é uma língua ágrafa e, logo, carente de literatura escrita. Ainda segundo o autor (2005, p. 99) muitas professoras, de origem pomerana e brasileira, consideravam o pomerano 'apenas um dialeto' que, por ser uma língua predominantemente ágrafa e sem gramática normativa, não teria o '*status* oficial de língua verdadeira'.
Tressmann desenvolveu um trabalho, de aproximadamente 10 anos, para elaborar o Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português, criando assim a grafia da língua, vista por muitos até então como um dialeto. Inclusive livros posteriores, como Manske (2015) e muitos outros dependem muito dos estudos e pesquisas de Tressmann (2005; 2006).

> chegaram, eram tão pobres que não tinham condições de fazer um bolo e desta forma a palavra se perdeu. Somente ressurgiu quando os pastores trouxeram o costume de fazer bolo, mas denominado em alemão de *"Kuchen"*. Também assimilaram a palavra portuguesa *rosca*, que os pomeranos literalmente chamam de *"Roske"* (GRANZOW, 2009, p. 25).

Nesse sentido, verificam-se entre os pomeranos processos históricos similares aos que ocorrem em outros lugares. De acordo com Nora (1993), o processo de massificação midiática, no âmbito da globalização, representa uma ruptura com o passado e o fim dos processos nos quais as igrejas, famílias e escolas asseguravam a conservação e transmissão dos valores de uma sociedade-memória. Isso porque, através da mídia, a percepção histórica se modificou, e a película efêmera da atualidade substituiu a noção de herança cultural.

De fato, por causa das questões apresentadas nesta introdução, verifica-se também entre os imigrantes pomeranos um processo muito semelhante ao identificado por Nora (1993) na sociedade europeia, especialmente na França. Ou seja, há também entre os pomeranos a criação de lugares de memória. Lugares esses que se constituem pela preocupação em perpetuar uma memória que, tida como viva, parece desaparecer aos poucos. Ou seja, frente à possibilidade de seu desaparecimento, surge a necessidade de um espaço que reviva essa memória. Espaço como o de um museu, por exemplo, pois museus são marcos de outra era, e podem ser sinais de reconhecimento e pertencimento a um grupo social.

Assim, diante desse cenário, e em função da necessidade de delimitação implícita a um projeto de pesquisa, este estudo tem por objetivo analisar a identidade sócio-cultural pomerana, a partir do Museu da Imigração Pomerana de Santa Maria do Jetibá (ES), enquanto lugar de memória.

1.3 Metodologia

Do ponto de vista metodológico, a investigação caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, na qual foram utilizadas entrevistas[7] com questões abertas, através da história oral, visitas ao Museu da Imigração Pomerana e análise

[7] Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Anexo 01

documental, principalmente - mas não exclusivamente - dos arquivos do museu. Tal metodologia, além de ser frequente em estudos desenvolvidos sobre o tema por autores como Schek (2011); Delpino (2011); Domingues, et al.(2006); Moreira at al. (2010); Mancete, et al.(2009); Capucho e Jardim (2013); Jacobson, et al.(2009); Bahia (2001; 2011); Fehlerg & Menandro (2011, 2013); Nasr (2009); Ferreira, et al.(2009); Dreher (2008); Droogers (2008); Gaede (1978); Maltzahn (2011); Lima & Dias (2007); Cunha (2011, 2012); Tressmann (1998, 2006, 2008, 2011); Kuster et al. (2009); Schaeffer (2010); Bandeira & Zimmer (2011); Schaeffer & Meireles (2014); Pessoa (1995); Severo (2013); Beilke (2014) foi adequada, porque permitiu aproximar a descrição identitária dos pomeranos em relação a sua história.

Para se aproximar e conhecer a história pomerana, na lógica desse trabalho, a pesquisa de campo se desenvolveu em etapas. Nesse sentido, a trajetória empreendida envolveu, em síntese, os seguintes aspectos:

1.3.1- Pesquisa no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, localizado à Rua Sete de Setembro, 414, Centro, Vitória-ES

A relação entre os historiadores e as fontes documentais, mais especificamente as que se encontram em arquivos, não foi sempre a mesma, como nos mostram importantes e divulgados trabalhos de Historiografia (PINSKY, 2008), dos que viam os documentos como fontes de verdade, dos testemunhos neutros do passado aos que analisam seus discursos, reconhecendo seus vieses, desconstruindo o conteúdo, contextualizando suas visões, muito se passou. Motivo que me impulsionou a visita ao Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Segundo Pinsky (2008), o ingresso no mundo dos arquivos serve - principalmente àqueles que se iniciam nos caminhos da pesquisa histórica - para familiarizar o pesquisador com a rotina dos consulentes de arquivos brasileiros, e com os tipos de documentos mais frequentes. Essa relação com as fontes documentais, entretanto, não busca ver os documentos como fontes de verdade ou testemunhos neutros do passado. Mas, ao contrário, analisar os discursos dos documentos, reconhecer seus vieses, e contextualizar suas visões.

Primeiramente foi feito um apanhado geral sobre o tema “Imigração”, com

ênfase no levantamento dos registros dos primeiros pomeranos que chegaram ao Espírito Santo, no século XIX, para posteriormente verificar o registro das famílias (cadastros), e consequentemente chegar aos municípios colonizados pelos pomeranos. Tal procedimento permitiu definir o recorte da pesquisa em função do levantamento de dados no município de Santa Maria de Jetibá, município escolhido para desenvolvimento do trabalho, por ser considerado o município mais pomerano do Brasil.

No Arquivo, além da obtenção de contatos de outros pesquisadores, que já passaram pelo mesmo local fazendo levantamento de dados acerca dos pomeranos e por intermédio do funcionário do atendimento, também foi possível ter acesso a fotos exclusivas, fontes importantes, que também se constituíram em objeto de análise:

- *Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul* (GRANZOW, 2009) – registro, aos olhos do autor, sobre a inserção e permanência dos pomeranos no Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Pontua, ainda, os costumes, as dificuldades no desbravamento das terras, dentre outros. Traz um registro fotográfico do início da colonização, enfatizando o Espírito Santo.
- *Viagem pelas colônias Alemãs do ES* (WERNICKE, 2013) – com tradução de Erlon José Paschoal, o autor fala da população alemã, do interesse pelo Espírito Santo, da viagem, da chegada à alfândega, enfim, de toda a trajetória, apresentando muitas fotos, inclusive fotos da família mestiça.
- *Germânicos nas Terras do Espírito Santo* (MARTINUZZO, 2009) – traz tópicos importantes para a elaboração do trabalho, em especial no capítulo 5, no qual fala da chegada dos primeiros imigrantes a terras brasileiras, com dados pertinentes para reconhecimento desses imigrantes. O referido capítulo contém uma lista com nomes e sobrenomes, se a pessoa imigrou sozinha ou não, a origem e ano em que ancorou no Espírito Santo.
- *Pommerhochtied – um casamento pomerano no Espírito Santo* (FOERSTE & JACOB, 1997) – esta obra é totalmente lúdica, com linguagem simples e de rápida leitura, com muitas gravuras. Fala somente do casamento pomerano, com detalhes. Uma peculiaridade, que ainda não havia encontrado em outras leituras, é sobre as atividades (brincadeiras) que eram desenvolvidas no decorrer da festividade como o ‘tiro ao alvo’, brincadeira essa, da qual somente os homens participavam (nesse momento os mesmos treinavam para uma possível guerra).

- *Cidades Irmãs Pomeranas Vila Pavão (ES) e Espigão do Oeste (RO)* (JACOB, 2011) – obra que aborda a temática pomerana nos dois municípios, embora enfatize mais o Espírito Santo, traz uma parte falando da Pomerânia e a Pomerânia Capixaba. Essa obra apresenta as manifestações culturais, bem como, a língua, a arquitetura, culinária e o 'câncer ecológico' ─ mal dos imigrantes que aqui chegaram para desbravar as matas capixabas. Explana ainda alguns decretos e outras leis.
- *O município de Santa Maria de Jetibá - o município mais pomerano do Espírito Santo* (SCHWARZ, 1993) – o autor apresenta o município de Santa Maria de Jetibá como o mais pomerano do Espírito Santo. A obra discorre ainda sobre algumas questões políticas, que favoreceram as manifestações culturais e a manutenção dos costumes e da língua pomerana.

1.3.2- Pesquisa no Museu da Imigração Pomerana, localizado à Rua Dalmácio Espíndula, 32, Centro, Santa Maria de Jetibá-ES

Foram realizadas algumas visitas exploratórias como forma de conhecer um pouco mais do museu enquanto objeto de pesquisa e como lugar de memória. Foi possível constatar uma grande ausência de documentos que pudessem fundamentar a criação do Museu, partindo desse princípio, nesta parte da pesquisa, foi utilizada como metodologia de trabalho a história oral, a partir de entrevistas com consentimento livre e esclarecido, documentado para ir um pouco mais a fundo, nessa história.

Para tanto, durante as visitas nesse lugar de memória, foi possível entrevistar alguns personagens que compõem esse emaranhado de lembranças. Tais como funcionários, em especial a que acompanhou toda história desse Museu, desde sua idealização até a inauguração, a senhora Ilda Soares Vieira, personagens que contribuíram diretamente com conhecimentos específicos desse grupo étnico, como o Prof. Ismael Tressmann, bem como pessoas que estavam de uma forma ou de outras ligadas a essa história, como a senhora Zilá Potratz[8], Ilda Soares Vieira[9] e Norma

[8] Zilá Potratz, atualmente é a Secretária Municipal de Turismo do município de Santa Maria de Jetibá. À época da idealização e construção do Museu, Zilá ocupava o cargo de Secretária Municipal de Educação, além de ser a primeira dama do município. A entrevista foi concedida na Secretaria Municipal de Turismo, em 23-10-2015.

[9] Ilda Soares Vieira é funcionária do Museu da Imigração Pomerana desde sua construção, em 1991. A entrevista foi concedida nas dependências do Museu em 23-10-2015.

Lichtenheld[10]. Num momento posterior da pesquisa, em março de 2016, também foram entrevistadas pessoas da família Rodrigues[11], em sua residência em Santa Maria de Jetibá-ES: Dona Adília Rodrigues, Andressa, Marilda, Maria da Vitória e Ilda, mais conhecida como Dida.

Para tentar captar a essência e alma desse lugar e a devida importância que os depoentes tinham nesse cenário, foram realizadas algumas entrevistas, que a princípio não apresentaram roteiros muito rígidos para recolher importantes informações a respeito desse lugar. Optei por deixar os depoentes falarem com bastante liberdade, já que o grande tema havia sido definido e acordado anteriormente, os caminhos percorridos para a criação do Museu da Imigração Pomerana. Havia apenas, um roteiro aberto que ia sendo adaptado durante o fluir da conversa, por exemplo, como surgiu o interesse na criação do museu, qual o intuito do mesmo, as principais dificuldades, dentre outras questões que foram ganhando forma com os depoimentos durante a história oral.

Segundo Portelli (1996), os historiadores, que usam a história oral, trabalham não com a verdade dos fatos, mas com a autoridade da narração: uma representação do real que opera com o reconhecimento da subjetividade dos narradores. Na história oral estão presentes dois tempos: o tempo da história e o tempo da narrativa, o tempo dos eventos narrados e o tempo no qual são narrados (PORTELLI, 2007, p. 264-265).

Durante as entrevistas, foi possível perceber na narrativa utilizada, as ênfases dadas ao tempo e à história contada, além de uma nostalgia por partes daqueles ligados diretamente ao museu, como as funcionárias, em especial a senhora Ilda. Esta sempre procurando ser cautelosa, ponderada na fala, procurando os vocábulos adequados para esconder e/ou não deixar transparecer lacunas evidentes e interesses latentes da construção do museu. A todo momento, meticulosa assim como a depoente Zilá Potratz, primeira dama à época da construção do referido museu. Por outro lado, ficava evidente por parte daqueles, com conhecimentos mais técnicos, como o Prof. Tressmann, a objetividade, complexidade, e interesse fim desse lugar de memória, a preservação da história de um grupo imigrante. Impressões que puderam ser compreendidas de acordo com o interesse final desse espaço, enquanto as

[10] Norma Lichtenheld é funcionária do Museu da Imigração Pomerana. A entrevista foi concedida nas dependências do Museu em 23-10-2015.
[11] A entrevista com a Família Rodrigues foi concedida na residência da senhora Adília Lírio Rodrigues, na cidade de Santa Maria de Jetibá-ES, em 24-02-2016.

primeiras apresentavam mais sensibilidade e sentimento em suas narrativas, os segundos se apresentavam com maior objetividade e sensatez.

Para Pereira (2008) ao adentrar no campo da história oral, é importante ressaltar que a grande utilidade das fontes orais reside na possibilidade de se conhecer menos os ‘eventos’ e mais seus significados para os atores; menos os ‘fatos’ e mais o rearranjo interpretativo e a percepção das mudanças, seguindo os narradores. É através da observação desse trabalho de memória, de selecionar situações, comportamentos, valores e normas, realizado pelos indivíduos, que o pesquisador pode atuar na busca da compreensão do processo de construção da identidade de grupos, em especial do imigrante pomerano.

Para além do rigor da objetividade, a história oral não está comprometida com o positivismo de uma informação datada e precisa. Destarte, o relato aqui apresentado tenta contemplar, na mesma narrativa, depoimentos que, tendo de tudo um pouco, mesclam dados subjetivos, dissimulações talvez fortuitas e lembranças afetivas (CASTRO e VARGAS, 2005).

Todavia, como os depoentes da presente pesquisa, não são poucos os indivíduos que igualmente vivenciam tais processos de busca da origem e construção da própria identidade. Tais experiências devem ser compreendidas no contexto das transformações sofridas pelas sociedades contemporâneas.

Deste modo, não se pode perder de vista a dimensão dialógica desses encontros, onde participantes - depoentes e pesquisadores - portam distintas subjetividades, vivências, tradições e pontos de vista sobre a vida e sobre o mundo (PEREIRA, 2008). Cada encontro pode ser considerado um momento de aprendizagem, no qual horizontes se fundem, com o ambicioso desejo de reconstruir o cotidiano do imigrante pomerano, materializado através do museu.

1.4 Pesquisa em Vitória por meio de entrevistas

Nesta etapa da pesquisa, realizada na cidade de Vitória-ES, foi possível entrevistar a historiadora Profª. Regina Rodrigues Hess e o Museólogo e Prof. Dr. Sebastião Franco, idealizadora e responsável técnico pela organização e estruturação

desse lugar de memória, respectivamente, e ir um pouco mais além da emoção, da nostalgia, da subjetividade e das narrativas afetivas envoltas ao Museu da Imigração Pomerana como um lugar de memória, como apresentadas no texto anterior.

Todavia, esta subjetividade pode e deve ser entendida como parte da entrevista, sendo respeitada em sua especificidade, é preciso assimilar as distintas pluralidades de determinado evento, contexto histórico e social, que permita conhecer as relações sociais e as dinâmicas que se inserem ao objeto de estudo, e que fornece múltiplas verdades do mesmo objeto.

Para Gomes e Oliveira (2010), tornar a mudança de sentido o ponto de tensão hermenêutica, nos possibilita refletir sobre as relações sociais que se estabelecem no processo de constituição da significação de um objeto.

Também utilizando a mesma metodologia das entrevistas realizadas *in locu* no Museu, foi possível explorar o conhecimento técnico da historiadora e do museólogo e perceber a partir desse ponto, como o caminho ideal e o real, o desejado e o possível foi traçado para a concretização desse espaço, como foi a ideologia, a elaboração, e a execução do projeto inicial, tanto idealizado por Helmar Potratz, quanto por outros, quanto o possível, o real, com conhecimentos técnicos, orientados pelo viés acadêmico.

Durante a entrevista com a senhora Hess, e o museólogo, percebemos que havia ideologias que ora se cruzavam, mas que também ora se afastavam frente o real objetivo de construção do Museu da Imigração Pomerana. E são esses extremos, esses ideais, as lacunas e histórias não contadas, que foram suplantadas que estruturam os capítulos a seguir.

2. O lugar de memória como referencial teórico para a pesquisa

O objetivo deste capítulo consiste em configurar os referenciais teóricos da pesquisa empreendida, tendo em vista as apropriações que a Psicologia Social faz dos estudos de memória social. Sobretudo porque o interesse em conhecer lugares onde a memória tende a se fixar vai ao encontro de momentos da história coletiva. Nessas situações surgem reflexões sobre a articulação da ruptura do passado com a concretização do sentido de continuidade histórica, reflexões, aliás, típicas dos locais de memória.

Do ponto de vista da comunidade pomerana em solo capixaba, para que serviriam esses locais de memória? O que seriam esses lugares? A instituição de um lugar de memória pomerana serviria para simplesmente contar, apresentar a história de um povo apenas, ou seria para fortalecer vivências a ponto de não deixá-las morrer? Respostas a essas questões são, por vezes, individuais, pois como há um forte sentimento que liga o indivíduo ao seu passado, resultando nas mais diversas memórias afetivas, seria quase impossível uma resposta objetiva.

Portanto, seriam esses lugares de memória somente aqueles que se resultam em estruturas físicas? Que ganham corpo e forma? E aqueles que não possuem paredes, mas que ganham forma e cor na fala, no coração, na inspiração? Memórias que são contadas, passadas por gerações que também não deixam de ser lugares de memória, como comemorações, festas, língua, tradições familiares, costumes, além do patrimônio arquitetônico e seu estilo, que nos acompanham por toda a nossa vida, as paisagens, as datas e personagens históricos de cuja importância somos incessantemente relembrados, certas regras de interação, o folclore e a música, e por que não, as tradições culinárias (NORA, 1993; POLLAK, 1989).

Isso se torna possível porque preservar a memória é dar continuidade à vida, esta em constante evolução, possibilitando uma discussão entre lembranças e esquecimentos; é um elo vivido no eterno presente. A memória é afetiva, carregada de lembranças vagas, particulares, simbólicas, sensíveis à transferência; traz lembranças ligadas ao sagrado; fixa-se no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.

2.1 Referenciais teóricos que circunstanciaram a pesquisa

O enfoque sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo, pelo faturamento do espaço vivido, como também pelo pânico do desaparecimento e do esquecimento (HUYSSEN, 2000, p. 19-20).

Na concepção de Pierre Nora (1993), os lugares de memória surgem a partir do momento em que a memória se torna o resultado de uma organização voluntária, intencional e seletiva. Por isso a necessidade de acumular vestígios, testemunhos, documentos sobre o passado, que se tornarão provas e registros daquilo que se foi. Instituições como museus, arquivos e bibliotecas surgem com a finalidade de salvaguardar uma memória que deixou de ser múltipla e coletiva, para se tornar única e sagrada. “Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 1993, p. 14). Destarte, os lugares de memória nascem do sentimento de que não há memória espontânea.

A necessidade de memória é uma necessidade da história. Aceitamos isso, mas com a consciência clara da diferença entre memória verdadeira, abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios em que se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias de impregnação e os saberes reflexos e a memória transformada por sua passagem em história.

O que chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar. Esses repertórios também são aqueles que vêm da família, propriedade transmitida pelos ancestrais, passado por gerações.

Segundo Nora (1993), a passagem de memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou muito, assim, o círculo dos historiadores profissionais. Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir à

busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. Não há mais nenhuma família ou grupo em que pelo menos um membro não se tenha recentemente lançado à reconstituição mais completa possível das existências furtivas de onde a sua emergiu.

Havendo, assim, um deslocamento decisivo que se transfere da memória: do histórico ao psicológico, do social ao individual, do transmissivo ao subjetivo, da repetição à rememoração (NORA, 1993). A psicologização integral da memória contemporânea levou a uma economia singularmente nova da identidade do eu, dos mecanismos da memória e da relação com o passado. Sendo assim, os lugares de memória pertencem a dois domínios – que a tornam interessante, mas também complexa – simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos a mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração.

Esses lugares de memória, tanto no sentido concreto quanto abstrato, tornam-se, realmente, lugares de memória quando carregam em si significados importantes, nos três sentidos da palavra, *material* (por seu conteúdo), *funcional* (pois garante a cristalização da lembrança e sua transmissão) e *simbólica* (por caracterizar uma experiência vivida), os quais coexistem sempre, porém em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Porém, conservar espaços como museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, processos verbais, monumentos, santuários e outros para visitação e pesquisas sem as significações mencionadas anteriormente seria simplesmente esvaziá-los daquilo que os fazem lugar de memória, o sentimento. Ou seja, na falta dessa intenção de memória esses lugares serão apenas lugares de história, perdem a essência nostálgica.

Enfim, o lugar de memória é um lugar duplo: um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (NORA, 1993).

O diferencial, neste caso, não está no reconhecimento do poder da memória, mas sim na colocação das instituições de memória a serviço do desenvolvimento social, bem como na compreensão teórica e no exercício prático da apropriação da memória e do seu uso como ferramenta de intervenção social.

Sendo assim, a tendência para a celebração da memória é responsável pela

constituição de acervos e coleções personalistas e etnocêntricas, tratadas como se fossem a expressão da totalidade das coisas e dos seres ou a reprodução museológica do universal, como se pudessem expressar o real em toda a sua complexidade ou abarcar as sociedades através de esquemas simplistas, dos quais o conflito é banido por pensamento mágico e procedimentos técnicos de purificação e excludência (CHAGAS, 2002).

Para Santos (2002), diversos atores, sejam eles indivíduos, grupos ou nações, utilizam a memória com o objetivo de fortalecer identidades e defender interesses específicos. Podemos, portanto dizer segundo Pollak (1992, p. 204) que a “memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Ou seja, assim como a memória coletiva está estreitamente ligada à identidade do mesmo gênero, a memória individual se situaria como vetor constitutivo da identidade do eu (LOVISOLO, 1989).

Todavia, Silva (1999) reforça que o reconhecimento da identidade perpassa pelas referências que estes indivíduos e/ou coletividades acumularam ao longo da sua trajetória histórica. No momento em que examina seu passado, o grupo nota que continua o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo (HALBWACHS, 2003). Entretanto, a afirmação ou negação de uma identidade, só se efetiva quando em confronto com o desconhecido; ou seja, é a partir da percepção da diferença que confirmamos ou não a nossa própria identidade.

Dentro do contexto apresentado a respeito dos lugares de memória, nos limitaremos ao museu enquanto esse lugar, mais especificamente ao Museu da Imigração Pomerana, no município de Santa Maria de Jetibá-ES, localizado aproximadamente a 80 km da capital Vitória. Para esse tipo de museu, a celebração do passado é a pedra de toque. O culto à saudade, aos acervos valiosos e gloriosos é o fundamental. O museu se torna o guardião da memória de um povo, testemunha o passado e se transforma em princípio de ação do presente para o futuro.

2. 2 O Museu como lugar da memória

O Museu da Imigração Pomerana é um espaço de memória, mas também de identidade no qual as pessoas contam narrativas, prospectam as memórias dos primeiros imigrantes e do lugar que encontram, proclamam as consciências históricas, alimentam expectativas para um desenvolvimento local mais harmonioso com a memória; mas é também espaço de fronteiras reais e imaginárias ilustradas nas representações dos objetos e documentos ali encontrados. A sua função ultrapassa um mero exercício de reativação da memória para se tornar uma memória processual, dinâmica e libertária que eduque para a cidadania local.

Para Mendes (2012) a continuidade e permanência da memória em uma sociedade são ilustradoras da existência de uma determinada “comunidade de memória” que serve de correia de transmissão da mesma às gerações futuras. Dessa forma, percebemos que o museu, além de ser um lugar de memória, apresenta outra finalidade, essa de cunho não só didático, mas também de prevalecer o argumento de “autoridade”, quando o que importa é celebrar o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos. No caso o imigrante pomerano sobre o nativo, uma vez que o primeiro não se “permitiu” apropriar da cultura local.

De uma forma geral, os primeiros imigrantes que aqui chegaram, e que poderíamos identificar como pertencentes à primeira geração sofreram um possível abandono do Estado, ficando a mercê e ao relento de toda sorte, condicionando dessa forma, a um isolamento natural desse grupo étnico. Tal isolamento não era sinônimo de resistência frente à diversidade que os circundava, como a nova língua, por exemplo, mas toda dificuldade encontrada, associada ao descaso e isolamento relegado pelo governo, favoreceu para que os primeiros imigrantes procurassem manter os hábitos de origem, como se perpetua nos dias de hoje entre os imigrantes pomeranos no município mencionado, então o papel do museu é o de reforçar esses hábitos, evitando, ou ao menos tentando, que eles se percam através das gerações.

Não por outra razão, esse grupo étnico, vivencia um processo permanente de reconstrução identitária e, por isto, empreendem o retorno ao passado, que pode ser real ou imaginário, onde buscam ou reencontram a origem familiar. Nesse processo, a memória é elemento constituinte e imprescindível, pois é selecionando e organizando episódios, fragmentos de informações, experiências, enfim, que os indivíduos constroem suas identidades sociais.

Na perspectiva de propagar essa história, costumes e tradições, Hollanda (2011) apresenta esses espaços assumindo cada vez mais sua função social junto à população, enquanto casa de conhecimento, vivência e transformação. Não faz muito tempo, museus eram vistos como instituições aristocráticas, distantes do povo que aos poucos, começou a mudar, os museus se fortalecem como espaços mais próximos da população, que não precisam apenas existir para serem públicos, precisam também interagir; não só abrir portas, mas também abrir caminhos.

Moraes (2009) reforça a passagem acima dizendo que o museu era lugar de memória oficial, da consagração e estetização do autoritarismo e exclusivismo de grupos sociais dominantes e de produção de uma história que não encontrava relações com o contexto em que existia. O museu transformou-se em um lugar de prazer, aprendizado e troca. De um modo e de outro, fica patente a dimensão de humanidade dos museus: eles não são apenas casas que conservam e preservam vestígios e sobejos do passado; também são fontes de sonho e de criatividade e pontes que nos conectam com o futuro.

As transformações socioculturais nos dias de hoje exigem novos processos reflexivos que têm na memória um elemento reformulador e transformador da sociedade; não faz sentido refletir sobre a memória enquanto elemento estático, servindo de baú dos vestígios e lembranças do passado. A memória é uma realidade dinâmica que intervém no processo de tessitura social, ilustrando elementos de formação cívica e de transformação social. Por ser uma realidade multidimensional, a sua fragmentação e recomposição encontram-se relacionadas com os mecanismos de construção e reconstrução identitária dos indivíduos (MENDES, 2012).

Mesmo com essa função social reiterada por Hollanda (2011), esses lugares de memória, especificamente o museu, estando mais próximo das pessoas, não deverá perder sua real intenção, de ser realmente um guardião da memória. Pollak (1989) enfatiza que a referência ao passado, seja através do museu, seja através das lembranças proporcionadas por esse lugar de memória, serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis.

Os museus se tornam espaços de tradução, da fusão de horizontes, de encontro entre os diferentes olhares. De acordo com Nascimento Júnior (2011) hoje

essas casas da memória são realização humana do desejo de encontro, mesmo que seja do passado com o presente, da lembrança com o sentimento, da dor com a saudade, do encontro entre os diferentes olhares.

No presente, o museu almeja construir os fatores que nos fazem pertencer, existir, ou seja, são locais da sensibilidade, das emoções que os suportes de memória possibilitam e não mais como no passado de cumprir um papel de disciplinar hábitos e costumes como apresentados nos modelos mais antigos com estrutura arquitetônica de galerias em que o percurso do visitante é totalmente dirigido como apresentou Santos (2002) sem a possibilidade de interação.

Além disso, são também princípios fundamentais dos museus o cumprimento de sua função social, a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental, o respeito à diversidade cultural e à universalidade do acesso, e ao intercâmbio institucional.

Dessa forma, da modernidade ao mundo contemporâneo os museus passam a ser reconhecidos pelo poder de produzir metamorfoses de significados e funções, por sua aptidão para a adaptação aos condicionamentos históricos e sociais e sua vocação para a mediação cultural. Eles resultam de gestos criadores que unem o simbólico e o material, que unem o sensível e o inteligível. Por isso mesmo, cabe-lhes bem a metáfora da ponte lançada entre tempos, espaços, indivíduos, grupos sociais e culturas diferentes; ponte que se constrói com imagens e que tem no imaginário um lugar de destaque (CHAGAS, 2011).

No museu a ser estudado neste trabalho, como um espaço institucional que, se preocupa basicamente com a produção cultural da sociedade, deve-se (SILVA, 1999) potencializar as qualidades referenciais que os seus acervos possuem para explicitar a diversidade das identidades culturais e sociais do seu povo, no caso o imigrante pomerano com toda sua peculiaridade. O que está em jogo na memória neste texto é também o sentido da identidade individual e do grupo (POLLAK, 1989, p. 10).

Com relação à noção de identidade, Oliveira (1976) considera que ela abrange níveis que são objeto de estudos dos psicólogos, antropólogos e sociólogos. Esses níveis nos mostram que as dimensões individual e coletiva estão interconectadas e, dessa forma, é possível compreendermos a noção de identidade como parte de um mesmo fenômeno, situado em diferentes níveis de realização. O autor salienta

também, que para a compreensão da identidade coletiva, em sua expressão étnica, é fundamental a apreensão de mecanismos de identificação, porque eles refletem a identidade em processo: como é assumida por indivíduos ou grupos em diferentes situações concretas.

Além disso, Pereira (2008) esclarece que não podemos nos deixar levar pelas definições *essencialistas* da identidade e pensarmos que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características que *todos* os membros de um determinado grupo nacional partilhariam e que não se alterariam ao longo do tempo. Ao contrário, é necessário estarmos atentos para as diferenças, as características comuns compartilhadas, tanto entre os membros dos grupos nacionais, quanto entre estes e os outros grupos locais do país de acolhimento, além de olhar com atenção para as mudanças surgidas ao longo do tempo, sofridas pelo próprio grupo.

É importante ressaltar que mesmo quando categorias de identificação nacional de um grupo levam em consideração as diferenças culturais, não basta pensar que se pode arrolar uma lista de semelhanças e diferenças culturais existentes entre o grupo para reconhecê-los (BARTH, 1998).

Portanto, vale considerar que a construção de identidades é tanto simbólica quanto social, ou seja, é simbólica porque os grupos comungam uma série de atitudes, práticas e representações que conformam um conjunto de recursos simbólicos e característicos, chegando a definir quem é excluído e quem é incluído; e é social porque os grupos estão permanentemente em oposição e se diferenciando de outros grupos.

Nos museus normalmente encontram-se os testemunhos materiais de determinados grupos e períodos históricos (CHAGAS, 2002; PEREIRA, 2008). No entanto, a esses testemunhos materiais (alguns com valor de mercado) associam-se valores simbólicos e espirituais de diferentes matizes. Assim, o tesouro guardado nos museus não está necessariamente relacionado a valores monetários (CHAGAS, 2002; POMIAN, 1994).

De acordo com Santos (2002) os museus, apesar de terem o privilégio de lidar com significados, são parte de nossa sociedade e devem ser compreendidos, em parte, pelas transformações por que ela passa. Para melhor compreender o que são, para que servem e a quem servem os museus é sempre necessário considerar os

diversos elementos do passado e do presente que se combinam em sua constituição.

Assim os objetos exprimem simbolicamente identidades individuais, como também demarcam posições sociais, permitindo que os integrantes do grupo familiar exprimam e compartilhem uma identidade comum. Quando são colecionados, passam a representar simbolicamente práticas sociais, atitudes, valores e sentimentos cultivados pelo grupo e que devem ser mantidos pelas gerações subsequentes (PEREIRA, 2008). Compreender, nas ressignificações, as tramas das relações sociais envoltas nos processos de construção do passado através dos objetos, requer atenção para os interesses do presente (GOMES e OLIVEIRA, 2010).

Santos (1989; 1992; 2002) corrobora que os objetos presentes nos museus são resultados de uma multiplicidade de construções sociais e representações coletivas. Os museus recontam histórias que já foram contadas. A possibilidade de múltiplas leituras resgata para o campo museológico a dimensão do litígio: é sempre possível uma nova leitura. Para Halbwachs (2003) esses objetos, reconduziriam à sensação de familiaridade que temos quando um objeto visto ou evocado determina em nosso corpo os mesmos movimentos de reação que tivemos no momento em que anteriormente o percebemos. Sendo assim, reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos, sentimentos ou a um acontecimento distante no tempo, a um momento de nosso passado.

Cada objeto reencontrado e o lugar que ele encontra no conjunto nos recordam uma maneira de ser comum a muitas pessoas e, quando analisamos esse conjunto e lançamos nossa atenção a cada uma dessas partes, é como se dissecássemos um pensamento em que se confundem as contribuições de certa quantidade de grupos.

Para Chagas (2011), talvez fosse adequado, para melhor compreendê-los em uma perspectiva crítica, aceitar a obviedade: os museus são lugares de memória e de esquecimento, assim como são lugares de poder, de combate, de conflito, de litígio, de silêncio e de resistência; em certos casos, podem até mesmo ser não-lugares. Toda a tentativa de reduzir os museus a um único aspecto corre o risco de não dar conta da complexidade do panorama museal no mundo contemporâneo.

Trabalhar com a perspectiva de um movimento de memória que se conecta

estrategicamente ao presente sem querer esquecê-lo, mas olvidando necessariamente alguns aromas do passado, conduz o investigador ao reconhecimento de que aquilo que se anuncia nos museus não é a verdade, mas uma leitura possível, inteiramente permeada pelo jogo do poder. Onde há memória há esquecimento (CHAGAS, 2002).

Percebemos, portanto, uma possível tensão. Tensão entre a mudança e a permanência, entre a mobilidade e a imobilidade, entre o fixo e o volátil, entre a diferença e a identidade, entre o passado e o futuro, entre a memória e o esquecimento, entre o poder e a resistência. E é por isso, é por serem tensão e processo, é por estarem em movimento que os museus – visto como casas de sonho, de criação, de educação e de cultura – interessam aos movimentos sociais, aos movimentos étnico-raciais, aos movimentos que lidam com questões de gêneros, de identidades, etc.

3. A criação e surgimento do museu

Este capítulo visa analisar, segundo perspectiva histórica e psicossocial, o Museu da Imigração Pomerana, localizado à Rua Dalmácio Espíndula, 32, em Santa Maria de Jetibá-ES, inaugurado em 1991, e instalado em uma casa com características tipicamente pomerana, onde funcionava a Estação de Fruticultura, órgão vinculado ao Governo Estadual. Lugares como esse Museu, que nasceram de um desejo de fazer lembrar, foram denominados *lugares de memória* por Pierre Nora (1993). Assim, conforme já referido nesta dissertação, tais lugares são referências materiais, simbólicas e funcionais, com as quais indivíduos e grupos se identificam, e em torno dos quais se agregam, o que lhes garantem o sentimento de pertencimento. Os 'lugares de memória' podem ser tanto grandes rituais e momentos como comemorações e álbuns de retratos, que materializam sinais de pertença de grupo ou de um indivíduo a uma sociedade (NORA, 1993, p. 13).

Para desenvolvimento deste capítulo, em um primeiro momento, foram realizadas algumas visitas ao Museu da Imigração Pomerana, como forma de conhecer a história desse grupo étnico tão peculiar, por meio da análise da vinda dos imigrantes no século XIX, conforme exposto em painéis, mapas, documentos, fotos, roupas e objetos da época. Em um segundo momento, contudo, buscou-se conhecer pessoas, ouvir casos e histórias a respeito desse lugar de memória, o museu, com a finalidade de compreender como o referido espaço contribui para a construção identitária do imigrante pomerano e a preservação da memória dessa migração.

Ou seja, para conhecer um pouco mais essa criação percorreremos um longo caminho de buscas, descobertas, curiosidades, poucas respostas e inúmeras perguntas, além da junção de peças que nos levam ora a esclarecimentos, ora a mais dúvidas sobre a criação desse lugar de memória. É possível, portanto, perceber que entre idealização e concretização desse espaço, existem muitas lacunas nas versões que são contadas.

3.1 O museu com um lugar de memória oriundo da emancipação municipal

De acordo com a versão de algumas pessoas entrevistadas, com vínculos formais e empregatícios com o município, o Museu foi idealizado pelo senhor Helmar Potratz, descendente de pomeranos e então prefeito do município de Santa Leopoldina-ES, que atendendo aos anseios da população, engajou-se na luta pela emancipação do então distrito de Jetibá.[12]

Segundo a senhora Ilda Soares Vieira, funcionária do município de Santa Leopoldina à época do mandato do senhor Helmar Potratz, ele tinha a ideia fixa de montar um espaço onde pudesse materializar a história desse povo (no caso o imigrante pomerano) com a emancipação de Santa Maria de Jetibá, *"porque ele via a necessidade de estar trabalhando, no sentido de preservar a cultura, porque a mesma já estava se perdendo"* [13](Ilda Soares Vieira, 2015). Com a emancipação do município, senhor Helmar se tornou o primeiro prefeito do local, precisando, portanto, de pessoas de sua confiança para que pudesse administrar. Dessa forma a depoente se muda para o novo município para se tornar funcionária do então idealizado local de memória, o museu, mas ainda não concretizado.

Segundo Nora (1993, p. 23) esses são 'locais onde a memória se cristaliza e se refugia, capazes de parar o tempo, bloquear o trabalho ao esquecimento, imortalizar a morte, materializar o imaterial'. Nesse sentido, os indivíduos, ao instituírem e manterem 'lugares de memória', entram em contato com o próprio passado e, assim, reencontram o pertencimento a um dado grupo. Reforçando, dessa forma, o ideal de Helmar Potratz, a criação de um espaço onde se pudesse preservar a história do imigrante pomerano.

De acordo com Halbwachs (2013) a história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência. Percebemos, portanto, que história é mais que passado, é viva.

---

[12] Sua formação administrativa se deu através da alteração do Distrito de Jequitibá, pertencente até então a Santa Leopoldina, pelo decreto-lei estadual nº 15177, de 31-12-1943 para Jetibá. Foi levado à categoria de município com a denominação de Santa Maria de Jetibá, pela lei estadual nº 4067, de 06-05-1988, desmembrando assim de Santa Leopoldina. Sua Sede se deu no antigo distrito de Jetibá, atual Santa Maria de Jetibá.

[13] Depoimento concedido nas dependências do Museu em 23-10-2015.

Com o firme propósito de tirar do papel a proposta de se criar esse espaço para preservar a memória de um povo, o primeiro prefeito de Santa Maria de Jetibá, Helmar Potratz, monta uma base de aliados que comungavam do mesmo ideal, que aos poucos vai ganhando forma.

Porém, antes desse momento, surge outra questão. De acordo com a senhora Zilá Ferreira Potratz, hoje Secretária Municipal de Turismo e primeira dama à época da criação do museu, *"quando há emancipação de um município você pensa em três coisas: primeiro construir o município, segundo uma biblioteca, terceiro o museu para a história do povo não se perder"*. Contudo, de acordo com a então secretária, o que foi criado primeiro foi a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo, e ela além de primeira dama, torna-se a secretária de tal pasta. Em seu depoimento, a mesma pontua ao referido prefeito: *"a primeira coisa que eu quero fazer é uma biblioteca, biblioteca é sinal de povo instruído numa cidade. E a segunda coisa é um museu. Por quê? Para preservar, conservar a cultura da população".*

Mas de acordo com os rumos dessa história, outras lacunas surgem. A criação desse lugar de memória teria realmente como objetivo final a preservação da história, dessa cultura, ou seria apenas um mecanismo político para criar empregos para correligionários?

Uma vez que se percebe com os primeiros depoimentos que a primeira funcionária - amiga e pessoa de extrema confiança de senhor Helmar, veio com ele de Santa Leopoldina para trabalhar no novo município, administrado por ele. Além da primeira dama, à época, ser também a secretária de um importante segmento do governo. Qual o real mecanismo que justificava a criação do museu como local de memória? Celebrar a imigração? Criar novos empregos na administração municipal? A criação do museu seria realmente uma proposta para se preservar a memória ou havia uma pretensão política incutida, uma vez que permitiria dar conta às expectativas surgidas no período da emancipação?

Ou seja, o que estava em jogo era a memória da imigração pomerana ocorrida há muitas décadas, ou a memória da emancipação do município, aspecto político muito mais recente? Tal indagação tem a relevância de mostrar que a pesquisa de campo constatou que o museu não apenas funcionava como um lugar de memória, mas um lugar de disputas por diferentes memórias.

É possível afirmar, em linhas gerais, que o Museu da Imigração Pomerana foi inaugurado em 20 de julho de 1991[14], com instalações em uma casa com estrutura tipicamente pomerana. De acordo com o relato da funcionária Ilda Soares Vieira, nessa casa funcionava a Estação de Fruticultura, um órgão do estado. Segundo a funcionária nesse espaço se plantava e distribuía mudas de frutas, "*havia algo em torno de 600 qualidades de uvas, muitas, porque o espaço era muito grande, havendo, portanto, necessidade do presidente da Estação, senhor Francisco Schwarcz, morar no local, então foi construída aquela casa"* (aponta para um quadro na parede[15]), por volta de 1930. E continua... "*como a produção (frutas) era algo perecível, que estragava com muita facilidade, e o acesso à Vitória era muito difícil, então a Estação não deu certo."* [16]

A partir desse momento, o então prefeito Helmar Potratz adquiriu a casa e foi colocando em ação seus planos, mencionados anteriormente: a criação de um lugar de memória da cultura pomerana, o museu. Vale lembrar, contudo, que ao longo desse período, na verdade, existiram dois museus, ou, mais propriamente, duas instalações, porque a original foi demolida. Demolição essa que também envolve disputas pela memória, pois embora a casa original fosse bem parecida com a atual, o que poderia ter acontecido para que a original pudesse ser demolida? Que aspectos apresentava que interferiu na restauração da mesma? Por que construir nos mesmos moldes pomeranos? Enfim, algo também a ser esclarecido.

A atual estrutura do museu[17], tentava preservar a história, segundo a entrevistada: "*procuraram manter a mesma arquitetura, apresenta um ar mais alegre, mais animado, um aspecto mais leve, normal e a outra não, a original tinha um aspecto de assombroso. Tinha umas coisas escuras, escada totalmente diferente. Mas era assim perfeita, era linda!!! Enfim, conseguimos montar o museu"* (Ilda Soares Vieira, 2015).

---

[14] Com relação à data de inauguração do Museu, Hess (2015) apresenta 20 de julho de 1991, na então administração do prefeito Helmar Potratz. Embora a placa afixada à entrada do Museu, em Santa Maria de Jetibá, nada fala sobre a inauguração do mesmo, apenas apresenta a data como sendo 10 de junho de 2010, na administração do prefeito sr, Hilário Roepke. Contradizendo, 'supostamente', diversos escritos a respeito da data de inauguração do referido Museu. A placa encontrada à entrada do Museu, também não identifica em nenhum momento a Historiadora Regina Rodrigues Hess e o Museólogo Sebastião Pimentel Franco, técnicos responsáveis pelo mesmo à época da construção.

[15] Foto da Casa original onde foi instalado o museu, posteriormente é apresentada a foto mais atual, em relação à primeira. Anexo 02.

[16] Nesse relato também há algo a ser contingenciado, uma vez que a Lei nº 085/1991, que dispõe sobre a denominação do Museu, traz em seu artigo 1º que o prédio foi cedido em comodato pela COOPE-AVI (Cooperativa Avícola) com fim específico para implantação do Museu e não como um local onde funcionava a Estação de Fruticultura, como mencionado pela depoente.

[17] Foto da atual arquitetura do Museu da Imigração Pomerana. Anexo 03.

Esse depoimento, contudo, traz mais indagações que esclarecimentos. Por que demolir a casa original se era “assim tão perfeita, tão linda!”? Em muitos municípios são feitas obras sem necessidade factual, porque há demandas que nem sempre são muito esclarecidas, mas que são de real importância para uma análise em psicologia social, que está mais interessada em investigar as motivações sociais latentes do que reificar os motivos manifestos. Sobretudo porque trazem à tona dinâmicas da sociedade relativas à dinâmica financeira e às alegações ideológicas. Na investigação de campo, porém, as explicações aludidas para a demolição da casa original eram basicamente voltadas às árvores que existiam no local:

“Estas [árvores] *muito grandes aqui na frente, coisas mais lindas as árvores, as raízes começaram a entrar debaixo da casa, começou a danificar a estrutura, então a gente fechou e passou para outros espaços”*. (Depoimento de Ilda Vieira Soares, 2015)

E foi assim demolido, reconstruído e reinaugurado, em 2010, o museu como hoje se apresenta. E como se pode analisar no anexo de número 03, há uma pequena alteração na estrutura das casas, a primeira, a antiga, possui 6 janelas frontais, a atual, apenas 5, embora se tenha mantido o espírito da arquitetura pomerana.

O trabalho de campo incluiu também a busca pela documentação do museu. Segundo as funcionárias entrevistadas, a criação do museu passou por todos os trâmites legais, tais como leis, normativas, projetos, enfim, toda legislação para criação do mesmo. De posse de tais informações, foi realizada uma visita na Câmara Municipal para pesquisar os referidos documentos, porém nessa busca, o que foi possível encontrar foram apenas contradições e muita desinformação por parte daqueles ligados ao legislativo. Ninguém sabia do que se tratava, onde poderiam ser encontrados tais documentos. Cada pessoa que tinha acesso me transferia para uma próxima, até que o próximo paradeiro foi o gabinete do prefeito, onde também não obtive sucesso.

Ao final da busca, o único documento encontrado na Câmara Municipal foi a lei de n. 085/1991[18] que dispõe em seu art. 1º - Fica denominado “Museu da Imigração Pomerana” o prédio que foi cedido em comodato pela COOPE-AVI com o fim específico de implantação de um Museu, conforme já mencionado anteriormente.

[18] Anexo 04.

De fato, no decorrer do trabalho de campo, nos deparamos com muitas histórias (em que certas informações eram passadas em *off*), saudosismos e lembranças por parte daqueles que relatavam os fatos. Com relação aos artefatos de médias e grandes dimensões, como antigos utensílios domésticos e peças de mobiliário, eles são visíveis a qualquer visitante, assim que atravessa a porta de entrada, encontrando-se espalhados por todos os cômodos da casa (PEREIRA, 2008), transportando o visitante para um passado materializado no presente nesse espaço de lembranças. No entanto, ainda sobre a estrutura física do museu, nos foi relatado que quando o senhor Helmar teve a ideia de montar o museu, a sistemática não seria a que hoje se apresenta. Pois, ao adquirir a antiga casa pomerana, esta seria montada, em anexo, ao espaço que abriga o museu. A própria casa, anexa ao museu, é que seria então mobiliada como uma casa tipicamente pomerana, com móveis, objetos e todos os pertences da época.

Esse detalhe merece ser ressaltado porque, segundo Maurice Halbwachs (2013), não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. O espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. O autor pontua ainda que é ao espaço, ao nosso espaço que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2013, p. 170).

Importante ressaltar que a casa também possui uma vida de relação doméstica e social, ela interage com o mundo da rua e, dessa maneira, há um local para ‘receber’ e este, por mais simples que seja, pode ser um pequeno museu. Ainda que as casas se diferenciem em função das condições sociais, culturais e econômicas daqueles que a habitam, o que diversifica a natureza de todos os seus objetos, mesmo assim ocorre um processo de museificação dos objetos (DE SETTA, 1984, p. 110). Ou seja, além de fornecer o abrigo, outra função da casa é a de ‘lembrar’ a origem dos seus moradores, as experiências vividas, o passado familiar, a história do próprio grupo, já que os objetos que a constituem são a representação material de um passado.

Observando esse processo de musealização das residências domésticas, De Setta (1984, p. 110) chama atenção para a estreita relação existente entre a casa-museu e o museu-instituição. Embora sejam instâncias que se diferenciam em função

da qualidade e dos recursos, ao fim e ao cabo, cada um irá construir o seu sacrário pessoal com os objetos que herdaram ou compraram. É desse modo que os indivíduos satisfazem o anseio de manter uma relação privada com ‘sua’ própria imagem do passado, da história. Assim, a casa é o espaço que abriga a família, princípio e meio para os indivíduos vivenciarem o sentimento de uma identidade socialmente condividida (PEREIRA, 2008).

Embora a intenção de Helmar Potratz fosse organizar um espaço de preservação da memória pomerana, onde os visitantes pudessem realmente ‘viajar’ no tempo e sentir como realmente vivia o imigrante pomerano, com suas dificuldades e precariedade, uma dúvida restava. Segundo Ilda Soares Vieira, funcionária do Museu e amiga de Helmar Potratz:

> “*Por ser um museu com uma história e acervo tão singular, se a pessoa chegasse e visse muitos objetos, se sentisse realmente parte do contexto, poderia se entreter com os objetos e deixar a história, a narrativa em segundo plano, não dando a devida importância ao contexto”.*

Segundo essa depoente e funcionária do museu, senhora Ilda, que o acompanhou na reestruturação do museu, os planos mudaram. Ele (senhor Helmar) teria pensado: *“que se a pessoa chegasse e lesse a história ia ter curiosidade em visitar a casa”*, perfazendo assim o caminho contrário à ideia inicial. Porém Ilda lamenta, *“infelizmente, nós não conseguimos montar a casa, aí a gente colocou os objetos aqui e integrou na história”*. Dessa forma, a ideia do museu se resumiu em uma casa que ficasse exposta somente a história, desde a história da Pomerânia, os tempos de imigração, suas conquistas, até os tempos recentes, incluindo objetos e pertences da cultura pomerana.

De forma explícita é apresentado, logo no primeiro espaço do museu, a história da imigração pomerana, e assim percebemos os motivos pelos quais escolheram a América, em especial o Brasil, para fixar raízes e tentar a sorte na ‘terra prometida’.

Segundo Pereira (2008) o tempo decorrido entre, aproximadamente, os anos de 1870 e 1920 passou a ser conhecido na historiografia como o da “grande migração” que uniu o Velho Mundo Europeu ao Novo Mundo Americano. Buscando compreender os motivos que originaram esses fluxos transoceânicos, Klein (2000, p. 14-21) ponderou que eles foram possíveis devido à combinação de três fatores dominantes que agiram como forças expulsórias: o difícil acesso a terra; a baixa produtividade da

terra; e o grande número de membros da família que precisava ser mantido. Tendo como resultado a escassez de alimentos e miséria da população rural europeia.

Portanto, ao se comparar terra-trabalho vigente na Europa com a do hemisfério ocidental, percebe-se uma grande disponibilidade de terras América (PEREIRA, 2008). Muito embora na América do Sul, em especial no Brasil, após 1822, com a instauração do Império, já se investiam em políticas imigrantistas e acentuavam-se as formações coloniais, ficando cada vez mais evidentes os interesses imperiais: prover de mão de obra as plantações cafeeiras do Sudeste, sobretudo quando foi abolido o tráfico de escravos para o Brasil, em 1850; atrair colonos europeus que deveriam ocupar terras em áreas de fronteira, como as do sul do país, pondo fim à ambição dos países platinos; e incentivar o trabalho livre e a formação de uma camada de pequenos proprietários brancos, intermediária entre senhores e escravos.

Ao se observar o fluxo migratório em sua totalidade, suas fases e interesses envolvidos, constata-se que em função da política imigratória imperial, entre 1872 e 1889, foram atraídos para o Brasil 624.959 indivíduos, saltando na década seguinte para 1.198.327 indivíduos imigrantes diversos (PEREIRA, 2008). O crescimento do fluxo imigrantista acabou por demonstrar uma estreita conexão entre o corpo de leis aprovadas[19] a partir da segunda metade do século XIX e a participação efetiva do setor público, sobretudo do governo federal da nascente República, na questão imigrantista.

Dessa maneira, saíram vitoriosos os grandes proprietários rurais, pois a entrada maciça de imigrantes garantiu braços para a lavoura cafeeira em expansão, além de assegurar mão de obra. Saíram vencedores também a intelectualidade, as autoridades públicas e privadas, envolvidos nos debates sobre o formato da política imigratória. Setores que, segundo Pereira (2008), sempre externaram preocupações com relação à constituição de uma “nação moderna”, percebendo a imigração como forma de “civilizar” o país. Ou seja, povoar o território com populações norte-europeias

[19] 1850 – sancionada a Lei nº 601, conhecida como Lei de Terras, com o objetivo de controlar as terras devolutas;
1870 – entra em vigor a Lei nº 2.040, 28/09/1871, estabelecia que fossem livres os filhos da mulher escrava que nascessem a partir daquela data, garantindo também aos escravos acumular pecúlio e assim adquirir sua liberdade. A partir daí já sinalizava a ‘fim’ da escravidão;
1871 – decreto de nº 4.769, autorizando o funcionamento da Associação Auxiliadora de Colonização e Imigração. Tem início uma política imigrantista subvencionada ou subsidiada, financiada pelos governos provincial e imperial;
1890 – período republicano, sancionada a Lei Glicério, assegurava o translado gratuito de famílias de agricultores e outros. Além de contratos para introdução de imigrantes, incluindo transporte e propaganda na Europa, pagamento em prêmios pelo governo para aqueles que fundassem colônias agrícolas e/ou povoamentos.

que “embranqueceriam” o povo. Uma proposta que se fortalecia com o crescente compartilhamento das “teorias raciais” (2008, p. 38-39).

Com relação aos imigrantes, em especial aos alemães, algumas experiências quanto à implantação de núcleos coloniais haviam sido frustrantes, principalmente as colônias localizadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Espírito Santo, pois revelaram vários problemas no que diz respeito à sua assimilação pela sociedade nacional. As famílias e teutos se enquistaram, fosse devido à língua, aos hábitos, aos costumes ou mesmo à religião. O que também é apresentado no museu como forma de preservar a história e perpetuar a memória desse grupo.

Com relação aos objetos e afins para composição do museu, a depoente Zilá Potratz, deixa claro que foram adquiridas várias peças para ser construída a tão sonhada casa pomerana ao lado do museu. Porém, em seu relato diz *“não saber o destino que tais peças tiveram e que até hoje a casa não foi construída”.* E expressa certa preocupação com a história apresentada aos interessados em conhecer o contexto da imigração pomerana, *“a pessoa que não sabe dessa história, realmente hoje vê o museu, que o museu tá ali naquela casa, ele foi transferido para um outro espaço”*. Com pesar relata a perda de várias peças do Museu, de nomes dos objetos, enfim um claro desinteresse com o mesmo.

Assim, mais um questionamento vem à tona, como se perdem objetos que representam uma identidade tão única, que contam uma história? Um objeto que compõe um acervo? Percebemos claramente as falhas de organização do então idealizado Museu da Imigração Pomerana.

A depoente (Zilá) relatou que tudo era catalogado, e a prefeitura tinha o livro de Tombo, de todos os doadores (enfatiza que as peças do acervo do Museu foram doadas), embora hoje também não se saiba onde está esse livro. Relata ainda que o governo do estado também doou várias peças para o acervo, essas também registradas nesse livro e lamenta ainda que esse livro não seja visto com a devida importância merecida e porque as pessoas não sabem do valor que o mesmo tem. Lamenta também o destino de muitas mobílias da casa (museu), *“existem várias lá na prefeitura guardada na secretaria de cultura! Que ninguém precisa, ninguém dá o valor que isso tem para o município e para sua população.”* (Zilá Potratz, 2015)

Contrariamente, percebemos que, mesmo havendo relatos dos registros dos objetos, muitas lacunas não são preenchidas. Segundo Ilda Soares Vieira (2015), funcionária do Museu *"é uma pena não ter dados concretos, sempre vai ficar essa lacuna, não só para mim, mas acho que para vocês também, de não ter, por exemplo, a história da história, ou seja, isso daqui veio de um bisneto"*. E continua, *"teria que ter pra passar para esses jovens hoje que vem aqui, porque e como se usava aquele prato, porque eles jamais imaginam como se usava um prato daquele... Como que adquiria, como que era..."*, enfatizando a necessidade de registros do acervo, como forma de preservar, documentar a história, além também de controlar as entradas e saídas das peças que compõem o acervo do museu.

Relatou ainda que no início, procurava catalogar todos os objetos, porém o que dificultava tal trabalho era a incompreensão de muitos ligados ao poder público, como por exemplo, alguém de alguma secretaria chegava ao museu e dizia *"o secretário tal tinha mandado pegar certo objeto emprestado para alguma exposição, esse objeto não voltava, e tempos depois surgiam na casa de alguém, e assim ia"...*

Para materializar a história da imigração no museu, podendo atender não só aos visitantes, mas também ao público local, em especial, os mais antigos, que ainda preservam a língua pomerana como meio de comunicação[20], os organizadores do museu lançaram mão da ajuda de um etnolinguista, o Prof. Dr. Ismael Tressmann (descendente e estudioso desse grupo étnico) para traduzir os dizeres para a língua pomerana, ficando expostas as informações a respeito da imigração, da seguinte forma: em língua portuguesa, língua pomerana e língua inglesa, respectivamente. Além do trabalho realizado por Tressmann, segundo as entrevistadas, foram contratados também um museólogo e uma historiadora, o senhor Sebastião Pimentel Franco e a senhora Regina Rodrigues Hess, respectivamente, vinculados à Universidade Federal do Espírito Santo – UFES[21], para uma boa exposição do contexto da imigração. Segundo seus idealizadores, o museu planejado é "autoexplicativo, é um museu mais moderno, não é aquele museu que você chega e

[20] De uma forma geral, aqueles que primeiro imigraram, e que poderíamos identificar como pertencentes à primeira geração, para fazer frente à diversidade que os circundava e que quase os isolava, dela se defendiam recusando a aprender a nova língua além do mínimo indispensável, obstinando-se a manter os usos e hábitos de origem (PEREIRA, 2008).

[21] Informação contrária aos depoimentos dos responsáveis pela idealização do Museu. Segundo o museólogo e prof. Dr. Sebastião Franco e Prof.ª Regina Hess, tal proposta surgiu como um projeto de extensão vinculado à UFES, os mesmos conseguiram apoio e liberação da referida Universidade para execução do mesmo. Ambos os profissionais mencionados não foram contratados pelo município conforme informação das funcionárias do Museu.

fica cansativo de olhar as peças e pessoas explicando. Pois é possível vivenciar, fazer parte dessa história".

Finalmente, como sr. Helmar idealizou, o museu ganhou forma. Ao adentrarmos nas salas do museu, voltamos no tempo e é possível percorrer a trajetória proposta. Primeiro é apresentada a chegada do imigrante em solo nacional, posteriormente capixaba. Seguida daquela lamentação da chegada, a tristeza daqueles que ficaram, as incertezas oferecidas pela 'terra prometida', essas materializadas em fotos, textos, documentos e instrumentos para desbravamento do local. Pereira (2008) é muito clara ao fixar um dado momento inscrito no passado, a fotografia registra a implacabilidade de um tempo que flui, mas que pode ser 'retido', imobilizado pela técnica, para não ser esquecido. Assim é possível perceber que a imagem fotográfica é uma produção antecipada de memória, pois ao eternizar um momento, ela está se constituindo em objeto capaz de provocar rememorações naquele que a observa no tempo presente, pela conservação do passado (SCHAPOCHNIK, 2001).

Posteriormente, em outras salas, após o assentamento nas colônias, após "fixar suas raízes", o imigrante pomerano apresenta o desejo de se firmar enquanto família e o que mais chama atenção de todos, turistas ou não, dispensam uma maior atenção ao espaço do casamento. Seguido da religião, escola, neste espaço especialmente a língua, e depois cozinha, que simboliza a comida, fartura após períodos de escassez, as reuniões familiares.

Embora existam diversas falhas administrativas e lacunas na narrativa histórica, não se pode negar que o museu tem interesse na preservação da história da imigração pomerana. Pois, além de narrar a história desse grupo étnico, desperta uma volta ao passado, trazendo à tona lembranças de outrora, como é o caso dos relatos das funcionárias acerca das experiências que vivenciaram ao longo a existência do museu. Como apresentado no relato da funcionária Norma Lichtenheld (2015),

> *A gente vê que por parte de turistas há uma curiosidade muito grande, que é um povo que eles não conheciam né, bem diferente do que eles estão acostumados né, e a população local ela vê o museu com uma importância muito grande, porque é como se eles estivessem num lugar onde pudessem dizer "olha, ai tá sendo contada nossa história, não está se perdendo, tá sendo valorizado",*

> *então pra população em si tem uma importância muito grande, os próprios pomeranos valorizam muito essa questão desse museu.*[22]

Reforçado pela também funcionária Ilda Soares Vieira (2015),

> *"...conheci um senhor, [...], ele já faleceu não tem muito tempo não. Ele esteve aqui no primeiro museu, tá?! Então esse senhor veio aqui nos visitar, era bem senhorzinho. Aí ele chegou nessa janela tá, que era desse cômodo e ele olhou em direção aquela escola, o "Graça Aranha", você sabe onde que é, você pode olhar que dá direto lá no Graça Aranha. Correu lágrimas nos olhos dele. Porque ele contou pra mim, que quando ele era criança, bem criança, ele não falava nenhuma palavra em português, nenhuma, nenhuma, nenhuma, e ele tinha que estudar nessa escola e perto dessa escola tinha um rio, pra você ver o rio, tinha uma barreirinha que você tinha que pular. E era todo tempo, todo tempo, todo tempo falando só em pomerano, só em pomerano, só em pomerano, mas se tinha alguém, alguma pessoa, né. Que quando foi proibido, se falasse, se escrevesse em pomerano, veio então uma outra professora, né! Que não falava o pomerano, só que eles não sabiam o português, o que que eles faziam? Eles pulavam aquela barreirinha, ficavam lá naquele rio, lá em baixo e falando em pomerano para poder se comunicar, porque senão fora dali eles não podiam falar uma palavra, então quando a professora via eles falando, ouvia eles falando em pomerano, ela ia lá no rio, fazia eles catar mãos de pedras, de pedrinhas do rio, colocava na entrada, inclusive ele usou nossa entrada aqui, na entrada da porta e fazia eles se ajoelharem em cima e eles só podiam levantar de cima daquelas pedras quando acabasse as aulas. Sim, diz ele que quando fazia assim* [exemplificou ficando de pé e passando as mãos nos joelhos]*, tava tudo escorregando sangue.* [Breve silêncio]*. É triste né! Pensar que isso acontecia, mas..."*[23]

Dentro desse contexto, Alberti (2004a, p. 71) chama atenção para essas "histórias que existem dentro das entrevistas de história oral". São histórias que, ao condensarem esteticamente elementos objetivos e de sentido, elas se transformam em 'boas histórias', histórias cujos significados não podem ser traduzidos por uma 'moral', mas sim à medida que se desenvolve a narrativa. No que diz respeito à força estética das histórias dentro da entrevista, (PEREIRA, 2008) há que se ressaltar que ao serem expostas ao lado das interpretações históricas, elas passam a ser compreendidas por qualquer um.

O conteúdo inicial dessas lembranças, que as destaca de todas as outras, se explicaria pelo fato de estarem no ponto em que se cruzam duas ou mais séries de pensamentos, pelos quais elas se interligam a tantos outros grupos diferentes. Não basta dizer: no ponto de cruzamento de uma série de pensamentos que nos ligam a

[22] Depoimento concedido nas dependências do Museu da Imigração Pomerana em 23-10-2015.
[23] Depoimento concedido nas dependências do Museu da Imigração Pomerana em 23-10-2015.

um grupo, neste caso a família, e de um outro que abrange somente as sensações que nos vêm das coisas; tudo seria questionado de novo, porque aquela imagem das coisas só existe para nós, uma parte de nossa lembrança não se apoiaria em nenhuma memória coletiva (HALBWACHS, 2013).

Percebemos, assim, que a importância que representa o Museu para o município de Santa Maria de Jetibá não é somente para preservação da história, da cultura desse grupo, mas se torna algo muito maior à medida que reporta seus visitantes, descendentes ou não, a um passado longínquo.

> *"O pomerano mais velho quando ele vem aqui, quando ele é mais antigo, ele fica assim relembrando aquelas coisas lá do passado, você vê assim, não é como se fosse triste, mas parece que é como se ele voltasse lá atrás no tempo [...] já o pomerano mais jovem, é uma curiosidade pra ver o que os antepassados deles, né!"(Depoimento de Ilda Soares Vieira, 2015).*

Neste sentido, relembraram pessoas com as quais conviveram durante a vida ou sobre as quais ouviram falar. Também "visitaram" lugares, alguns dos quais jamais pisaram, mas que se constituíram e espaços importantes para a memória do grupo imigrante e, por conseguinte, delas próprias (POLLAK, 1992, p. 201).

Porém, esse mesmo Museu que visa transportar tantas pessoas a esse passado nostálgico, nem sempre conta com apoio por parte do poder público, segundo a queixa dos entrevistados: *"Aqui é difícil pra gente que, a gente sabe o museu é uma coisa que politicamente não dá voto. Então é uma coisa que não tem muito... então é uma coisa que eles não investem muito...",* na formação do nosso museu, a gente teve um secretário de cultura de outra área, que ele disse bem claro: *"não se preocupe em gastar dinheiro com o museu, porque o museu não traz voto" (Ilda Soares Vieira, 2015)*.

3. 2 O museu com um lugar de memória oriundo da prática acadêmica

De acordo com o levantamento de dados das pesquisas de campo e das diversas visitas realizadas ao Museu, os resultados obtidos apresentavam algumas disputas entre diferentes versões. Isso porque, além de entrevistas concedidas por profissionais do Museu, como apresentadas anteriormente, foi possível chegar a

outras pessoas também importantes em relação ao surgimento do Museu da Imigração Pomerana. E dentre esses se destacam o da historiadora e professora Regina Rodrigues Hess, assim como o do museólogo e também Historiador, Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco, ambos vinculados à UFES.

Assim, no que concerne ao Museu da Imigração Pomerana, lugar de memória em questão, os diferentes relatos conquanto mantenham como ponto convergente a iniciativa do então prefeito à época, Helmar Potratz, também possuem pontos de afastamento, pois uma das versões gira em torno de arranjos políticos locais e a outra, apresentada neste tópico prioriza os domínios acadêmicos, que posteriormente foram colocados de lado.

O Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco[24] gentilmente concedeu-me uma entrevista em sua residência na cidade de Vitória-ES para contar a 'história da história'. Que por sinal arrolou por algumas horas significativas, sendo mencionado constantemente, entre uma xícara de café e outra, o nome da historiadora e amiga, professora Regina Hess[25], que também foi entrevistada.

Ela, ao ser contatada, logo afirmou: *"Sebastião disse que você ligaria, fiquei esperando!"*, causando-me grande surpresa, o que fez com que me sentisse mais segura e confiante para prosseguir a caminhada em busca de preencher diversas lacunas na história do Museu Pomerano[26].

Dessas entrevistas todas surgiram versões que ora convergiam, ora se distanciavam. A princípio o projeto piloto, mencionado por todos os entrevistados, tanto funcionários quanto historiadores envolvidos, era de construir uma casa pomerana, com características tipicamente pomeranas.

> *"na verdade não era o museu, na verdade seria montar, pegar uma casa, que eles compraram com alguns móveis, poucos móveis, era fazer isso, era reconstituir na casa, por exemplo, eu tenho uma casa que vou demolir, aí eles compraram a casa inteira.* (como se fosse uma casa museu) *. É. Isso, era essa ideia, isso acho que eles tinham*

[24] Atualmente é professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo e atual Coordenador Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas. Tem como área de atuação o estudo das políticas públicas na área de educação implementadas pelos governos imperiais e republicanos, e participa do Grupo de Pesquisa História, Poder e Linguagens.

[25] Atualmente professora Regina Hess está aposentada de suas atividades docentes da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

[26] De acordo com Vianna (2015) há no Brasil apenas 3 Museus da Imigração Pomerana, sendo 1 em Santa Maria de Jetibá, 1 em Vila Pavão, ambos no Espírito Santo e 1 em Pomerode, Santa Catarina. Este estudo se refere ao primeiro Museu, o de Santa Maria de Jetibá-ES.

> *a ideia. E aí a Regina teve a ideia de a gente fazer um trabalho lá e eu sugeri que não fosse a casa só, e aí a gente propôs que paralelamente ao museu tivesse essa casa."*[27] (Depoimento de Sebastião Franco, 2016)

Regina apresentou, em seu depoimento, opinião semelhante sobre a casa:

> *"Quando eu fiz o projeto do museu*[28] *havia a ideia, eu coloquei no projeto a compra e construção, e reconstrução. Compravam uma casa antiga pomerana, para ser 'colocada' atrás do museu, igualzinha aquelas casas bem típicas antiga e nossa intenção, num dia de festa a casa seria povoada por uma família, entendeu, e cada qual faria seu papel, e a mulher iria com a roupa pomerana, com aquele lenço na cabeça, com vestido, com avental e iria pra cozinha preparar o... ia lá para aquele forninho colocar o brot, em anexo aquele forninho redondinho pra fazer o brot, depois fazia café, e aí os visitantes chegavam e podia ou doar o pão ou cobrar um dinheirinho lá pelo pão, o café, não sei o quê... e depois na hora do almoço faria um almoço típico, mesmo que fosse restrito à família que tava ali, uma família verdadeira ou uma família fictícia, e passar um dia como se fosse os pomeranos de muito antigamente. Eu vou te mostrar a fotografia*[29] *de uma casa que a prefeitura comprou, acabou que não reconstruiu , porque era só aproveitar o madeirame, tudo direitinho, e fazer a casa, aquele reboco, o estuque, faria com facilidade. Faria um forninho, faria isso tudo. Então a casa acabou se destruindo e ficou ao léu, foi comprada pela prefeitura, ficou ao léu, acabou a casa, e não foi feito esse projeto."*[30] (Depoimento de Regina Hess, 2016)

Talvez essa Casa – museu – representasse para muitos os lugares de memória que se fazem pela apreciação, pelos excessos daqueles que vivem o lugar e pelo interesse em preservar uma memória que é viva, mas crê-se no seu desaparecimento, daí a necessidade de um espaço que reviva essa memória (PINTO, 2013).

De fato, os museus devem ter entre outras funções, a de recolher e classificar documentos históricos, colecionar e expor objetos de valor histórico e artístico e também, a de resgatar a própria história (FRANCO e HESS, 1991, p. 12).

Com essa visão, que os profissionais envolvidos nesse Projeto foram atraídos para a possibilidade de contribuírem, de forma acadêmica, para organização e montagem desse museu.

---

[27] Trecho do depoimento do Museólogo e Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco, entrevista concedida em 13-01-2016, em sua residência, na cidade de Vitória-ES.

[28] Projeto original do Museu da Imigração Pomerena, seguido da planta da Casa Pomerana. Anexos 05 e 06, respectivamente.

[29] Foto original da primeira casa adquirida para execução do projeto – Casa Pomerana. Anexo 07.

[30] Trecho do depoimento de Regina Rodrigues Hess, idealizadora e responsável pelo Projeto do Museu da Imigração Pomerana. Entrevista realizada em sua residência na cidade de Vitória-ES, em 24-02-2016.

> Apresentamos um projeto à Sub-Reitoria de Extensão da UFES e recebemos todo apoio e incentivo do Sub-Reitor Domingos Gomes de Azevedo. O projeto é também financiado pela Prefeitura de Santa Maria de Jetibá e o Prefeito, Sr. Helmar Potratz, não tem medido esforços para a sua execução. Recebemos ainda apoio financeiro do Governo Max Mauro. Para a obtenção de recursos, elaboramos um projeto que foi encaminhado à República Federal da Alemanha, através do então cônsul Frederico Seide e recebemos a doação de 15 mil marcos (FRANCO e HESS, 1991, p. 12).

O interesse e empolgação dos responsáveis pelo projeto do museu era tamanha, que antes mesmo de iniciarem as obras, já havia publicações abordando o tema, como o artigo 'Organização e montagem do Museu dos Pomeranos em Santa Maria de Jetibá-ES', encontrado na Revista de História da Universidade Federal do Espírito Santo, nº 2, ano 2, de maio de 1991. E nesse artigo, os autores já apresentavam, de forma teórica o que idealizavam para a população local.

A proposta do museu, segundo Franco e Hess (1991), seria, pois, a de contar a trajetória da imigração pomerana, abrangendo sua saída da Europa, a chegada ao Brasil, seu estabelecimento, as dificuldades encontradas, a superação dos problemas iniciais até se chegar à situação da realidade atual, mostrando ainda o dia a dia de seus descendentes. E aparentemente conseguiram. Mesmo tendo sido demolido o primeiro museu e tendo sido reconstruído num segundo momento, a distribuição das informações, o município procurou manter. Embora ainda com algumas falhas técnicas, que serão apresentadas posteriormente.

Porém, para além de uma apresentação didática, a organização do museu teria, pois, como objetivos, preservar a história desses imigrantes e torná-lo útil à população de Santa Maria de Jetibá, contribuindo para a solução de seus problemas imediatos, abordando temas pertinentes à comunidade, tais como o alcoolismo, o câncer de pele, o uso do agrotóxico e outros. De acordo com o material pesquisado e entrevistas colhidas, esses seriam temas a serem abordados em exposições educativas e temporárias, onde o visitante pudesse participar diretamente das ações desenvolvidas dentro do museu.

Ações essas cuidadosamente planejadas e estruturadas, sessões interativas de educação que estariam entre as formas mais poderosas e eficazes de atender às necessidades específicas do público não pomerano, de criar caminhos para a inclusão.

Para Oliveira (2013) os museus passaram também a reconhecer que, além das funções de preservar, conservar, expor e pesquisar são instituições a serviço da sociedade e procuram através das ações educativas tornarem-se elementos vivos dentro da dinâmica cultural das cidades, proporcionando aos que ali adentram uma reflexão para além do que é apresentado pelo museu.

As atividades interativas, portanto, se tornam fundamentais para permitir aos visitantes um olhar interrogador, sem pressupostos de conhecimento prévio. As conversas são estimuladas ao redor das exposições. O museu também atua como um espelho, onde as pessoas se podem ver, fazendo conexões entre as suas próprias vidas e as experiências vividas.

Sendo assim, o museu reflexivo é aquele que se autoexamina como forma de se construir e de ser capaz de satisfazer o tão aspirado compromisso de construção cultural e social com a comunidade. Segundo o museólogo responsável,

> *"a gente também não desejava muito, o que a gente falava muito era o seguinte: também não adianta ter um museu que essa comunidade não se identifique com ele. Sabe? Porque a grande maioria dos museus no Brasil o problema é esse. As pessoas não se identificam com os museus. Não visitam, as pessoas não se enxergam ali na verdade. Até porque os museus tem um grande problema né, que é em geral o que sobre nos museus, o que fica né, é sempre de um estrato social privilegiado. Na verdade você não consegue num museu uma representatividade de todos os estratos sociais na verdade. E também assim, é uma questão cultural porque as pessoas tendem a valorizar a louça importada, aí eles querem preservar no museu, mas quem é que podia comprar louça, ter louça importada nos primeiros tempos de imigração? Ninguém ou muito poucos na verdade, os imigrantes que vieram pra cá eram muito pobres. Então, assim, o que é mesmo uma característica nossa. Ou seja, há uma preservação nos museus muito mais de um estrato social, em geral das camadas mais privilegiadas socioeconômica em detrimento da grande maioria, de contar a vida."* (Depoimento de Sebastião Franco, 2016)

A visão do museólogo é reforçada por Primo (1999, p. 95-104) com os Princípios de Base do Museu Integral, "consideraram que a tomada de consciência pelos museus, da situação atual, e das diferentes soluções que se podem vislumbrar para melhorá-la, é uma condição essencial para sua integração na vida da sociedade. Desta maneira, consideraram que os museus podem e devem desempenhar um papel decisivo na educação da comunidade" (Mesa-Redonda de Santiago do Chile, ICOM, 1972).

Embora esse papel, de extrema importância social, não tenha a atenção de todos envolvidos, em especial do poder público, que pode ser considerada, a princípio a primeira, de algumas possíveis barreiras não na execução do projeto, mas sim posteriormente, na manutenção e conservação do mesmo.

Com esse cunho social e educacional, o museólogo pretendia, ao elaborar o projeto, inserir no local uma equipe multidisciplinar para que o museu realmente tivesse, além de características que pudessem preservar a memória cultural, esse cunho acadêmico, onde escolas pudessem levar seus alunos, não só para rememorar sua história, mas também para uma maior integração com a própria história de seus antepassados.

> *"Eu achava que tinha que ter um pedagogo, eu fiz sugerindo o que teria que ter, eu digo olha 'teria que ter alguém da área da história, tem que ter um pedagogo'. Quer dizer, na verdade pode ser que para época, para o município, eu não posso te afirmar isso, isso não fosse factível, embora eu achasse que isso com boa vontade isso seria factível. Mas assim, eu também não posso afirmar categoricamente que era, porque senão eu também não tenho elementos suficientes para dizer "não, olha é falta de visão", eu não afirmaria isso. Mas que não atingiu aquilo que a gente achava que tinha que ter, porque a gente queria assim, a gente queria uma equipe trabalhando no museu..." (Sebastião Franco, 2016)*

Outra barreira, talvez a mais importante, citada tanto pelo museólogo quanto pela historiadora Regina Hess, foi a questão política, uma vez que administrações vindouras reformularam, desfizeram, desconstruíram parte da organização dessa história. *"A questão política!? É uma questão que me atrapalhou muito."* (Regina Hess, 2016). Já para o museólogo, essa realidade pode ser vista como um todo, não sendo peculiar à realidade vivida por eles à época em Santa Maria de Jetibá,

> *"isso é muito típico do Brasil, os prefeitos que se sucederam eram muito contrários ao que saiu, então é aquela coisa do Brasil "ah foi o João que fez, João é meu arqui-inimigo então isso não presta, acabou, isso não vale nada". "Ah! Sebastião é amigo de Helmar!", eu não sou amigo de ninguém, eu trabalhei com ele, se fosse Maria, eu ia trabalhar com Maria, se fosse José eu ia trabalhar com José. Eu trabalhei com quem era na época. Eu não poderia trabalhar com Pedro, se era Joaquim que tava lá chefiando a prefeitura. Então assim, isso também a gente sentia muito porque nós, Regina e eu, éramos visto como sendo ligado a Helmar, eu não era ligado a Helmar não, nós éramos ligados ao prefeito, que era Helmar, como podia ser qualquer outro."* (Sebastião Franco, 2016)

E assim vão surgindo as construções, bem como as desconstruções da memória de uma minoria étnica. Ora, o Museu da Imigração Pomerana foi inaugurado

em 1991 segundo consultoria acadêmica, com projeto assinado por dois nomes da área. Porém, após todo um caminho trilhado junto à comunidade, igreja, lideranças políticas para levantamento de materiais para composição do acervo, bem como orientações para que os futuros profissionais do local pudessem catalogar todo material doado, é possível perceber que por descuido ou não, este espaço foi demolido, indo ao chão uma arquitetura de 1936, por motivos diversos.

A explicação dos historiadores sobre a demolição da casa original diverge da apresentada anteriormente, acerca das árvores: *"a casa parece que deu cupim, destruíram tudo, quase muita coisa né, e aí ele é... reformaram a casa toda, depois chamaram a gente, e a gente foi lá, voltou deu umas peruadas, enfim, mas na verdade não mudou muita coisa. Eu diria que não mudou nada praticamente do projeto original". (Sebastião Franco, 2016)*

A atual situação do museu, contudo, mudou muito do projeto original, Assim, frente ao fato da falta de identificação cronológica e referências mínimas do acervo fotográfico, assim como do sumiço do livro tombo, há o surgimento de tensões narrativas:

> *"Olha o museu tem que ter um livro de tombo, o acervo tem que tá registrado e a gente ensinou. Peguei uma ficha catalográfica e falei 'olha que informações mínimas tem que ter? Aí dei o modelo de uma ficha, dei o modelo do livro de tombo e falei 'vocês tem que mandar fazer um livro, esse livro tem que ser numerado de tanto a tanto', enfim, fomos tentando fazer as informações básicas".* (Depoimento de Sebastião Franco, 2016)

As tensões das disputas pelas memórias pomeranas, em administrações municipais que se sucederam, em decorrência de o Museu da Imigração Pomerana ter sido reinaugurado em outra administração, acabam por inverter papeis narrativos e transformar o entrevistado (Sebastião Franco) em entrevistador: *"...E o livro do museu quando inaugurou? Não tem nada disso, nada? Sumiu? Perdeu?"*.

Os dados coletados, porém, apresentam ainda outras lacunas. No Projeto inicial, de acordo com Sebastião Franco (2016), [...] *"Havia também uma proposta que isso também tivesse uma continuidade [...] acréscimos, por exemplo, alguns painéis, com novas imagens, com novos dados do município, porque eles se alteram. A ideia era essa inicialmente."*

Segundo Primo (1999) o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da

qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve. O museu pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.

A percepção do passado é a apropriação daquilo que se sabe não mais pertencer a sua individualidade; é uma acomodação sobre um objeto perdido. Daí uma necessidade de memória-espelho, não para que se refletisse aí a própria imagem, mas para procurar "o brilhar repentino de uma identidade impossível de ser encontrada". (Nora,1993, p. 30)

Partindo dessa passagem, há de se fazer uma ressalva no acervo do museu, pois em meio aos elementos do acervo doado pela população pomerana local, para contar, materializar a trajetória de grupo migrante em terras capixaba, foi exposta junto ao acervo fotográfico pomerano a figura de um negro[31].

Durante toda a pesquisa de campo foi, realmente, um fato que chamou atenção e instigou por esclarecimentos, principalmente em função do significado de aquela fotografia estar justamente no espaço onde era apresentada a atividade laborativa, o desbravamento da mata para sobrevivência e tudo aquilo ligado ao trabalho pesado.

E as questões não paravam de surgir: a foto de um negro exposta em um museu típico da imigração europeia, foi um descuido, um acaso, ou um fato estudado, planejado?

Nas entrevistas com os idealizadores do museu o assunto foi tratado, uma vez que, nesse museu, não há datas, registros ou identificações indicando a origem de cada peça que compõem o acervo. Diante dessa lacuna, descobrimos que a referida foto não retrata Santa Maria de Jetibá, município em que foi instalado o museu, mas sim o município de Santa Leopoldina[32], e que os personagens materializados na foto eram na verdade, tropeiros e não escravos.

---

[31] Esse dado será mais detalhadamente tratado no próximo capítulo. Anexo 08.

[32] Até 1943, Santa Maria de Jetibá era conhecida como Jequitibá, sendo um distrito do município de Cachoeiro de Santa Leopoldina, atualmente denominado apenas Santa Leopoldina. Pela Lei Estadual nº. 4067 de 6 de maio de 1988, o distrito é elevado à categoria de município com a atual denominação de Santa Maria de Jetibá.

Segundo Pereira (2008, p. 214), considerando a fotografia como indício do real, [...] é imprescindível para sua compreensão, a percepção de toda dimensão social que a envolve, desde seu processo de produção, o instante da 'tomada', passando pelo circuito de circulação e a sua contemplação.

Regina Hess, por sua vez, ao ser questionada sobre a referida foto dos tropeiros em meio ao acervo pomerano, prontamente respondeu de forma objetiva,

> *"O que eu tenho a dizer sobre os tropeiros, é que nós ganhamos, recebemos, esse acervo que eu achei muito interessante, vamos convir, e que os pomeranos, acabaram tendo relação, porque as tropas e os tropeiros foram muito importantes na década de 1910, 1900 e pouco até 20, 30. Então como havia o meio de transporte de grande carga e tal e tal, na época era tropeiro, eu achei "já que está aqui, vamos preservar porque senão vai se perder". Não tinha muito que está aí não, eu acho um pouco um peixe fora d'água."* (Depoimento de Regina Hess, 2016)

Já o museólogo, por não ter tido acesso ao material fotográfico na hora da entrevista, não se limitou a foto dos tropeiros, mas pontou a relação do negro neste espaço,

> *"o que eu poderia te dizer no caso em relação a negros, a presença negra, embora tenha sido pequena, mas certamente esteve presente, a gente tem que pensar numa questão da temporalidade, nos anos 90 essa questão é... A questão da etnia, das classes subalternas estarem presentes, né, ela não era uma grande preocupação assim, vamos dizer assim, a tônica dos museus, ou mesmo, foi a partir dos anos 90, que eu diria assim, que essa questão de uma valorização étnico racial se tornou mais forte, ou seja, então se a gente pensar que historicamente, seria uma imperfeição, seria uma lacuna, que nós, eu e Regina, não nos atentamos ou que não demos a devida importância que talvez isso precisasse ter. E talvez, por duas questões que você poderia interpretar aí: é uma [...] questão ainda não se fazia tão forte, 'olha é imigração* [pomerana] *e tchau e benção', negro aqui é muito pouco ou então, como se diz, 'vamos trabalhar com essa ausência mesmo e acabou', é assim mesmo. E, é, eu acho que isso pode ter sido um fator de que a gente tivesse deixado essa lacuna, vamos dizer assim, a gente não tocou nisso mesmo".* (Depoimento de Sebastião Franco, 2016)

Destarte, uma cultura é avaliada no tempo e se insere no processo histórico não só pela diversidade de elementos que a constituem, ou pela qualidade de representações que dela emergem, mas, sobretudo por sua continuidade (SILVA, 1999,). E justamente para se manter essa continuidade com a história apresentada, da imigração pomerana, que as lacunas encontradas precisam ser preenchidas.

3.3 Considerações gerais sobres as disputas de memória que envolvem o museu

Para a Psicologia Social, as disputas sociais são de grande importância analítica. Os dados colhidos no trabalho de campo e nas entrevistas mostram que há identidades em 'disputa' no Museu da Imigração Pomerana. Há uma identidade vinculada a aspectos políticos hodiernos, cujas marcas aludem à emancipação do município e ao seu idealizador, enquanto gestor. Uma outra identidade, no entanto, visa o século XIX, e é subordinada a rigores de cunho acadêmico, cujo lugar de memória pretende a preservação da história da trajetória do imigrante pomerano.

Uma dada concepção de identidade pomerana, vinculada à emancipação do município, com injunções político-partidárias primordialmente, enfatiza o viés turístico do museu. O que diverge da outra perspectiva, cuja construção sócio-cultural do museu teria outros objetivos: *"É turístico! Então assim, isso me incomoda muito. É um museu que não conseguiu criar as raízes, ou seja, de que as pessoas se integrem ao museu."(Sebastião Franco, 2016)*

Ora, a constituição dos museus celebrativos da memória do poder decorre da vontade política de indivíduos e grupos e representa a concretização de determinados interesses (CHAGAS, 2002).

Para estes museus celebrativos, a celebração do passado (recente ou remoto) é a pedra de toque. O culto à saudade, aos acervos valiosos e gloriosos é o fundamental. Eles tendem a se constituir em espaços pouco democráticos onde prevalece o argumento de autoridade, onde o que importa é celebrar o poder ou o predomínio de um grupo social, étnico, religioso ou econômico sobre os outros grupos. Os objetos (seres e coisas), para os que alimentam estes modelos museais, são coágulos de poder e indicadores de prestígio social. O poder, por seu turno, nestas instituições, é concebido como alguma coisa que tem *locus* próprio, vida independente e está concentrado em indivíduos, instituições ou grupos sociais.

A pesquisa de campo, contudo, também identificou, à parte da celebração da emancipação do município, uma perspectiva que visava transformar o Museu Pomerano em um espaço com uma visão educacional. Isso foi, inclusive, relatado pelos responsáveis pelo projeto acadêmico:

"[...] eu tinha uma proposta que esse museu tivesse um setor

> *educativo atuante, que eu falei "não adianta existir esse museu se a comunidade não se integrar a este museu, esse museu vai ser um museu só para turista". E um museu só para turista, eu não vejo razão de existir. Isso é uma questão, assim, conceitual minha e acho bem dentro da minha formação, na área de museologia. Ou seja, eu acho que um museu só para deleite, só para turista visitar, eu acho que é um gasto muito grande do estado para pouco resultado. Então a ideia do museu era que a comunidade se integrasse ao museu, que ela lutasse por aquele museu, que ela quisesse preservar aquele museu, e para isso você só consegue fazer se você tiver um setor que consiga dar conta de fazer atividades educativas, de trazer escolas, mas com propósito bem definido, com uma equipe técnica."*(Depoimentos de Sebastião Franco, 2016)

Por fim, percebemos que o que tem prevalecido até agora é a dinâmica administrativa das contínuas gestões municipais, pois o Museu tem se tornado apenas um ponto turístico. Não se verificou, na pesquisa de campo, a intenção de se fazer do museu um espaço voltado à educação, com exposições temporárias de temáticas pertinentes ao mundo pomerano como pontuado por seus idealizadores.

O rigor técnico, se existisse, evidenciaria o comprometimento com um projeto acadêmico. E, realmente, de acordo com os dados elencados, na primeira versão do Museu, onde os profissionais estiveram à frente da estruturação do mesmo, a composição do acervo mais adequada, com detalhadas informações e registros.

A ausência de datas e informações sobre o acervo na atual estrutura do Museu corresponde, portanto, ao interesse político de uma das versões da identidade pomerana, pois essas lacunas contribuem para que a história seja vista convenientemente de modo homogêneo e pausterizado, sem maiores reflexões diacrônicas.

Contudo, também é possível perceber, que tanto no enquadramento político quanto no acadêmico, a questão do negro junto ao acervo pomerano foi igualmente invisibilizada. Esse aspecto que será abordado no capítulo a seguir, pois o período de imigração pomerana acontecia, no século XIX, em meio ao processo de abolição da escravidão, quando o Brasil incentivava a imigração europeia para pôr em prática uma política de branqueamento.

Uma nota ainda cabe, entretanto, em relação a um outro tipo de narrativa sobre o museu. Narrativa essa que certamente não faz parte da história dita "oficial", mas de real valor para a Psicologia Social. Isto porque há sobre esse tema uma memória

negra que, embora mais recente, é tão invisibilizada quanto às relações oitocentistas entre o projeto de branqueamento e a imigração pomerana.

Um fato totalmente ausente nas histórias sobre esse lugar de memória, talvez porque efetivamente desconhecido por acadêmicos e funcionários, é que uma das pouquíssimas famílias negras existentes na cidade foi desalojada de onde morava para a instalação, posterior, do museu[33]. De fato, os integrantes da família Rodrigues, alguns dos poucos negros a morar em Santa Maria de Jetibá, foram os últimos a morar na casa (a estação de Fruticultura vinculada ao estado do Espírito Santo) onde, depois de uma grande reforma, foi instalado o Museu da Imigração Pomerana.

Alfredo Rodrigues e Adília foram de Vitória para Santa Leopoldina, onde se conheceram, tendo casado em Santa Maria (um distrito, à época), em meados dos anos 1940, localidade na qual tiveram seus treze filhos. Moraram na casa que foi transformada em museu por cerca de dez anos, e se viram obrigados a sair (a casa estava com rachaduras e corria risco de cair) contra sua vontade e sem nenhuma indenização ou ação compensatória. Após a retirada da família Rodrigues, em 1980, a casa ficou fechada por cerca de dez anos, em função da falta de água e necessidade de reformas e, conforme já visto, restaurada em 1991 para se transformar em museu.

> *– Não tem nada que identifique a família que já morou lá antes de ser museu, nada.*
>
> *– [...] Eles pegaram o local só, e tá lá os imigrantes. Eles não quiseram saber a história da casa. [...] Eles não quiseram saber a história da casa, eles não quiseram colocar a história. Só usar o local pra fazer o museu.*[34] (Depoimento de Maria da Vitória Lírio Rodrigues, 2016)

As circunstâncias de tal episódio, a ser detalhado no capítulo a seguir, entretanto, servem como metáfora de uma dinâmica na qual o deslocamento de negros e o estabelecimento da memória pomerana se entrecruzam em domínios simbólicos, concretos e reais.

---

[33] Há referências sobre a família Rodrigues no site mantido de forma colaborativa entre a pesquisadora Rita de Cassia Rosa, e um grupo de alunos do 4º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila de Jetibá, do município de Santa Maria de Jetibá. A elaboração desse site < http://www.museudaimigracaopomerana-vilajetiba.com/> decorreu do Seminário Imagem e Memória do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES, ofertado pela professora Gerda Schütz-Foerste, no primeiro semestre de 2014.

[34] Depoimento concedido em 24-02-2016, na residência de sua mãe, dona Adília Rodrigues, em Santa Maria de Jetibá-ES.

4. O sentido simbólico do museu da imigração pomerana

Conforme verificado no capítulo 2, uma determinada instituição somente se torna um lugar de memória, se o sentido nela implicado a investe de um elemento simbólico, caso contrário subjaz apenas como um lugar de significado exclusivamente material, como um depósito de peças ou arquivos. Assim sendo, neste capítulo serão analisados os aspectos que fazem do Museu da Imigração Pomerana um lugar realmente de memória, sobretudo em sua dinâmica *material* (por seu conteúdo), *funcional* (por valorizar a lembrança e sua transmissão) e *simbólica* (por caracterizar uma experiência vivida).

Sabe-se que o museu, na primeira década do século XXI, não é apenas um espaço para lembrar e contar histórias, mas, sobretudo um espaço em que se constroem memórias. O museu pode ser a lembrança que incita a busca de outras histórias: história de pessoas, história de lugares (PINTO, 2013). Dessa forma, lugar para a memória, o Museu, ao expor os registros da vida e da trajetória sócio-histórica da imigração pomerana, faz incidir sobre eles a luz do patrimônio, condensando tempos e sentidos que pareciam estar dispersos. Para Ferreira et al (2013, p.72) esse reconhecimento do papel exercido pelo museu, no entanto, dá-se de diferentes formas que vão desde as manifestações de incredulidade, frente ao interesse que esses objetos possam causar aos visitantes, até a compreensão de que o passado está ali depositado, marcando uma ruptura, (ou não?), inegável com o presente.

Os lugares de memória, para Pinto (2013) e Nora (1993) se fazem pela experiência, pelos resíduos daqueles que vivem o lugar e pela preocupação em perpetuar uma memória que é viva ─ a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar ─, mas acredita-se no desaparecimento, por isso a necessidade de um espaço que reviva essa memória.

Com relação a esses lugares, a preservação do patrimônio local, dessa identidade, Primo (2011) enfatiza que,

> A UNESCO considera que o patrimônio cultural intangível é uma fonte essencial de identidade, e que esse patrimônio mantém fortes ligações com o passado e, portanto com a memória coletiva das

> coletividades. Mas também reconhece que as manifestações do patrimônio intangível têm sido fragilizadas e muitos casos estando em vias de extinção. Portanto considera importante que sejam feitas ações para a salvaguarda do patrimônio cultural intangível, como a música tradicional e popular, as danças, as festas populares, o artesanato. E certas tradições orais e línguas de âmbito regional. A perda progressiva das referências patrimoniais imateriais locais tem sido provocada, sobretudo pela promoção de referências culturais cada vez mais globalizadas que menosprezam as referências locais. Essas novas referências são promovidas e divulgadas por um sistema estruturado de informação e comunicação que funciona como elemento vulnerabilizador das culturas locais (2011, p.10).

No município de Santa Maria de Jetibá-ES, a preocupação em perpetuar as características da tradição e da cultura pomerana, mantendo viva a memória de um povo tão peculiar como o pomerano, configura-se de forma muito objetiva e clara. Para isso, faz-se presente não só o lugar em questão, o Museu, como também toda tradição que reforça a manutenção da língua, ritos de passagem e outros, por muitas gerações, reafirmando que para a lembrança, para o desejo de não esquecer e não ser esquecido, a memória são restos, rastros de uma história, que no caso do município em tela, é evidente.

No passado, reafirmado através do Museu, e no presente, valorizado e reafirmado através da família e de ações educacionais, religiosas e culturais, o pomerano continua a valorizar sua história, talvez pela necessidade de preservar sua própria memória, esta como verdadeira, abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios ─ em que se transmitem os saberes do silêncio ─, nos saberes do corpo ─ as memórias de impregnação e os saberes reflexos ─, bem como a memória transformada por sua passagem em história, aquela que é transmitida por gerações, pela família.

Conforme se constata no seguinte excerto de Pereira:

> No contexto das transformações que ocorreram no mundo contemporâneo, como o constante processo de individualização, a sensação de encurtamento do tempo e de desenraizamento, o medo do esquecimento e a obsessão pelo passado que atingiram todo o conjunto da sociedade, a família emergiu como o grupo social capaz de proporcionar aos indivíduos a estabilidade perdida, já que propicia um sentimento de pertencimento, ou seja, uma identidade comum. Por conseguinte, esses mesmos indivíduos revalorizaram ainda mais a preservação da memória do próprio grupo familiar, em especial em momentos de crise e mudança, como é o caso da imigração. Não por outra razão, famílias imigrantes são cuidadosas a eleger seus guardiões da memória, selecionar histórias que deveriam ser

> narradas, estabelecer “lugares de memória”, como também reunir e conservar bens materiais impregnados de valor simbólico, ou seja, documentos/monumentos destinados ao futuro. (2008, p. 199)

Diante do exposto, para Mendes (2012), o Museu além de ser um espaço de memória é também de identidade, no qual as pessoas contam narrativas, sobressaem as memórias das vítimas e do lugar, proclamam as consciências históricas, alimentam expectativas para um desenvolvimento local mais harmonioso com a memória; mas é também espaço de fronteiras reais e imaginárias. Para esse autor, museu é o guardião da memória que testemunha o passado e que se transforma em princípio de ação do presente para o futuro.

4.1 A constituição do acervo

As peças de um museu são, na maior parte das vezes, rodeadas de cuidados (POMIAN, 1984). Porque, em geral, o número de objetos que forma o acervo depende do local em que se acumula, das suas técnicas e do modo de vida do grupo social enfocado, da sua capacidade de produzir e acumular o excedente, da importância que se atribui à comunicação entre o dado visível e o elemento simbólico por intermédio dos objetos, etc.

No caso do Museu da Imigração Pomerana, os objetos que compõem o acervo foram meticulosamente selecionados por técnicos com a ajuda da população local, esta, talvez, uma das maiores interessadas, em compor este espaço de memória. Segundo o Museólogo e Prof. Sebastião Franco (2016):

> *“A gente fez, na verdade uma listagem daquilo que poderia ser útil, porque o que acontece muito é isso, as pessoas às vezes querem doar, mas assim sem critério nenhum, acha que qualquer coisa pode estar no museu. Eu falei não, não é qualquer coisa. A gente quer objetos que possam de alguma forma, traduzir o que foi essa história de vocês. Então não era qualquer objeto que poderia servir..., a gente fez uma listagem de acervo e obviamente, algumas coisas a gente também não podia prever, como algumas coisas que a gente realmente não previu e acabou entrando, e aí a gente acabou fazendo isso”.*

Conforme tabela[35] em anexo, muitos foram os objetos angariados pela

[35] Nessa tabela está todo acervo exposto no Museu da Imigração Pomerana. O levantamento foi feito *in loco*, pela pesquisadora, com auxílio das funcionárias, mas o que se constatou foi a incompletude dos dados. Assim a tabela possui lacunas como a ausência de datas nas fotos, nos objetos, utensílios, dentre outras peças. Além da ausência de

comunidade que narravam a história da imigração pomerana em solo nacional e capixaba, desde documentos, material fotográfico, bem como roupas e objetos domésticos e pessoais, ferramentas que em tese serviram para transformar uma realidade encontrada em sonho realizado, a conquista da “Terra Prometida”. Todo o material doado carrega em si significados coletivos. De acordo com Pomian (1984) os objetos, aqueles que colaboram no intercâmbio entre o visível e o simbólico se endereçam uns aos outros, diferem entre si segundo o carácter dos destinatários e dos emissores. Isso faz com que cada objeto entregue ao acervo, leve consigo algo invisível ao outro, mas não a quem doa.

Embora o Museu da Imigração Pomerana retrate preferencialmente o histórico do imigrante pomerano, foi possível perceber, junto ao acervo, algumas fotos com negros. Para Pereira (2008), ao fixar um dado momento inscrito no passado, a fotografia registra a implacabilidade de um tempo que flui, mas que pode ser “retido”, para não ser esquecido. A composição do acervo, portanto, suscita lembranças, mas também esquecimentos, como a questão da política de branqueamento, conforme será visto a seguir.

4.2 A estrutura física do museu

Para fins de maior entendimento da história da imigração pomerana em Santa Maria de Jetibá, o Museu local apresenta de forma didática o contexto que revive essa história. A própria estrutura física do Museu, por si só, conta parte da história da imigração. Instalado em um espaço, que na verdade possui a estrutura de uma casa típica pomerana, com as cores da bandeira da Pomerânia, o Museu apresenta em cada repartição, em cada cômodo da casa, parte de sua história, a saber:

- O primeiro cômodo: a sala de estar da casa remete ao contexto da chegada dos imigrantes em terras brasileiras, faz menção à receptividade de uma família, representa o brasileiro acolhendo, em sua casa, ou seja, o Brasil, o imigrante pomerano. Nesse mesmo espaço, podem-se perceber as primeiras dificuldades encontradas pelo imigrante, no desbravamento de um espaço até então inabitável, isolado, o que exigiu muito trabalho para radicarem-se em

---

datas, também há falhas na identificação dos doadores. Anexo 09.

terras inóspitas. Encontram-se presentes os recursos utilizados para tal feito.

- O próximo cômodo retrata o trabalho, o esforço do imigrante para construir seu próprio espaço, materializado por meio de objetos e material fotográfico, que reforçam claramente as dificuldades vividas em solo capixaba, as quais variavam desde o trabalho árduo para desbravar a mata fechada, passando pelas intempéries, que iam desde as doenças ao escoamento da produção para a sobrevivência.
- Adentrando a casa, chega-se ao cômodo que retrata a formação familiar, as características em torno do mundo matrimonial, o casamento e suas características peculiares à formação da identidade pomerana. Nesse espaço encontram-se objetos que retratam a identidade da mulher enquanto solteira, tais como baús, que guardam memórias, lembranças, até o momento em que ela é acolhida pela família do noivo.
- Outra característica bastante singular do pomerano encontra-se materializada no cômodo destinado à religião e à educação. Percebe-se, ao longo da pesquisa, que ambas a educação (língua) e religião (luterana), estão interligadas. Nota-se também que somente após alguns anos de instalação em terras capixabas, o pomerano teve acesso à educação, mesmo assim através dos pastores e/ou suas esposas, mas tudo de forma muito precária, outrora improvisada na própria igreja. Assim, os líderes religiosos além de orientação espiritual, administravam a instrução, davam certa assistência à saúde, e atuavam como conselheiros.
- O último cômodo, na parte baixa da casa, é a cozinha, que guarda réplicas pomeranas em madeira talhada, bastante rústicas. Observa-se que no espaço há poucos móveis, apenas o básico para a vida simples e precária que o pomerano levava ao aqui chegar. Além dos poucos móveis, há alguns objetos que retratam o trabalho manual e árduo para a sobrevivência, como o moedor de café, o moedor de pimenta, a desnatadeira, o objeto feito com bambu para fabricação da manteiga, dentre outros utensílios, todos rústicos, confirmando a escassez de recursos.
- No sótão, há dois espaços bastante singulares, o primeiro representa o momento de descanso do pomerano, com réplicas de cadeiras de balanço e de um berço, o que nos leva a crer o cuidado maternal, de proteção que mesmo no momento de descanso a mulher pomerana dispensa à prole. Há também objetos específicos da cultura pomerana, como o aquecedor, à época realidade

> de poucos, um verdadeiro artigo de luxo. Em outro espaço, ainda no sótão, pode-se perceber melhoria significativa na colônia: há um lugar representativo para a diversão, materializado nas peças de metais (instrumentos musicais), há objetos utilizados em todos os rituais da cultura pomerana, desde o nascimento, passando pelo batismo, casamento e funeral, cada rito com seu significado peculiar. É possível identificar também melhoria nas condições de sobrevivência dos imigrantes, após muitos anos radicados no Espírito Santo, em especial em Santa Maria de Jetibá. Além também de réplicas de casas e outros imóveis onde o imigrante pomerano trabalhava para tirar seu sustento.

A estrutura física desse espaço nos permite perceber que, quando se entra nessa casa-museu, temos a sensação que estamos além dos sistemas de vida doméstica, observando os objetos na sua forma original ou próxima dela. É como se invadíssemos a intimidade de alguém, uma pessoa muitas vezes introvertida e que nunca pensou nesse espaço para ser fruído por estranhos. É esta intromissão, a vontade de olhar a forma como alguém ali viveu, que suscita o interesse de uma substancial parte do público, em especial nesse lugar de memória.

A memória pessoal, refletida nesse espaço privado, transforma-se em memória coletiva, o espaço pessoal torna-se espaço público, procurado por quem pretende chegar ao íntimo de uma certa personalidade (PONTE, 2007). De um modo geral, é mister essa percepção de que o espaço descrito representa a dimensão espiritual da personalidade que é homenageada, devendo, simultaneamente, refletir a vida ali contida do pomerano.

4.3 A sala de estar do museu representa a chegada ao Brasil: a questão da construção sócio-cultural da identidade pomerana

A Pomerânia era uma região limítrofe entre a Europa e o Mar Báltico, com diversos lagos e rios. O solo fértil em boa parte do território e a diversidade hídrica propiciava o desenvolvimento da agricultura e da atividade pesqueira. As características locais e a possibilidade da conquista de uma saída para o Mar Báltico, que representava uma ligação com os demais povos da região, fez com que esta área fosse considerada estratégica, desencadeando inúmeras disputas pela posse da terra no século X. A partir desse período, a história da Pomerânia foi marcada por guerras,

epidemias, desemprego e fome, o que impôs aos pomeranos a imigração como opção por busca de novas possibilidades de sobrevivência, dessa forma Manske (2015) e Rölke (1996) apresentam a realidade vivida por muitos na Pomerânia.

De acordo com Manske (2015) esse contexto teve início entre os séculos X e XI com a guerra entre a Dinamarca e Polônia pelo território da Pomerânia, devastando a região e desencadeando insegurança à população. Rolkë (1996, p.15) ressalta que durante o século XII a região ocidental da Pomerânia continuou sendo alvo de 22 guerras contra dinamarqueses, pelo Mar Báltico, e ao sul, contra poloneses. O autor pondera ainda que no século XIV, a peste negra atingiu o continente europeu, e a Pomerânia também sofreu com esta epidemia, tendo 1/3 da população dizimada pela doença, e acrescenta, que no final do século XVII, o território pomerano é novamente acometido por disputa territorial, desta vez, entre suecos e poloneses. Mas somente em 1720 o território é finalmente conquistado pela Prússia, que em 1817 transforma a região na Província Prussiana da Pomerânia.

No século XIX mudanças políticas, econômicas e sociais contribuíram de forma significativa para a criação de um enorme contingente de desempregados na Pomerânia. Assim, diante do quadro degradante de instabilidade social e fome gerada pelo desemprego, os pomeranos se viram obrigados a migrarem para muitos lugares, e muitos vieram para o Brasil, que nesse período demonstrava grande interesse pela imigração alemã.

No Brasil, o grupo pomerano é encontrado em locais específicos como Santa Catarina, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. No Espírito Santo, os principais imigrantes de origem germânica foram justamente os pomeranos (provenientes de uma área entre a Alemanha e a Polônia)[36]. A grosso modo, o início da imigração alemã se deu entre 1846 e 1879, e eles se estabeleceram principalmente no Centro-Sul do estado (a primeira colônia fundada foi a de Santa Isabel[37], cuja sede, denominada pelos primeiros alemães de Campinho, foi construída a primeira igreja luterana da América do Sul).

No século XIX, entraram no Espírito Santo 3.933 alemães e foi computada a

[36] Anexo 10.

[37] Alterações toponímicas municipais: Santa Isabel para Domingos Martins, alterado pela lei estadual nº 1307, de 30-12-1921. Domingo Martins para Campinho, alterado pela lei estadual nº 9222, de 31-03-1938. Campinho para Domingos Martins, alterado pelo decreto-lei estadual n. 9941, de 11-11-1938.

entrada de 79 alemães a partir do ano de 1900, totalizando a entrada de 4.012 indivíduos[38]. Embora contados como "alemães", a maioria desses indivíduos eram provenientes da então província da Pomerânia, principalmente da parte oriental daquela província, das cidades de Belgard, Greifenberg, Kolberg (Kołobrzeg), Kowak, Labes (Łobez), Regenwald e arredores. Essa região, contudo, a partir da II Guerra Mundial, passou a fazer parte da Polônia.

Os pomeranos, portanto, originários dessa região entre a Alemanha e a Polônia, começaram a chegar ao estado do Espírito Santo no ano de 1859, e se dirigiram ao norte, se estabelecendo principalmente em Santa Maria de Jetibá e Domingos Martins, Os pomeranos estabeleceram suas colônias em total isolamento do resto do estado, preservando muito de sua cultura e hábitos, como por exemplo, o idioma, o que fez da cidade de Santa Maria de Jetibá uma cidade bilíngue (TRESSMANN, 1998; 2006; BAHIA, 2010; MANSKE, 2015).

Esse dado é de especial relevo para esta dissertação, porque dentre os lugares colonizados pelos primeiros pomeranos, o município de Santa Maria de Jetibá se destaca dos demais porque na serra capixaba eles persistem em preservar a cultura da pátria-mãe, como a língua, que ainda hoje predomina na região, e as tradicionais festas que demarcam os ritos de passagem, como o casamento e algumas outras. Aspectos esses que são particularmente aludidos nas peças do museu.

4.4 O quarto reservado à religião e à educação: a questão do idioma para a construção sócio-cultural da identidade pomerana.

Manske (2015) especifica que foi por motivação religiosa que a instituição escolar iniciou sua história e seu modo de existir entre os pomeranos. Envolta no manto religioso, a educação não se instituía desvinculada da prática da igreja luterana. Por assim dizer, a aprendizagem tinha por “base curricular” textos religiosos, extraídos

[38] Um número considerável de imigrantes também era originário da região da Renânia, sobretudo das montanhas do Hunsrück, no vale do rio Reno. Dos alemães que foram para o Espírito Santo, 63% eram oriundos da Pomerânia, 7% da Renânia e 7% de Hesse, 6% da Prússia e 6% da Saxônia, 3% de Vestfália, 2% de Baden e 2% de Brandemburgo, 1% da Baviera e outro porcentual de outras regiões. Esse número de alemães que imigrou para o Espírito Santo a partir do ano de 1847 se multiplicou e deu origem a uma quantidade considerável de descendentes. Segundo estimativas do historiador Jean Roche, no ano de 1930 havia 30 mil descendentes de alemães no estado (cerca de 4% da população total), número que saltou para 70 mil indivíduos em 1961 (aproximadamente 5% da população capixaba) (ROLKË, 1996).

da Bíblia e dos hinários, prática estabelecida pelos pastores. Dessa forma, a apropriação da educação escolar remonta à importância dada pela localidade ao processo educacional, que mesmo sem a referência do Estado, se manteve em um processo traduzido pelo grupo como valor simbólico e social.

Da forma apresentada anteriormente, encontramos no Museu da Imigração Pomerana um espaço específico para essas temáticas: religião e educação. Ambas apresentadas simultaneamente, pois ao longo da história da imigração pomerana, a educação sempre esteve vinculada à religião, ao ensino aos pastores. Diante da ausência da atuação das instituições públicas do Estado brasileiro, ainda não havia estruturas educacionais adequadas, e quem administrava o sistema escolar era o pastor. O ensino escolar era o mesmo que o ensino confirmatório[39]. O aprendizado escolar era ministrado pelo pastor na língua alemã[40] (BAHIA, 2011), e os primeiros contatos com a educação aconteciam no espaço da própria igreja, que servia para celebração dos cultos e para as aulas.

Bahia (2011) referenda a ação da igreja luterana na educação, estabelecendo "a escola como um misto de escola e igreja", organização que se justifica pela falta da ação do Estado junto ao grupo, o que propiciou a figura do pastor atuar em tarefas responsáveis por ordenar a vida local, como "médico, professor, conselheiro, juiz nas questões de terra e de ordem familiar" (p.127). O que indica, portanto, a estreita relação entre a igreja e os pomeranos de Santa Maria de Jetibá no início de sua colonização. De fato, para grande parte dos descendentes de pomeranos de Santa Maria de Jetibá, o pastor é uma das figuras mais referenciadas da localidade devido à representação que este assume desde a imigração. Além do reconhecimento da legitimidade da palavra sagrada, o pastor é um letrado, aquele que melhor domina a língua, fundamental para a reinvenção da Pomerânia no Brasil (BAHIA, 2011).

Através das pesquisas bibliográficas e material encontrado no Museu, percebermos que a religião foi a base para a educação pomerana, para a alfabetização, bem como para um direcionamento, não só espiritual, mas também

[39] O Ensino Confirmatório é um período de instrução onde o jovem aprende as bases da fé cristã, bem como sobre sua igreja de confessionalidade luterana. Este período de ensino é de dois anos. Era comparado ao ensino escolar pela importância que o mesmo tinha.

[40] Segundo Tressmann (2005), a tradução da Bíblia por Lutero da Vulgata e dos originais Hebraico e Grego para uma das variedades do Alto-Alemão, do qual se originou o Alemão moderno, também chega à Pomerânia. A língua para a qual o Reformador traduziu a Bíblia, no entanto, não foi entendida pelos pomeranos. Aos poucos, no entanto, o Alemão passa a ser ensinado à população pomerana, por meio da escola, com vistas principalmente à educação religiosa. Por isso o ensino era ministrado em alemão, por ter base religiosa, enquanto a língua pomerana, a língua materna, era ensinada em casa, no convívio familiar.

educacional. A igreja luterana alcançou importante representatividade entre os pomeranos ao assumir a educação escolar no grupo (MANSKE, 2015), o que justifica ter um espaço único no museu para expor essas duas temáticas que se interligam. Consequentemente, é necessário indicar a língua e todo o seu contexto, seu discurso, seus enunciados e enunciadores, como construtora sócio-cultural da identidade. E assim compreender a função dessa língua como uma marca identitária desse povo (Brait, 2012), sem, contudo, refutar a importância religiosa para essa abordagem.

A identidade é um processo de apresentação, acrescenta Costa (2005), mediado por discursos e pela língua, no qual o indivíduo ou o grupo se definem, falam do lugar que ocupam, contam a sua versão da história por meio de narrativas que os identificam integrantes da história. Assim, a manutenção da língua, das atividades e dos princípios do grupo constitue significação identitária pomerana em Santa Maria de Jetibá (MANSKE, 2015). A língua pomerana é o elo que permite um melhor entrosamento entre os moradores do interior e os da sede do município. A língua determina o vínculo social em um jogo de interrogações e posicionamento.

Para Brandão (2004, p. 8), a visão da linguagem como interação social, em que o *Outro* desempenha papel fundamental na constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual em um contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o linguístico e o social. E isso é destacado por Bahia (2011, p. 167) que indica que os pastores que utilizam a língua alemã nos cultos são preferidos pelos mais velhos, já os mais novos, por motivo de não entenderem a língua alemã têm preferência por cultos proferidos em pomerano ou em português. A utilização da escrita acontece da mesma forma, salientando que, para haver interação social, faz-se necessário, nesse caso, a variação linguística.

Ou seja, quanto ao idioma, pode se dizer que sua influência na manutenção da identidade social é evidente. A maioria da população fala a língua pomerana no seu dia-a-dia: em casa, no comércio, na igreja, na lavoura e nas festas realizadas nas comunidades. A comunicação em pomerano acontece naturalmente e grande parte das crianças apenas aprende a língua oficial, a língua portuguesa, ao ser alfabetizada, conforme depoimento:

> *Amigos meus que foram para escola que não sabiam falar o português, tiveram que aprender na escola. Aí, tipo assim, eu lembro que tinha gente que tinha muita dificuldade, que não entendia nada. Tem uma colega minha [...] que ela foi para escola sem saber falar o*

> *português. E hoje tá fazendo faculdade na capital...*[41]

Contudo, vale referir novamente a Manske (2015, p. 142), que não apenas a individualidade permeia a organização da crença em Santa Maria de Jetibá. É na concepção do grupo, em especial, o doméstico, que tanto a linguagem, a oralidade e a memória atuam nessa legitimação.

O aprendizado da língua é familiar, sendo a mulher responsável pela transmissão da lógica da língua pomerana para as crianças. É no seio familiar do descendente de pomerano que a tradição se manifesta de forma a reforçar os laços linguísticos, religiosos, e culturais (MANSKE, 2015).

> *A nossa filha desde que ela nasceu, ela aprendeu falar o português só depois dos 4 anos, a gente só fala em pomerano com ela, desde pequena já ensinou o pomerano e hoje a gente fala em casa mesmo, nossa família só fala em pomerano, tudo em pomerano.*[42]

Compreende-se nesse sentido, que essa ação exerce uma função suplementar que determina a manutenção da cultura, da organização social, da motivação à preservação da língua, e outras características que formam o desenho local.

Sob esse prisma, a matriarca assume um considerável papel, o de educar e transmitir à criança recém-chegada ao grupo a tradição estabelecida na localidade seja de educação religiosa ou de linguagem, assim como o fazia os pastores à época da imigração. É a mãe pomerana que tem a incumbência de direcionar o aprendizado e o desenvolvimento das crianças, conduzindo-as à compreensão e à absorção do que se ensina. Num ritual diário, a língua e demais atributos vão se constituindo na formação da criança e do indivíduo (MANSKE, 2015).

Quando essas crianças ingressam na escola falam fluentemente o pomerano, fato que ocasiona uma série de conflitos no interior do sistema escolar, por isso muitos profissionais envolvidos com o magistério tiveram de aprender e/ou aperfeiçoar a língua pomerana para que pudessem dar continuidade ao trabalho docente.

> O que não pode ser desconsiderado é que a criança descendente de pomerano traz consigo, além da língua, a tradição do pomerano. Nessa ótica, não apenas a língua pomerana dever ser considerada

[41] Depoimento de um jovem estudante, 23 anos, descendente de pomerano, sexo masculino, solteiro. Entrevista realizada durante a 26ª Festa Pomerana em Santa Maria de Jetibá-ES, em 01-05-2015.

[42] Depoimento de um jovem músico e agricultor, 32 anos, descendente de pomerano, sexo masculino, casado. Entrevista realizada durante a 26ª Festa Pomerana em Santa Maria de Jetibá-ES, em 02-05-2015.

> como agente a ser valorizado na compreensão da educação que se estabelece na escola em Santa Maria de Jetibá, mas toda a disposição apresentada pela cultura merece destaque no momento de vislumbrar ações e atividades que pretendem ser estabelecidas no processo da educação escolar (MANSKE, 2015, p. 124).

Segundo Brandão (2004), a língua constitui a condição de possibilidade do "discurso", pois é uma espécie de invariante pressuposta por todas as condições de produção possíveis em um momento histórico determinado. A autora diz ainda, que os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido, um exemplo claro nesse contexto, é a forma como ocorrem os cultos, como apresentados anteriormente.

Contudo, é somente a partir do século XXI que a valorização e o respeito à diversidade cultural se tornou preocupação das políticas públicas no Brasil, deixando de ser uma preocupação exclusiva da igreja como era no passado. O atendimento às especificidades culturais é uma questão nova, o que pressupõe considerações no que se refere à consolidação dessas políticas, uma vez que a constituição das práticas estabelecidas atende aos preceitos imbricados pela cultura maior (MANSKE, 2015).

Para tanto, foi sancionada pelo município de Santa Maria de Jetibá- ES, o projeto de lei nº 031/2009[43] e a lei de n. 1.136/2009[44], dentre outras[45] e também foi criado o Programa de Educação Escolar Pomerana – PROEPO. De acordo com Kuster et al (2009), esse Programa Pedagógico tem como objetivo valorizar e fortalecer a cultura e a língua oral e escrita pomerana. Foi implantado em escolas públicas de cinco municípios capixabas[46], que foram colonizados por descendentes pomeranos, oriundos da Europa e que mantiveram o uso dessa língua. A razão de ser desse programa se deve às dificuldades de aprendizagem, ou seja, ao fato de as escolas receberem crianças com essa marca cultural e como, ao ingressarem na vida escolar, falam somente a língua materna (no caso o pomerano), são inseridas em um

---

[43] Projeto de Lei nº 031/2009, Cooficialização da língua pomerana no município de Santa Maria de Jetibá. Anexo 11.

[44] Lei nº 1136/2009. Dispõe sobre a cooficialização da língua pomerana no município. Anexo 12.
Art. 2. § III: A cooficialização da língua pomerana obriga o município a:
incentivar o aprendizado e o uso da língua pomerana, nas escolas e os meios de comunicação;

[45] Lei nº 1376/2011, que dispõe sobre o ensino da língua pomerana oral e escrita nas escolas da rede municipal de Santa Maria de Jetibá. Anexo 13.
Decreto Municipal nº 203/2007, da constituição a comissão municipal de políticas linguísticas. Anexo 14.

[46] O PROEPO, está presente em cinco, dos quatorze municípios capixaba colonizados pela imigração pomerana. Sendo Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins, Pancas, Laranja da Terra e Vila Pavão. Segundo MELO e SOUZA (2015), o PROEPO foi determinante para a elaboração dos projetos de leis que culminaram na cooficialização da língua pomerana nesses municípios. Anexo 15.
Termo de parceria entre os municípios participantes do PROEPO. Anexo 16.

contexto escolar essencialmente de língua portuguesa (monolíngue), acarretando certas dificuldades no aprendizado[47].

Com relação ao aporte escrito, para dar condições de aprendizagem e compreensão da língua pomerana às crianças, Fiorin (2006) diz que é necessário compreender para participar de um diálogo com o texto e com seu destinatário, ou seja, é importante facilitar a aprendizagem, por isso um mecanismo diversificado como o PROEPO. Contrariamente ao século XIX, época da imigração quando a educação estava atrelada aos pastores e os espaços reservados ao ensino eram salões de igreja, com dupla utilidade: culto e educação. Hoje essa realidade se encontra apenas representada no museu, como marca de uma história. A diversidade atual proporciona um aprendizado especializado, qualificado, mesmo que este venha primeiramente do seio familiar.

Na zona urbana de Santa Maria de Jetibá, segundo Tressmann (2005), o pomerano é falado com frequência não só na intimidade da família como também no comércio e nas praças e para que houvesse comunicação, ocorreu uma adaptação em muitos locais da cidade. Os gerentes de bancos, lojas, padarias, farmácias dão preferência aos funcionários que falem o pomerano a fim de proporcionar um melhor atendimento aos clientes (2005, p. 98), principalmente aqueles que 'definitivamente' não falavam o português: as primeiras gerações de descendentes pomeranos.

> *As pessoas preservam muito* (a língua pomerana, observação nossa)*, como trabalhar nas lojas todo mundo tem que saber falar o pomerano, porque até mesmo em consultórios médicos, todo mundo tem que saber falar o pomerano, porque o pessoal mais do interior não sabe falar o português, então você tem que saber*[48]*.*

Reportando a Brandão (2004), é importante perceber que a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como

---

[47] O referido Programa de Educação Escolar Pomerana - PROEPO, atende também ao Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos-ES, em seu Objetivo 3.3.2 – Reconhecimento e proteção da diversidade de modos de vida, tradições e expressões culturais e promoção da qualidade de vida dos grupos étnicos e comunidades tradicionais, em seus itens: 3.3.2.12 – Estimular, no estado e em seus municípios, ações que promovam o resgate dos idiomas dos diferentes grupos étnicos presentes no Espírito Santo, com destaque para o ioruba, o pomerano, e os idiomas dos grupos linguísticos tupi-guarani e banto que forem identificados como pertinentes; e 3.3.2.18 – Realizar esforços para propiciar às crianças dos diferentes grupos étnicos o direito a serem alfabetizadas na língua materna, conforme recomendado pela Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (ou Declaração de Barcelona, UNESCO, 1996), fomentando para isso programas de educação bilíngue nos territórios onde crianças capixabas tenham língua materna diferente do português.
SOLICITAÇÃO: Solicita-se aos municípios onde haja ocorrência de idiomas diferentes do português como língua materna que deem atenção à questão em seus sistemas de educação.

[48] Depoimento de uma jovem, 21 anos, descente de pomerano, sexo feminino, solteira. Entrevista realizada durante a 26ª Festa Pomerana em Santa Maria de Jetibá-ES, em 01-05-2015.

instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Portanto, assim como acontece nos cultos, na vida social, no contato com o outro, há interação e esta só é possível mediante a comunicação.

De acordo com a autora, como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de encontro ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Portanto, seu estudo não pode estar desvinculado de suas condições de produção, do diálogo com o outro. Por isso a necessidade da manutenção da língua entre os descendentes de pomeranos.

A língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem no quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem (FIORIN, 2006), mas de maneira bem mais ampla, como encontrado no museu por meio dos objetos expostos tais como cadernos, bíblias, hinários, que eram utilizados como material pedagógico.

Como apresentada no museu, a história da educação pomerana está atrelada à vida religiosa, cheia de ecos e lembranças de outros enunciados, de outros tempos. O museu como lugar de memória, conta essa história, às vezes refutando, confirmando, completando... Há pressupostos que perpassam o concreto, trazem lembranças de outros tempos, árduos e difíceis, e o ensino da língua como hoje acontece leva-nos a uma reflexão de outrora. O que é muito claro na realidade pomerana são os ecos das lembranças vividas por gerações e que ainda hoje atravessam como as múltiplas vozes na formação identitária do descendente pomerano.

Manske (2015) acrescenta que a identidade é um processo de apresentação, mediado por discursos e pela linguagem, no qual o indivíduo ou o grupo se definem, falam do lugar que ocupam, contam sua versão da história por meio de narrativas que os identificam integrantes dessa história. E essa identificação, sem dúvida, faz-se presente na língua, no diálogo daqueles que ainda hoje utilizam a língua pomerana

mais frequentemente que a língua portuguesa, especialmente nas áreas mais distantes da sede do município. O idioma também é muito utilizado nas práticas religiosas,

> *Nos cultos das nossas igrejas e religiões também o pastor realiza o culto em português e depois ele faz toda tradução do culto para os idosos*[49].

Mostrando assim, que a pessoa não existe isoladamente, pois os sentidos são construídos quando duas ou mais vozes se confrontam: quando a voz de um ouvinte responde à voz de um falante. "Na perspectiva bakhtiniana, *linguagem* é, por definição, uma prática social" (Spink e Frezza, 2013, p. 27), por isso a necessidade de tradução do culto para a língua pomerana, para que realmente possa haver essa interação social.

Compreende-se nesse sentido, que a ação educacional e religiosa exerce uma função suplementar que determina a manutenção da cultura, da organização social, da motivação à preservação da língua, e outras características que formam o desenho local (MANSKE, 2015, p. 93). Dessa forma, compreendemos que são vários os modos de imaginar e representar um grupo social no Brasil, uma vez que a diversidade vislumbrada é ímpar. A partir desse pressuposto, é importante destacar que cada grupo apresenta uma dinâmica que assegura as características sociais ali constituídas como referência identitária que afiançam os laços que unem os indivíduos ao grupo (MANSKE, 2015).

E é essa diversidade que ajuda a construir a identidade cultural de determinado grupo. Como afirma Hall (2001), a identidade cultural é constituída, por aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nossa pertença a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Munanga (2008) reforça dizendo que essa identidade é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social, etc. Esses elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois as culturas em diáspora têm de contar apenas com aqueles que resistiram, com o que elas conquistaram em seus novos territórios.

---

[49] Depoimento de uma jovem, 18 anos, descendente de pomerano, sexo feminino, solteira. Entrevista realizada durante a 26ª Festa Pomerana em Santa Maria de Jetibá-ES, em 02-05-2015.

4.5 Sótão, o cantinho do descanso, lembranças e diversão: a questão das festas para a construção sócio-cultural da identidade pomerana.

No museu, pôde-se verificar que o pomerano, tradicionalmente, guarda lembranças que são repassadas por gerações, e as festividades, as comemorações não ficam aquém. De acordo com a divisão do Museu, o espaço reservado às festividades, ao casamento e à música, é um cômodo na parte central da casa, onde se encontram os objetos referentes ao casamento.

O sótão, parte superior da casa, para muitos um lugar de guardar entulhos e coisas que são difíceis de serem utilizadas, para o pomerano é o lugar estratégico, para que somente ele possa rememorar tempos de outrora, difíceis, árduos, mas também que deram a possibilidade de ascensão frente à realidade de guerras, dificuldades de sobrevivência em sua terra natal.

As festividades, com danças e músicas típicas, também contribuem para afirmação da identidade cultural desse grupo étnico. As festas mais tradicionais são as que demarcam os ritos de passagem, como o casamento pomerano, por exemplo, o qual se materializa no terceiro cômodo do Museu, na parte central. O que se encontra nesse espaço leva a crer que era hora do pomerano fincar raízes matrimoniais, visto que já havia concretizado a sua chegada e havia desbravado o solo capixaba.

O casamento pomerano, festa tradicional entre os descendentes desse grupo, tem em seu rito, várias passagens e simbologias distintas. A festa de casamento é o acontecimento mais importante para esse povo. O casamento tradicional pomerano ainda acontece nos municípios do Espírito Santo, e guarda uma relação de continuidade com o passado (TRESSMANN, 2015). O casamento é um rito que contextualiza o sagrado e o popular, numa complementaridade de rituais que norteiam a constituição da nova família que irá unir-se ao grupo, resguardando os valores e a tradição pomerana (MANSKE, 2015).

De fato, é uma festa de enorme grandiosidade e prestígio para esse povo. Para um pomerano, não existe confiança mais abençoada do que a união de um casal e o motivo se desencadeia diante da perspectiva de formação de uma nova família. Por isso, a festa em que ocorrem esses eventos matrimoniais possui um preparo ritualístico muito especial. Segundo Nasr (2009, p. 04) o casamento tem uma origem divina e o Senhor o estabeleceu pensando na felicidade dos homens. Essa união

reflete que o propósito do matrimônio está em uni-los em todos os campos da vida humana e espiritual.

Diante de tamanha tradição, o casamento assume importância para todos, não só para os noivos, para suas famílias, mas para toda a localidade e todo esse simbolismo, esse significado é próprio da cultura pomerana.

Manske (2015, p.172) ressalta que o conjunto de símbolos e significados disponibilizados por essa cultura e pela igreja norteia a disposição de cada elemento de forma a produzir uma dinâmica que determina práticas limítrofes entre o religioso e o que é próprio no casamento pomerano. A manutenção dessa prática ocorre pelo fato da igreja compreender esse limite e respeitar a tradição popular arraigada na cultura pomerana, desde a imigração.

Segundo Rölke (1996), o casamento, a *"Hochtied"*, é sem dúvida a maior e mais rica festa para os pomeranos. A *"Hochtied"* requer longos períodos de organização. As épocas preferidas para a festa de casamento são a primavera e o outono, após a colheita. O melhor período para casamentos, contudo, assim como na nossa cultura, é o mês de maio, o mês das noivas, *hochtijdsmånat* (RÖLKE, 1996; TRESSMANN, 2015).

Contrariamente, o pomerano abstém-se de realizar as festividades matrimoniais na época da Paixão, na quaresma, *Fasten*, no mês de agosto, *august*, no período das doze noites – período que vai de 24 de dezembro a 06 de janeiro –, *twölwte*, e em ano bissexto, *schaltjår*. Se por ventura o casamento ocorrer nesse período, no ano bissexto[50], deve ser realizado em janeiro ou no início de fevereiro, o mais tardar (TRESSMANN, 2005).

A posição dos autores apresentada anteriormente reforça uma característica singular do pomerano, a ritualização e as superstições em relação a esta festa. Todo rito de passagem, ou simplesmente as atividades corriqueiras do pomerano têm os seus porquês, sua simbologia, o seu ritual.

Tressmannn (2005), Rölke (1996), Bahia (2011), Manske (2015) e Nasr (2009) apresentam a duração da festa do casamento pomerano. Costumeiramente, a festa

[50] Na cultura pomerana esse período não seria propício ao matrimônio por não trazer boas energias e fluídos positivos ao casal.

dura, três dias, e é realizada na casa dos pais da noiva. No primeiro dia, véspera do casamento, *foirhochtijd,* na quinta-feira (nos dias de hoje também na sexta-feira) à noite, acontece o ritual do Quebra-Louça. No segundo dia do casamento (no religioso), *hochtijdsdag*, acontece a festa propriamente dita, o banquete nupcial e, no dia seguinte, o terceiro dia, festeja-se o segundo dia de casamento, *nåhochtijd*.

Porém, até a chegada desses dias, os preparativos ocorrem durante meses e até um ano de antecedência, envolvendo as famílias dos noivos e a própria comunidade.

Atualmente, preservando a memória e a tradição pomerana, o casamento ainda envolve todo um processo de trabalho da família dos noivos, o qual se estende desde o preparativo, idealizado a partir do anúncio da realização da cerimônia religiosa na igreja durante o culto, à festa que encerra as festividades desse rito de passagem (MANSKE, 2015; RÖLKE, 1996).

Dentre os preparativos estão desde a escolha dos padrinhos, os responsáveis pelos registros fotográficos, pelo convite, até a escolha do mastro para a bandeira – que carrega letras iniciais dos nomes dos noivos, assim como nos convites escritos de hoje – , dentre outros preparativos que envolvem uma gama de outros pomeranos[51]. No intuito de manter viva a cultura e de repassá-la por gerações, tais preparativos demandam cuidado, carinho e atenção durante sua organização, pois necessita atender duas tendências: aquelas conduzidas pela tradição, pelo passado, que fez história e aquelas que introduzem novos elementos da cultura externa, as de hoje, do presente[52].

A tradição e a cultura estão tão arraigadas no pomerano que nem mesmo as influências externas de outras culturas não impedem que a ação religiosa prevaleça.

> [...] compreende-se que o casamento pomerano ao longo dos anos

[51] Por ser uma festa com muitos convidados, de acordo com as entrevistas realizadas, um casamento pomerano, de uma família simples, sem muitas bens, gera em torno de 300 a 500 famílias convidadas, totalizando aproximadamente mais de 1000 pessoas, o que requer uma "gama de outros pomeranos" nos preparativos da festa, pois é uma festa que tradicionalmente tem uma durabilidade de 3 dias, havendo muita fartura.

[52] Os preparativos de um típico casamento pomerano são extremamente ritualizados. Esse grupo étnico mantém ainda as tradições por gerações, como os três dias de festas, a fartura, os pratos típicos servidos durante as comemorações. Com relação aos elementos da cultura externa, algumas famílias, em pequeno número, preferem os convites gráficos pela praticidade, sendo utilizado o convite recitado com menos frequência. Quanto à tradição do vestido de noiva preto, este ainda é utilizado, porém no dia do quebra-louças (primeiro dia de festa), e o vestido branco no dia da cerimônia. Mesmo aderindo uma pequena influência da cultura local, esse grupo étnico procura manter inalterada a tradição dos três dias de festas, o mastro com a bandeira e as iniciais dos nomes dos noivos, ornamentação, mão de obra de outros pomeranos, o som da concertina, a sequência das danças com os noivos, dentre outras.

> teve mudanças a partir da influência da cultura externa, contudo a tradição fixada ao grupo não permitiu que essas transformações determinassem seu fim, ou, uma mudança que descaracterizasse alguns traços que permeiam o casamento desde a imigração (MANSKE, 2015, p.173).

Após o anúncio na igreja durante o culto sobre o casamento, entra em função o *"Hochtiedsirrer"* ou o *"Kösterbirrer"*, pessoa que visitará as casas para convidar para o casamento, geralmente um parente, o irmão caçula da noiva – o convite pode ser recitado[53] – mantendo a tradição ou "a entrega de um convite escrito, nos moldes dos convites recebidos fora da localidade, contexto que justifica a influência da cultura externa [...] o que não desarmonizou a tradição evidenciada no convite ou em outros momentos do casamento" (MANSKE, 2015, p. 174).

O convite ou o convidador informa, entre outras coisas, a data, hora, local e ainda reforça que as músicas colocarão todos em movimento, como símbolo de alegria. Para ocasião tão especial, o convidador coloca sua melhor roupa: terno, chapéu e na lapela do terno um buquê de flores, com fitas coloridas e vistosas. Para a comunidade pomerana, receber o *"Hochtiedsirrer"* é muito importante, pois expressa o desejo da presença da família ali convidada (NASR, 2009; RÖLKE, 1996; TRESSMANN, 2005).

A família convidada como forma de retribuição ao convite, presenteia os noivos com dinheiro, frutas ou aguardente, além de amarrarem um lenço colorido nas costas do *"Hochtiedsirrer"*, como comprovação de visita e ainda, como confirmação da presença da família na cerimônia[54].

Um segundo ritual referente ao casamento, acontece às vésperas da cerimônia religiosa, é a noite do Quebra-louças, o *"Polterowend"*. Cabe ressaltar que este dia é considerado o momento mais íntimo dos noivos, os convidados são pessoas muito próximas, como familiares, padrinhos e amigos, aqueles que os querem bem. Durante o quebra-louças, todos tentam afugentar os maus espíritos e maus olhares, tudo aquilo que pudesse, por ventura, atrapalhar a relação matrimonial, a nova constituição familiar, através de muito barulho e gritaria. O Quebra-louças é conduzido por uma mulher, "*Pulderfruug"*, geralmente mais velha, casada e com filhos, pois teria mais experiência referente à vida matrimonial, por vezes a tia da noiva (NASR, 2009;

[53] Convite recitado na língua pomerana e traduzido para língua portuguesa. Anexo 17.

[54] De acordo com o material fotográfico e bibliográfico, por mais que tenha sofrido influências da cultura local, essas não foram suficientes para descaracterizar a cultura e a tradição pomerana, a essência do pomerano.

RÖLKE, 1996; TRESSMANN, 2015; BAHIA, 2011). Hoje se percebe que outras mulheres, com as mesmas características podem assumir esse lugar, mas também prevalece a relação desta com os noivos, pois como já foi dito é um momento em que todos ali presentes, querem muito bem ao casal.

A "*Pulderfruug"*, vestida com trajes típicos pomeranos, traz em seu avental as louças que serão quebradas, estas de porcelana ou cerâmica. Vidros não são quebrados, pois estes simbolizavam sorte. Inicia-se o ritual: um círculo é feito, cada noivo recebe uma vassoura e terão que varrer o espaço ao fim do ritual. Tem início a oração, intercalada por intervalos, estes propícios para entrega de presentes aos noivos, a mulher recebe utensílios para a cozinha e o homem, garrafas de vinho. Após a entrega dos presentes, continua a Oração do Quebra-louças, como explica Bahia (2011):

> Quando acontece o Quebra-louças a festa de casamento?
> O Quebra-louças acontece uma noite antes da festa de casamento,
> Resumindo: despedida dos noivos da vida de solteiros.
> É uma tradição que os nossos antepassados trouxeram da Alemanha.
> Querida noiva e querido noivo, tenho a satisfação de estar aqui diante de vocês e dos vossos parentes e dos vossos vizinhos e amigos.
> Não façam as minhas vontades, como também não os vossos desejos, e sim observem as palavras de Jesus Cristo que diz: "Buscai em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas".
> Desejo muita sorte e bênção para vocês, em como toda a criação do mundo.
> Queridos noivos, fiquem sabendo que amanhã é o dia do vosso casamento; onde todos querem desejar a vocês muita sorte na vossa caminhada, e eu também quero desejar a vocês tanta sorte quantas gotas de água que vem do céu.
> Desejo mais ainda, que tenham respeito um pelo outro e que sejam felizes em vosso lar.
> Não sejam luxuosos, mas sejam modestos, pois tudo o que vocês possuem deve ser limpo no lar, não importa que móveis ou imóveis são. Assim como esta louça é quebrada,[55] e vocês tentam juntar os pedaços, assim vocês vão juntar o dinheiro na vossa prosperidade.
> Por isso neste momento passa a vocês uma vassoura para cada um para limpar hoje a noite este salão, quanto mais rápido vocês varrerem, tanto mais vida vocês irão possuir no vosso lar.
> Aproveito este momento para passar a você querida noiva um pequeno presente para sempre te lembrares de mim.
> Ao querido noivo quero passar como presente um garrafa de vinho para que todos nós possamos festejar felizes o vosso casamento no dia de amanhã; que possamos brincar e dançar até o fim da festa. O maior presente é Deus que dá; isto é, para que vocês possam viver felizes todos os dias até o último dia de vida. Estes são os meus votos para todos que estão aqui reunidos, em especial aos nossos

[55] De acordo com Bahia (2011) é a partir desse momento que a louça começa a ser arremessada ao chão.

> noivos. Quero-lhe chamar atenção, se caso não sentiram satisfeitos terão que fazer sozinhos, pois eu não tenho mais tempo. Tenho que levantar amanhã em cedo para seguir a minha atividade. A vocês todos só me resta deixar o meu muito obrigado, e que todos possam voltar para as suas respectivas casas, a vocês queridos noivos, deixo os meus sinceros agradecimentos. Boa noite". (p. 242-243)

Após esse momento, inicia-se o baile, ali mesmo sobre os cacos. Enquanto todos dançam, cabe aos noivos juntos, varrerem o salão juntando os cacos para fora. Contrariamente a Tressmann (2015) que referencia esse momento feito em conjunto, simbolizando que as decisões na família serão tomadas por ambos e o fato de guardarem os cacos para trazer sorte, Nasr (2009) diz que apenas o noivo usará a pá para levar os cacos ao local, atitude cujo significado indica que o leme é do homem e o entulho deve ser enterrado em volta da casa ou na lavoura, com o objetivo de simbolizar paz no matrimônio, levando para longe da residência tudo aquilo que pudesse assombrar a família.

Toda essa magia festiva que envolve o casamento com todo seu ritual, simbologia, com tanta fartura e alegria, talvez venha suprir um distante passado de muitas privações, dificuldades para sobreviver nas terras que os acolheram. Durante os três dias de festas desse rito de passagem, há muita fartura, em especial de comida.

No dia do quebra-louças, é servida galinha como prato principal. Segundo Nasr (2009), ingerir essa carne significa afastar a aproximação de qualquer poder demoníaco, interpretação simbológica (pelo fato da galinha ciscar para trás, estaria jogando para trás, impedindo de chegar ao mais novo casal tudo de ruim que pudesse atrapalhar essa união), ao ingerir esta carne, o casal garante muita alegria e prosperidade durante a vida conjugal.

A simbologia em torno do casamento pomerano, seu significado ritualizado transmitido por gerações, materializado na memória de cada pomerano, reforça que esses conhecimentos antecedem a vivência da pessoa, que se fazem nela presentes por meio de instituições, modelos, normas, enfim da reprodução social (SPINK e MEDRADO, 2013, p. 32) de um grupo étnico que tenta, a todo custo manter sua tradição, por mais que possa sofrer influências de culturas externas.

Por fim, o casamento, o grande dia!

Também carregado de simbologia, este dia envolve muitas pessoas, tanto da família dos noivos como da comunidade, pois um casamento pomerano é sinônimo de muita fartura, alegria, muitos convidados, necessitando, portanto, da ajuda de todos. Tudo acontece ao som da concertina. E o convidador recebe as famílias com gritos de boas vindas. Neste dia todos os envolvidos, cozinheiras, copeiros, tocadores, padrinhos são identificados com fitas de cores diferentes. Assim como no passado, atualmente, mesmo aqueles pomeranos que prosperam, possuem posses, bens, ainda mantêm a tradição de seus antepassados.

O local escolhido para a festa é identificado: a entrada, com um arco de bambu enfeitado com muitas fitas coloridas, além de um mastro com uma bandeira contendo as iniciais dos nomes dos noivos. Durante todo o dia, põe-se uma mesa farta com comidas típicas, café, pão, bolos, doces e o brot, muito apreciado por todos. Também é servido o almoço para os convidados (MANSKE, 2015). Ao final do dia todos vão em direção à igreja. Assim como na noite do Quebra-louças, neste dia, durante o percurso até a igreja, todos seguem juntos, em carros enfeitados, com bandeiras e muitos fogos de artifícios, todos na maior barulheira, com gritos típicos da cultura pomerana, como forma de afugentar os maus espíritos e enfatizar a alegria do casal (RÖLKE, 1996).

Mas de todo ritual apresentado até agora, sem dúvida alguma, nenhum é tão peculiar e único como o vestido da noiva. Essa vestimenta requer tempo para escolhê-la, imaginação e desejo, porque simboliza a concretização de um sonho.

A noiva era arrumada por sua mãe e trajava vestido preto de cetim com uma faixa, igualmente de cetim, de cor verde na altura da cintura, e uma coroa verde, tecida de murta, alecrim ou de cipreste, adornada com flores de laranjeira (RÖLKE, 1996; TRESSMANN, 2015; SCHWARZ, 1993). No Espírito Santo, esse costume perdurou até a década de 1940, quando as noivas passaram a usar vestido branco, mas sem alterar os demais costumes que envolviam esse rito de passagem[56].

Para muitos autores, há várias tentativas de explicar o uso do preto pela noiva, algumas com fundamentos, outras nem tanto. Rölke (1996, p. 71) diz que a cor preta do vestido simboliza o respeito que se tem diante da celebração na igreja. Outra explicação para o uso do vestido preto “[...] recorda o sofrimento da noiva quando ela

[56] As noivas ainda procuram usar o vestido preto, porém este é usado na primeira noite, no Dia do Quebra-louças. E no dia da Cerimônia religiosa, usam o branco. Anexo 18.

era violentada pelo senhor feudal. [...]" (Foerste e Jacob, 1997). E muitas outras sem qualquer embasamento acadêmico, como dizer que a noiva trajava vestido preto por causa do clima frio da Pomerânia, ou ainda, que no Espírito Santo o vestido preto fosse falta de recursos, devido à precária vida pomerana à época da imigração. Para Tressmann (2015) e Bahia (2011) o vestido preto simboliza a morte social, a separação da noiva de sua família, pois quem se desloca de sua rede de parentesco é a mulher, adquirindo um novo papel social.

Os casamentos realizados, atualmente, em Santa Maria de Jetibá acompanham algumas tendências da atualidade e da cultura externa como apresentados anteriormente, mais precisamente, a forma de convidar. Hoje com convite gráfico, e entregue não mais a cavalo, como no passado, mas de moto ou automóveis. Além do tradicional vestido preto, que deu lugar ao branco, embora, devido ao trabalho realizado no município para manter viva a cultura e a tradição do pomerano, todas as noivas sabem da importância histórica do vestido preto para sua descendência.

Mesmo algumas características da cultura externa, sendo inseridas na cultura pomerana, estas não foram fortes o bastante para modificar e/ou alterar a importância que o pomerano dá à benção da igreja ao casamento, esta torna indispensável no momento em que os rituais de cunho popular envolvem o casamento (MANSKE, 2015).

Posteriormente à benção matrimonial, a festa continua com a mesma alegria, entusiasmo e simbologia do dia anterior, do Quebra-louças. Nesse momento da festividade, após saudações, cumprimentos e afins, ocorre a dança dos noivos, não menos ritualizada que o que ocorreu até esse momento. A dança dos noivos será descrita em outro momento da pesquisa, bem como a fartura e os tipos de alimentos e bebidas servidas neste grande dia.

No museu, no espaço reservado ao casamento, podemos encontrar objetos expostos representativos de todo contexto apresentado anteriormente. Há uma exposição fotográfica sequencial do casamento, iniciando com o convidador, *Hochtiedsirrer,* em uma versão original, do início da colonização, seguida do cortejo dos convidados a caminho da cerimônia, bem como da comemoração com toda fartura elucidada anteriormente. Além de outros objetos como o vestido preto da noiva, a

concertina, o pano bordado que a mulher, a *Pulderfruug*, responsável pelo Quebra-louças, levava consigo e outros pertences de igual importância para o tema. Percebe-se que a disposição das peças, informações textuais e visuais reveladas neste espaço, bem como no sótão com a exposição dos instrumentos do coro de metais, também utilizados nesses ritos, conta a história da cultura pomerana rememorada em cada momento que um indivíduo adentrar ao museu.

Toda descrição desse rito de passagem é materializada não só no Museu, mas também em outros lugares de memória, como na Festa da Imigração Pomerana que ocorre no mês de maio em Santa Maria de Jetibá. O que chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de lembrar. Esses repertórios também são aqueles que vêm do pai ou da mãe, propriedade transmitida pelos ancestrais, o patrimônio cultural de um país, passado por gerações.

Segundo Nora (1993), a passagem de memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir à busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. Havendo assim um deslocamento decisivo que se transfere da memória: do histórico ao psicológico, do social ao individual, do transmissivo ao subjetivo, da repetição à rememoração.

E isso é muito bem representado não só no Museu da Imigração Pomerana, mas também nas festas, no seio familiar, na escola, enfim, no dia a dia do pomerano em Santa Maria de Jetibá.

A memória pessoal, refletida no espaço privado, transforma-se em memória coletiva, o espaço pessoal torna-se espaço público, procurado por quem pretender chegar ao íntimo de uma certa personalidade. As coleções têm um valor sentimental, o qual é percebido por meio da observação de como se dá a relação do objeto com o indivíduo.

Para Seibel (2010), a história acontece em todos os lugares e não fica restrita

aos livros. Para alguém entender o significado dela será preciso aproximar-se da mesma. Será necessário compreender a realidade retratada. Quem sabe, será preciso passar a figurar como integrantes do seu roteiro. Assim, com a coleta de mais informações, os novos conteúdos conduzirão a uma crescente bagagem de conhecimentos sobre o passado, subsidiando as discussões do presente para que se possa planejar o futuro.

4.6 O museu em sua materialidade: a questão da arquitetura para a construção sócio-cultural da identidade pomerana.

Edificações dos imigrantes pomeranos constituem uma tipologia arquitetônica única, com aspectos formais e construtivos muito peculiares. No início da imigração, além das dificuldades encontradas pelos pomeranos como adaptações referentes à língua, ao clima e ao contexto inóspito encontrados em uma “Canaã” ainda por desbravar, houve necessidade de adaptar as técnicas de construção que conheciam da Europa aos materiais que podiam retirar da natureza local, já que eram o único recurso disponível na nova terra que os acolhera (SCHULTZ, 2010).

Materializa-se assim a arquitetura desse grupo étnico, concretizando os conhecimentos trazidos de sua terra natal, a Pomerânia, adaptando-os a essa nova realidade, propiciando ao grupo através dessa arquitetura a identidade de suas origens. Em favor da conscientização e preservação patrimonial, através da materialização da história desse grupo étnico, no museu é possível perceber a representação dessa arquitetura como meio de manutenção de sua história.

Seibel (2014) ressalta que a mistura entre a cultura alemã e pomerana, tão comum em Santa Maria de Jetibá, é facilmente identificada na construção das casas. O município é repleto de moradias antigas e modernas que simbolizam o costume e a realidade desses povos à época da colonização e nos dias de hoje. As moradias tradicionalmente pomeranas são simples, construídas com madeiras de lei retiradas da floresta. O reboco é feito com argila, a pintura com barro branco e a cobertura com pequenas tabuinhas colhidas na mata. A cor das construções é basicamente branca nas paredes e azul nas portas, janelas e varandas, cores que simbolizam o branco da neve e o azul do céu da Pomerânia (SEIBEL, 2014; GRANZOW, 2009).

Na frente, geralmente há uma grande varanda, que às vezes ocupa todo o entorno. Wernicke (2013) mostra a forma de construção de uma varanda comum por aqui, que se estende comumente apenas ao longo de um dos lados da casa e raramente circunda-a por inteiro, também materializada na arquitetura do museu[57].

Granzow (2009) relata que nos vales férteis ficavam as casas dos colonos pomeranos. As casas de madeira, cujas paredes eram pintadas de branco, eram construídas sobre pilastras e as varandas, portas e janelas eram pintadas em azul claro. 'Quando vimos essa mistura de cores azul e branca, pudemos ter certeza que aqui residiam pomeranos' (p. 33).

Muitas dessas casas foram construídas com o sistema de mutirão, quando vários vizinhos e amigos se juntam para ajudar. As casas pomeranas são geralmente espaçosas, com um banheiro externo, forno à lenha, galinheiro, chiqueiro e paiol onde são guardadas coisas diversas. Ainda hoje é comum encontrar essas moradias no interior do município. Como forma de preservação muitos procuram mantê-las por gerações, além também da representatividade materializada durante a Festa da Imigração no clássico desfile.

Por medo dos animais ferozes, principalmente as cobras, essas casas foram construídas um pouco acima do chão. Geralmente esse espaço é usado para guardar objetos diversos. No assoalho existem grandes fendas, que servem para refrescar a casa em tempos de calor (SEIBEL, 2014).

Normalmente as plantas são retangulares, com ângulos retos, já que se usava a estrutura enxaimel[58] em madeira com encaixes retos. A vedação das paredes se dava por dois modos: pelo tijolo de barro cru, ou pela taipa de mão. Os cômodos em planta, como as esquadrias da fachada, sempre obedecem a uma simetria rígida a qual reflete a educação também rígida das famílias em relação à religiosidade e à obediência aos mais velhos (SCHULTZ, 2010).

Segundo Fernandes (2009) no alto da casa pomerana, está um dos seus principais marcos: a janela do oitão. Por ela, observava-se a aproximação de pessoas estranhas e de possíveis ameaças para a família. Um cuidado decorrente dos muitos

[57] Por questões de acessibilidade, o Museu apresenta rampas, diferente das construções do início da colonização, conforme apresentado no Anexo 03.
[58] Nessa estrutura são utilizadas madeiras e, atualmente tijolos, mas à época da imigração eram utilizadas as madeiras com o barro. Anexo19.

anos de perseguição que marcaram a vida dos pomeranos. Assim como a janela, também as portas, o piso, o telhado e outros detalhes das residências seguiam os padrões culturais trazidos da antiga Pomerânia.

Através das leituras, do acervo encontrado no museu sobre a cultura pomerana, aqui de forma específica, na arquitetura, podemos destacar as casas, as quais aparentemente dão à impressão de ser um patrimônio modesto, refletindo em sua morfologia sonhos e pressões psicológicas sofridas por um povo oprimido, escravizado na busca da concretização de seus ideais.

Essas construções aconteceram num período de desbravamento, quando esse grupo étnico precisou utilizar o recurso que a própria natureza oferecia para construir essas casas, portanto, como explanado anteriormente, as madeiras utilizadas eram madeiras nobres, madeiras de lei, com um alto valor comercial.

Entretanto, são as peculiaridades dessa arquitetura típica que acabaram estimulando o comércio dessas propriedades. De acordo com Fernandes (2009) toda a estrutura de uma casa pomerana é montável, o que torna seu manuseio e aproveitamento mais fácil. As peças foram feitas artesanalmente, com madeira de lei, como peroba, cedro rosa, jequitibá, canela, entre outras.

Reforça, ainda, dizendo que como são resistentes, acabam sendo utilizadas desde a construção de casas à fabricação de móveis. Mas há outro atrativo infalível: as marcas do tempo. São madeiras carregadas de história e tratadas pelo tempo, que dão aos móveis um ar rústico, apreciado na decoração. O interesse nas casas pomeranas se tornou tão grande, que Fernandes (2009) menciona o relato da especialista em madeira de demolição, Maria Luciano Pinto, "Há profissionais que chegam a pedir por madeiras de casas pomeranas, pela forma como foram preservadas". O que torna preocupante pelo apagar de uma história, uma vez que não se destrói apenas uma estrutura física, mas também as histórias ali contidas.

Zanoli (2012) também preocupado com o destino desse patrimônio traz em sua reportagem “Traços da arquitetura pomerana”, a preocupação da arquiteta e autora Bianca Corona, quanto à destruição das residências pomeranas para extração e venda de madeira de demolição – matéria-prima na fabricação de móveis e objetos de decoração. A partir de então, há uma luta contra essa destruição, contra a presença dos "piratas dos casarões", assim denominados por algumas pessoas na localidade,

pessoas que compram casas típicas, na grande maioria pomeranas, para obter a madeira para a venda.

4.7 As lacunas do Museu: A questão do racismo

Um museu – como o pomerano – pode ter colunas, que o sustentam, mas também lacunas, sustentadas por ele. Pode ser, eventualmente, um lugar de memória, mas também pode ser um lugar conveniente de esquecimento. Como se sabe, os estudos acerca da memória social são efetivamente pródigos em ratificar que a celebração da memória pode implicar a constituição de acervos e coleções etnocêntricas, nos quais conflitos indesejáveis podem ser olvidados, por procedimentos de negação e ocultamento (CHAGAS, 2002; SANTOS, 2002; LOVISOLO, 1989). Nesse sentido, se engana quem pensa que existe uma única possibilidade de memória, que implicaria a repetição reificada do passado e do já produzido. Pois o que há é uma tensão entre o esquecimento e a memória (CHAGAS, 2011). E é essa tensão, ao contrário do que poderia parecer, que garante a eclosão de novos sentidos e simbolismos identitários, pois memórias, lembranças e esquecimentos são elementos constituintes do sentimento de identidade (POLLAK, 1992).

Neste espaço – o museu – onde as memórias se fazem presentes, como colunas sustentando uma história repassada por gerações, é possível também ver o esquecimento, em forma de lacunas como, por exemplo, as da questão do negro na época da celebrada imigração oitocentista. Daí então a indagação, marcada pela perspectiva da Psicologia Social: O que significa o esquecimento, nesse lugar de memória (NORA, 1993), do projeto racista de branqueamento como um dos principais fatores da imigração pomerana para o Brasil?

4.7.1 A questão do projeto de branqueamento

Schwarcz (2014), em “O espetáculo das raças”, procurou demonstrar como se deu, no contexto das disputas pela abolição de escravatura no Brasil, a construção das teorias raciais europeias no cenário histórico brasileiro. Isso porque, nesse

ambiente, surgiram várias disputas, inclusive entre “profissionais de *sciencia*” e “homens de letras”, grupos que possuíam explicações teóricas distintas em relação à degeneração das raças e aos problemas do país. De fato, no Brasil do século XIX – principalmente a partir da década de 1870 e por influência do eugenismo europeu – começaram a se desenvolver teorias de branqueamento. Ou seja, muitos acreditavam que o bom desenvolvimento de uma nação seria resultado, quase imediato, de sua conformação racial pura.

Os grupos dominantes começaram, então, a cogitar uma política de incentivo a imigração, acenando para o futuro com a hipótese de um país epidérmica e culturalmente branco, através do processo clarificador da mestiçagem, pelo intercurso, ao longo dos anos, dos ex-escravos e seus descendentes com os europeus que viessem a se estabelecer em solo pátrio (CUTI, 2012). A elite brasileira, preocupada com a construção de uma unidade nacional, de uma identidade nacional, se considerava ameaçada pela pluralidade étnico-racial. A mestiçagem era, portanto, uma ponte para o destino final: o branqueamento do povo brasileiro.

Um conciso panorama desse debate oitocentista, que se desenvolveu até meados do século XX, pode ser visto em Munanga (2008). Os teóricos que defendiam o pensamento favorável à mestiçagem eram principalmente Sílvio Romero, Oliveira Viana, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. E do outro lado, havia também os que eram contrários – porque a mestiçagem entre raças superiores (branca) e inferiores (negra) supostamente tenderia a apagar as qualidades superiores – como Nina Rodrigues e Euclides da Cunha (dentre outros). Portanto, a ideia de casamentos entre negros e imigrantes brancos era tida, ora como um meio para estragar e degradar a boa raça branca, ora como um meio para reconduzir a espécie a seus traços originais (a partir das ideias sobre degenerescência e todo o arcabouço do racismo pseudocientífico). Tais discussões repercutiram com todas as suas contradições no pensamento racial da elite intelectual brasileira da época (MUNANGA, 2008).

Ora, como no Brasil de então o número de negros era muito elevado, muitos intelectuais brasileiros insistiram em advogar a necessidade da imigração europeia a fim de, através da miscigenação, branquear o povo brasileiro e combater a degeneração da raça. Assim, não obstante as opiniões dissidentes, o que se pensava em linhas gerais (a partir de pensadores eugenistas) era que as características raciais europeias, em especial o tipo ariano (que era o caso do pomerano) representaria um

apuro racial que levaria a um caminho certo, rumo à civilização não degenerada. De acordo com Reis (1992), isso ensejaria uma relação eurocêntrica com o meio local, e etnocêntrica no que diz respeito às culturas populares, mais vinculadas a elementos de extração africana, por exemplo.

O fato é que o conceito de mestiçagem foi ganhando em sistematicidade e em apropriação político-ideológica, deixando ainda de lado os verdadeiros problemas sociais, e sendo proposto, enquanto forma identitária, como um modelo de convivência humanista, que salvaria as deficiências das relações sociais dentro do contexto brasileiro. E, dentro desse cenário, se encontraram as mais variadas justificativas para as imigrações ao longo do tempo.

Para este capítulo, contudo, o importante é frisar que a política racial de branqueamento da população, patente no incentivo à imigração europeia para substituir a mão de obra de escravos negros, tinha como principal intuito clarear a população futura (REIS, 1992). Esses foram fatores que, no cenário brasileiro, tiveram implicações políticas e sócio-culturais, já que essa política de governo – o estímulo à imigração europeia – é que, verdadeiramente, representou o pano de fundo da presença pomerana em terras brasileiras. Inclusive porque os defensores do branqueamento progressivo da população brasileira viam na mestiçagem as esperanças de conjurar a “ameaça racial” representada pelos negros (Munanga, 2008, p.88).

Partindo desse princípio, é preciso ratificar que a presença pomerana no Brasil decorreu da política de incentivo à imigração, na qual os imigrantes cumpriam não só o papel de substituir a mão de obra escrava, mas também o de desbravar terras até então inabitáveis, e, principalmente, o de embranquecer a população do Império (num momento em que se popularizavam entre setores locais da elite intelectual, teorias e doutrinas sociais de fundo racial).

Consequentemente, é impossível dissociar temas como “o negro” e “a imigração”, em pesquisas que aludam ao horizonte brasileiro de fins do século XIX e início do XX, porque no conjunto de fatores que configurava um quadro preocupante à época, a questão do negro implicava dois sérios problemas: tanto havia a indagação acerca da substituição da mão de obra na lavoura quanto a discussão da degeneração da raça.

Do ponto de vista econômico, os grupos dominantes almejavam estabelecer o desenvolvimento do país por meio da implantação de núcleos coloniais de povoamento para ocupar áreas desabitadas, compostas por imigrantes europeus camponeses pobres e arruinados, sem expectativas, vindos de áreas europeias que permeavam o fim do feudalismo e o início da industrialização, gerando uma grande reserva de mão de obra desempregada. E, vale lembrar, como candidatos à imigração, havia ainda aqueles vindos de lugares que passavam por processos de unificação sangrentos, onde se incluíam os imigrantes pomeranos (SOARES, 1997).

Com aprovação de Leis, como a Lei Eusébio de Queiroz[59] e a Lei n. 601/1850[60], a urgência pela imigração já fora estabelecida. Assim sendo, a necessidade de substituir o trabalho escravo pelo trabalho dos imigrantes nas grandes fazendas, acrescida da prioridade por povoamento representaram importantes motivações do processo de imigração instituída no século XIX (MANSKE, 2015). Mas a questão do branqueamento não pode, em hipótese alguma, ser desconsiderada em uma análise específica sobre a imigração pomerana. A questão então é, diante desse embate oitocentista, como entender o silêncio do museu sobre essa tensão?

Há, na bibliografia sobre o tema, um viés interpretativo que busca justificar a conduta e o comportamento dos pomeranos em relação aos nativos brasileiros, atribuindo o flagrante isolamento étnico às contingências geográficas e linguisticas. Assim, tendo como foco específico os pomeranos do Espírito Santo, objeto da pesquisa realizada, é possível identificar uma dada historiografia voltada para explicações naturalizadas. Segundo essa corrente de interpretação, existiram alguns motivos para essa tendência ao isolamento, marcada pela resistência a uma maior integração com o povo brasileiro.

O primeiro motivo apresentado se refere à localização da fase inicial da imigração em terras capixabas, visto que se fixaram em áreas montanhosas, com altitude variada entre 300 a 1000 metros. As colônias estavam em uma região central e fria, de difícil acesso, e em alguns casos, a chegada era somente por trilhas na mata, e as casas eram construídas isoladas umas das outras (MANSKE, 2015).

[59] O nome dessa lei que proibia o tráfico de escravos para o Brasil é uma referência ao seu autor, Eusébio de Queirós Coutinho Matoso da Câmara, o senador e, na ocasião, ministro. Tal legislação é considerada como um dos primeiros passos no caminho em direção à abolição da escravatura no país.

[60] Essa lei tratava das terras devolutas no Império, das que eram possuídas por título de sesmaria (sem preenchimento das condições legais), e das caracterizadas por simples título de posse mansa e pacífica. A lei determinava que determinados lotes de terra, medidos e demarcados, fossem cedidos para o estabelecimento de colônias de nacionais e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declarava.

Dentro dessas premissas, em decorrência da localização e pela dificuldade de comunicação, o isolamento do imigrante pomerano desenvolveu nesse grupo étnico uma resistência à apropriação de uma nova cultura, contribuindo para sobrevivência baseada na vida comunitária, sem possibilidades de contato com demais grupos.

A esse motivo – geográfico – é também associado um outro: a língua implicava distanciamentos sociais. Realmente, o uso da língua pomerana no cotidiano familiar e local, por um lado reforçava a manutenção da identidade étnica, mas por outro impedia o aprofundamento de relações com os que não falavam o mesmo idioma, favorecendo assim ainda mais o isolamento.

A percepção era que esse grupo, marcado historicamente pelo isolamento geográfico, pode permanecer infenso às estratégias assimilacionistas da mestiçagem, preservando, sua especificidade linguística e cultural (COSTA, 2001), inclusive porque "migrações, exílios, diásporas, mestiçagens levam ao questionamento sistemático da pertença única" (BERND, 2011, p. 147). Enfim, existe uma análise histórica que busca justificativas válidas para o isolamento cultural, com claros delineamentos. Ou seja, por ter se instalado em terras ainda por desbravar, o pomerano se mostrou um povo extremamente fechado, dificultando ou impedindo qualquer que fosse o convívio com outra raça ou grupo étnico. Assim, a imigração pomerana no Espírito Santo jamais se desviou da preservação de sua identidade cultural, o que talvez também tenha, em contrapartida, um aspecto eugenista, pela preocupação em manter a linhagem pura do pomerano.

De qualquer forma, há de se acentuar que a exposição de argumentos aqui desenvolvida talvez não se circunscreva apenas a Santa Maria de Jetibá (ES), pois alguns aspectos descritos podem também ser encontrados em de episódios ocorridos em outros lugares do Brasil. O importante, contudo, é que há resultados da pesquisa de campo que ressaltam paradoxos interessantes frente às explicações que naturalizam segregações étnicas.

Há fotos de negros no acervo do Museu da Imigração Pomerana, em Santa Maria do Jetibá (ES). E esse é um dado a ser ressaltado, sobretudo porque o repertório cultural pomerano, presente nas peças do museu, deve ser analisado a partir das políticas de imigração desenvolvidas – não é possível olvidar – sob viés eugenista. A análise desses aspectos talvez constitua a contribuição mais relevante

desta reflexão.

4.7.2 A questão da imagem do negro

Os negros que aparecem em fotos no museu configuram indícios interessantes de pesquisa porque permitem o aprofundamento de questões que problematizam a realidade social no que diz respeito à pluralidade étnico-racial, possibilitando inclusive a discussão em torno da relação entre identidade e alteridade. Tal dinâmica mereceu especial atenção por possuir forte aderência frente a abordagens psicossociais, como a adotada nesta pesquisa.

O visitante do museu é instado a conhecer a cultura e a identidade social do povo pomerano. Nas dependências do prédio ele pode percorrer salas a fim de tentar entender a cultura desse povo e vivenciar suas histórias. Afinal de contas, trata-se de em um lugar de memória. Mas, dentre os objetos expostos no Museu da Imigração Pomerana, em especial no espaço representativo da colonização da terra, do trabalho, de forma proposital ou apenas sequencial, há fotos cuja figura do negro se faz presente. Qual o significado que alguém pode abstrair de tais imagens? O que elas significam?

De acordo com Halbwachs (2013), reconhecer a memória coletiva por imagens é ligar a imagem (visível ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos. A imagem permite preencher uma lacuna da nossa memória, pois analogamente permite o retorno ao local e, estando nele, abrir os olhos. Às vezes é surpreendente reencontrar essas lembranças, mas, após um momento de reflexão, alguém pode até se espantar por não tê-la evocado antes. No labirinto de nossos pensamentos, uma imagem pode conduzir a mais de uma avenida de saída (HALBWACHS, 2013).

A primeira coisa que a foto de um negro no Museu da Imigração Pomerana faz é derrubar a historiografia que naturaliza a língua e o distanciamento geográfico como explicação para o isolamento étnico. A imagem evidencia que o negro estava ali, lado a lado com o imigrante pomerano. A constatação é indiscutível.

No entanto, a foto do negro ainda faz mais. Ela não tem data, não possui especificações, mas por isso mesmo denuncia um silêncio, uma lacuna, um esquecimento. Ela mostra que a questão do negro é um tema tabu ao se falar de imigração no Museu da Imigração. A foto, quem sabe, está lá por um descuido. Se fosse objeto de maior reflexão talvez fosse até esquecida em uma gaveta, por falta de espaço suficiente no mostruário. Assim, quem poderia dizer se foi por distração que alguém não se lembrou de esquecê-la?

A foto do negro também permite circunstanciar o fato de que o lugar de memória é um lugar duplo: um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome. Mas objeto de duplicidade porque, contudo, permanece constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (NORA, 1993). Significações, decerto, que vão além das paredes do museu.

Uma obra que fornece interessantes relações dialógicas com a foto do negro no museu é o livro *Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul* (GRANZOW, 2009), originalmente publicado na Alemanha, em 1975. Esse livro, aqui tratado mais como objeto de estudo do que como fonte de pesquisa, consiste no relato de uma visita feita por um jornalista, interessado pela história da Pomerânia, aos descendentes pomeranos no Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Klaus Granzow (1927-1986), na verdade, escreveu três livros sobre suas viagens ao Brasil nos anos 1970: *Estradas Pomeranas* (“die Strasse der Pommern”), *Verde é o Vale do Rio Itajaí* (“Grün ist das Tal am Rio Itajaí”) e *Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul* (“Pomeranos unter dem Kreuz des Südens”). E, essa última, publicada em português pelo Arquivo Público do estado do Espírito Santo, foi a obra em que descreveu, episodicamente, seu estranhamento frente à questão do negro.

Granzow (2009) assim narrou o fato ocorrido: “Quando atravessei a rua, veio um negro de cabeça branca ao meu lado e disse-me em pomerano: ‘*Kumm, will wi eis rinnekieke, wo dat doar binne utsüht!’* (Vem, vamos entrar para ver o que acontece lá dentro!). Um negro, falando pomerano! [...] Quando me deparei com essa realidade fiquei perplexo e sem palavras” (p.41).

O livro apresenta o relato da situação em detalhes: “Porém, mais tarde, ainda tive oportunidade de conhecer outros negros que usavam o pomerano como língua materna, já que foram criados por famílias pomeranas e conviviam entre elas. Famosa

é a história do negro Leal que foi à guerra e disse para um pomerano: '*Nu mötte wi Dütsche ower toophulle!'* (Agora nós alemães precisamos nos manter unidos!)". (GRANZOW, 2009, p. 41).

Ora, Klaus Granzow nascera em 1927 em um lugar vinculado à época à Pomerânia. Fora, na Segunda Guerra, prisioneiro dos russos e vira boa parte dos territórios da antiga pomerânia serem incorporados pela Polônia. Suas repetidas vindas ao Brasil mostram seu interesse no resgate identitário de seu povo. O que dizer então de sua surpresa: Um negro, falando pomerano?

O silêncio do museu, portanto, contrasta dialogicamente com autores pesquisados que comentam acerca da presença, entre os pomeranos, de negros, que são denominados *"de Blaoje"*[61]. Mas mesmo em *Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul* torna-se evidente o esforço do racismo para assumir formas veladas, quando Granzow (2009), por exemplo, afirma que os contatos entre pomeranos e negros foram muito raros ou superficiais, "mesmo que não tivessem nada contra eles" (p. 75). De qualquer forma, a constatação feita por esse estrangeiro em viagem ao Brasil foi que existiam no início dos anos 1970 poucas pessoas negras no meio dos pomeranos, embora algumas delas até convivessem com as famílias pomeranas e, nesse caso, evidentemente também pudessem falar o pomerano.

A presença do racismo entre os pomeranos de Santa Maria do Jetibá, contudo, foi efetivamente ressaltada pelo depoimento da família Rodrigues, referida no capítulo anterior, em sua narrativa sobre a casa que posteriormente abrigou o museu. Segundo Dona Adília Rodrigues (2016):

> *– Eles não gostavam da gente.*
> *– Por que a senhora acha que eles não gostavam?*
> *– Uai, porque eles mesmo falavam [...]. Eles achavam ruim o pessoal escuro, chamava de preto, urubu, eles falavam...*

O pai dessa família, Alfredo Rodrigues, por ser encarregado de turma, e responsável pelo campo, tinha a permissão de morar na casa destinada aos chefes da Estação de Fruticultura, o que anteriormente também ocorrera com outros

[61] Os azuis (GRANZOW, 2009). Segundo Tressmann (2005, p. 110-111), a língua pomerana é o elemento de maior importância na construção dos limites da identidade étnica, estabelecendo uma identidade constrastiva com o uso do termo *sward* (afro-brasileiro) ou *brunn* (moreno), que são designados para classificar os brasileiros. [...] chama de *brunn pomer,* "pomerana morena", uma menina cuja mãe é pomerana, mas a filha não fala o Pomerano. Em contrapartida, um descendente afro-brasileiro, em vez de *sward,* ele é considerado verdadeiro pomerano, porque cresceu entre pomeranos, fala fluentemente o Pomerano, é camponês e luterano.

encarregados da administração técnica da estação. Estação que, além de viveiro de experimentação e produção de mudas, era o órgão local do Estado do Espírito Santo para apoio aos agricultores da região. Outros funcionários moravam em outras casas da Estação, numa espécie de “colônia”, termo usado por quem deu o depoimento. A maioria dos trabalhadores era negra, mas os chefes que vinham de fora do município (porque o órgão era estadual) eram brancos. Ora, como a família Rodrigues era composta por muito filhos, o quintal da velha casa (que viria a se tornar o museu) era frequentado por muitas crianças, em ocasiões onde às vezes também surgia o racismo:

> *Eu não sei porque eles não aceitavam a gente, eu não sei se é por causa da cor, sei lá. Eles não gostavam muito. Tinha uns que eram muito legais mesmo, brincavam com a gente, aceitavam legal. Tinha uns, eu não sei se era por causa dos pais, que não aceitavam, não encostavam nem na gente com medo de ficar preto. (Depoimento de Ilda Lírio Rodrigues, 2016)*

A questão do idioma, central na identidade pomerana, também representava aproximação, ou afastamento diante dos negros.

> *A gente ficava assim... a sabia que eles tinham preconceito com a gente, aí a gente começou assim a não se interessar muito pela língua deles. Hoje em dia a gente se arrepende, porque poderia estar igual ao meu irmão que aprendeu falar, e fala com eles de igual pra igual. Tem uns que na hora que tão conversando com ele até erram o pomerano, de ficar admirados dele tá falando o pomerano. E eu nunca me interessei não, de aprender não. (Depoimento de Marilda Lírio Rodrigues, 2016)*

Em que pese o fato de alguns depoimentos remeterem a situações de racismo vivenciadas na infância, nos idos dos anos 1970 e 1980, os pronunciamentos marcaram continuidades e rupturas, ao longo do tempo:

> *– Mas ainda tem isso, tem muito ainda, nossa.*
> *– Isso tem ainda.*
> *– Ainda tem. Apesar de agora ter bastante gente de fora aqui, pessoas mais de cor aqui. Tá bem misturado, mas tem algumas que... e por incrível que pareça, as pessoas com quem a gente sofria preconceito com elas, quando a gente era mais nova, agora são super amigos nossos. Todos se entendem com todo mundo aqui.[...]*
> *– A gente se comunicava legal e tudo, mas só que tinha certas coisas que a gente não... tipo no clube. Quando fizeram o clube, ali a gente não entrava, eles não deixavam a gente entrar. Eles falavam que não era pra entrar, eles chamava ‘os seus negros, não sei o que, não entra aqui’. Mas depois, agora, depois com o tempo eles foram aceitando entendeu?! Aí houve envolvimento das garotas com os garotos, dos negros com os brancos, e foram, como é que se diz, foram aceitando mais, entendeu?! [...]*

> *– Aí depois com o tempo, eles foram é... aceitando todo mundo junto, aquela confusão toda de branco com preto, como diz o outro, até hoje você pode ver que tá tudo casado. Na minha família mesmo tem um monte casado com pomerano*[62]*.* (Depoimentos de Marilda e Idla Lírio Rodrigues, 2016)

O quadro apresentado possibilita algumas considerações. O esquecimento do projeto de branqueamento como um dos principais fatores da imigração pomerana para o Brasil aponta para o idealismo de uma história sem conflitos, sem tensões, sem opressões. Contudo, as experiências de negros que viveram entre os pomeranos induz à reflexão. No que diz respeito à imigração pomerana, é possível afirmar que havia uma permanente contradição entre projetos distintos de identidade, com acepções ideológicas igualmente divergentes, conquanto marcadas por traços racistas. De um lado a proposta era a manutenção de uma identidade pomerana idealizada a partir da Europa, mantida através de um isolamento social, com casamentos entre o próprio grupo, *a priore*, preservando a pureza suas origens arianas. Mas do outro também avultava a proposta eugenista da elite brasileira: embranquecer o país visando apagar a suposta inferioridade das raças não brancas, através da mestiçagem.

[62] Diálogo entre as irmãs Marilda e Ilda, durante a entrevista realizada na residência da matriarca dos Rodrigues, em Santa Maria de Jetibá, em 24-02-2016.

Conclusão

A tradição histórica não fica restrita aos livros, mas, manifesta-se de forma performática em ritos, festas, comidas, bebidas e facetas as mais variadas. Para alguém entender o seu significado será preciso aproximar-se da realidade retratada. Quem sabe, é necessário passar a figurar como integrante do seu roteiro. Assim, com a coleta de mais informações, os novos conteúdos analisados conduziram a uma crescente bagagem de conhecimentos sobre o passado, subsidiando as discussões do presente para que se possa planejar o futuro.

Conforme já aludido, este estudo teve por objetivo analisar a identidade sócio-cultural pomerana, a partir do Museu da Imigração Pomerana de Santa Maria do Jetibá (ES), enquanto lugar de memória.

Assim, durante o caminho trilhado para esta pesquisa, foi possível entender que Santa Maria de Jetibá, ao longo de sua trajetória, veio delineando condicionamentos históricos, sociais, culturais e políticos que têm contribuído para o resgate e a valorização da identidade coletiva do povo pomerano. Esses condicionamentos, por sua vez, têm despertado interesse de pesquisadores atraídos em elucidar a riqueza da etnia de um povo periférico e quase esquecido.

A pesquisa apresentada mostrou um pouco dessa busca. Este estudo, que também procurou englobar manifestações sociais, artísticas, arquitetônicas e narrativas silenciadas, considera ainda que a história não pode ser definida de forma neutra pelo método do historiador (Pinsky, 2008). Ao contrário, porque parte das perspectivas da Psicologia Social, admite que toda construção está a serviço de um interesse ideológico, de uma dada vinculação identitária.

Nesse contexto, torna-se fundamental entender a identidade como um processo que se constitui sócio-historicamente. Para isso ocorrem diferentes processos, as identidades são formadas no confronto das diferenças dos sujeitos envolvidos nas relações sociais dentro do próprio grupo e fora dele.

Por isso o aporte da Psicologia Social foi utilizado, em sua perspectiva de análise da construção de identidades sociais. Assim sendo, quanto ao Museu da

Imigração Pomerana – espaço escolhido para desenvolver o estudo por ser um lugar de memória e abrigar todo aporte necessário para os resultados obtidos – a sua documentação e acervo, e também suas lacunas não deixaram de ser um importante elemento de comparação entre o que foi descrito em outras épocas e a própria perspectiva identitária da preservação de informações orais e vestígios materiais desse grupo étnico.

Dessa forma, os objetos encontrados nesse espaço de preservação da memória, exprimem simbolicamente identidades individuais, como também demarcam posições sociais, permitindo que os integrantes desse grupo étnico experimentem e compartilhem uma identidade comum. Esses objetos, quando colecionados, passam a representar simbolicamente práticas sociais, atitudes, valores e sentimentos cultivados pelo grupo e que devem ser mantidos pelas gerações subsequentes.

Igualmente, o que tem na memória individual de cada descendente ativa a memória coletiva, trazendo lembranças, fatos e histórias que vão compondo essa reconstrução para o presente e futuro. E o Museu da Imigração Pomerana indica que as memórias e os esquecimentos podem ser semeados e cultivados, o que corrobora a importância de se trabalhar pela desnaturalização desses conceitos e pelo entendimento de que eles resultam de um processo de construção que também envolve outras forças, como por exemplo: o poder.

Esse exemplo de *poder* que semeia esquecimentos é que, por ora, responderia à história silenciada da família Rodrigues. Uma família negra, moradora do local onde fora instalado um museu específico de um grupo étnico, tipo ariano, mediante ao contexto de uma política de branqueamento que possivelmente justificaria a imigração pomerana para o Brasil, sem ao menos ter sido referendada. Simplesmente uma biografia silenciada por alguns e desconhecida por muitos, que forma uma das diversas lacunas existentes no referido Museu.

Os relatos dos próprios membros da Família Rodrigues, quando questionados sobre sua real identidade, se pomerana ou afro-brasileira, mostram que a construção da identidade local se vincula fortemente à criação de uma imagem de superação de supostas barreiras etnocêntricas e raciais.

Sob um panorama mais abrangente, olhar para o contexto histórico brasileiro, no tocante às teorias, crenças, valores ao redor do conceito ‘raça’ (e variantes), mostra

que o pensamento racial brasileiro foi, e é ainda, marcado ainda por uma série de visões que se entrecruzam na construção da identidade nacional, sendo a questão étnico-racial umas das mais presentes no debate intelectual atual.

Deveras, o Museu como uma casa-museu, um espaço da memória, é uma instituição que precisa ficar atenta para não apagar, em função de novos objetivos, todos os rastros do passado, e com eles, as esperanças de transformar o presente. Logo, as narrativas em torno do preconceito são um conteúdo que, longe de ser esquecido, deve ser recorrentemente trazido à tona.

Referências Bibliográficas:

AGUIAR, M. de. Diversidade é a alma do Espírito Santo. **A Gazeta**, Vitória-ES, 29 set. 2011. Disponível em: <http://portalacapoeira.blogspot.com.br/2011/03/diversidade-e-alma-do-espirito-santo.html>. Acesso em: 29 set. 2014.

ALBERTI, V. **Ouvir contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a.

ARANHA, G. **Canãa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BAHIA, J. A lei da vida: confirmação, evasão escolar e reinvenção da identidade entre os pomeranos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 69-82, jan./jun. 2001.

_____, J. **O tiro da bruxa.** Identidade, magia e religião na imigração alemã. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BANDEIRA, M. H. T.; ZIMMER, M. C. A transferência dos padrões de VOT de plosivas surdas no multilinguismo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 87-95, abr./jun. 2011.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART,J. (Orgs.) **Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth.** São Paulo: Editora UNESP, 1998. pp. 185-249.

BEILKE, N. S.V. Ach Jå! Fraseologismos em pomerano e em alemão. **Domínios de lingu@gem.** v. 8, n. 2. jul/dez. 2014.

BERND, Z. Identidade: origem, emprego e armadilhas do conceito. In: **Literatura e Identidade Nacional.** 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

BONIFÁIO, J. R. **Identidade capixaba: regionalismo, cultura, interesse & geopolítica federativa.** 26 de jul. 2012. Disponível em: <www.facebook.com/notes/jos%C3%A9-roberto-bonif%C3%A1cio/identidade-capixaba-regionalismo-cultura-interesses-geopolitica-federativa/496383130376365>. Acesso em: 16 jul. 2015.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, B.; SOUZA-e-SILVA, M. C. (Orgs.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso.** 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL. Lei Glicério/1890. Decreto nº. 528, de 28 de junho de 1890.

_____. Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871.

_____. Lei nº 4.769/1871.

_____. Lei nº 581, de 4 de setembro de 1850.

_____. Lei nº 601/1850.

CANDAU, V. M. (Org.). **Sociedade, educação e cultura(s):** questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAPUCHO, M. C.; JARDIM, A. P. Os pomeranos e a violência: a percepção de descendentes de imigrantes pomeranos sobre o alto índice de suicídio e homicídio na Comunidade de Santa Maria de Jetibá. ▲ **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia,** 6 (1), jan. - jun., 2013, p. 36-53.

CASTRO, A. de C. "Tensões da identidade pessoal no espelho de Machado de Assis". **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, 24(3): 619-627, setembro, 2012.

CASTRO, A. de C.; VARGAS, R. P. F.. "Triste e bonito": a história dos saberes e práticas 'psi' na criação do Hospital Henrique Roxo. Clio-Psyché – Programa de estudos e pesquisas em História da Psicologia. **Revista Mnemosine.** Vol. 1, n. 2 (2005).

CHAGAS, M. S. Memórias e poder: dois movimentos. In: **Cadernos de Sociomuseologia** - "Museu e Poder". v. 19, n. 19, 2002, p. 43-81.

_____, M. S. Museus, memórias e movimentos sociais. In: **Cadernos de Sociomuseologia** - "Questões Interdisciplinares na Museologia". V. 41, 2011, p. 5-16.

_____, M. S. Objetos, Memória e História. Observação e Análise de um Museu Histórico Brasileiro. DADOS - **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: IUPERJ, 35, 2, 1992, pp. 194-216.

COSTA, M. V. Currículo e política cultural. In: COSTA, M. V. (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo.** 4ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

COSTA, S. A mestiçagem e seus contrários – etnicidade e nacionalismo no Brasil contemporâneo. Tempo Social; **Revista de Sociologia** da USP, São Paulo, 13 (1): p. 143-158, maio de 2001.

CUNHA, G. P. da. A simbologia mortuária pomerana: simbolismos e significados dos elementos componentes dos cemitérios pomeranos na região de Santa Maria de Jetibá. **Ciências da Religião – História e Sociedade**. V.9, n.2, 2011.

_____, G. P. da. Noivo, noiva e louças quebradas: Simbologia, Teatralidade e Performance nas cerimônias mágicas no casamento pomerano sob a perspectiva antropológica de Van Gennep, Turner e Geertz. **Revista de Antropologia** – Ano 4 – V. 5, 2012.

CUTI, L. S. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIGUEIREDO, M. do C. L. & FONSECA, M. N. S. (Orgs.). **Poéticas Afro-brasileiras**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza; PUC Minas, 2012.

DE SETTA, C. Objecto. In: **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Casa da Moeda, 1984, p. 91-113.

DELPINO, G. B. **Simbologia do uso de plantas medicinais por agricultores familiares descendentes de pomeranos no sul do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil, 2011.

DOMINGUES, R., et al. Prevalence and impact of headache and migraine among pomeranians in Espirito Santo, Brazil. **Arquivos Neuropsiquiatria**, 2006; 64(4), p. 954-957.

DREHER, M. Há entre os pomeranos uma ética de trabalho muito acentuada. IHUonline: **Revista do Instituto Humanista Unisinos**, Edição 271, 2008. Disponível em:<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2093&secao=271>, 2008. Acesso em: 20 dez. 2013.

DROOGERS, A. Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005). **Religião e Sociedade**, Jul 2008, vol.28, n.1, p.13-41.

FEHLBERG, J.; MENANDRO, P. R. M. O deutschtum e a vocação para o trabalho: recriação do modo de vida “alemão - camponês” entre pomeranos no Espírito Santo. **Psicologia e Saber Social**, 2(1), p. 115-130, 2013.

_____, J.; MENANDRO, P. R. M. Terra, família e trabalho entre descendentes de pomeranos no Espírito Santo. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 34, jan./jul. 2011.

FERNANDES, V. Patrimônio destruído. **Gazeta Online.** Vitória, 18 de Out. de 2009. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/10/549889-patrimonio+destruido.html>. Acesso em: 22 de jul. de 2015.

FERREIRA, M. L. M.; et al. Memória e emoção patrimonial: objetos e vozes num museu rural. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em **Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 nº 1, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>. Acesso em: 25 jun. 2015.

FERREIRA, M. L. M.; HEIDEN, R. Políticas patrimoniais e reinvenção do passado: os pomeranos de São Lourenço do Sul, Brasil. **Cuadernos de Antropología Social.** Nº 30, pp. 137-154, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

FOERSTE, E. & JACOB, J. K. **Pommerhochtied: um casamento pomerano no Espírito Santo.** Vila Pavão-ES, Prefeitura Municipal/Consulado Geral da República Federal da Alemanha.

FRANCO, S. P.; HESS, R. R.. Organização e montagem do Museu dos Pomeranos em Santa Maria de Jetibá – Espírito Santo. **Revista de História.** Departamento de História do Centro de Estudos Gerais da Universidade Federal do Espírito Santo. Nº 2. Ano 2, maio de 1991.

GAEDE, R. **Os Pomeranos no estado do Espírito Santo, seu passado, sua**

situação atual, um desafio para a igreja. Tese de Doutorado, IECLB/Faculdade de Teologia, São Leopoldo, RS, 1978.

GOMES, A. O.; OLIVEIRA, A. A. R. de. A construção social da memória e o processo de ressignificação dos objetos no espaço museológico. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS. Unirio/MAST. **Museologia e Patrimônio** - v.3 n.2 - jul/dez de 2010. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>. Acesso em: 25 jun. 2015.

GRANZOW, K. **Pomeranos sob o Cruzeiro do Sul: colonos alemães no Brasil.** (Tradução: Selma Braum). Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2013, p. 224.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

HOLLANDA, A. d. **Guia dos Museus Brasileiros.** Instituto Brasileiro de Museus. Ministério da Cultura. Brasília. 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sudeste.pdf.> Acesso em: 06 jan. 2016.

HUYSSEN, A. **Passados presentes: mídia, política e amnésia. Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Editora Universidade Cândido Mendes/MAM, 2000. pp. 9-66.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>. Acesso em: 07 mar. 2015.

JACOB, J K. **A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo.** Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1992.

_____, J. K. **Cidades Irmãs Pomeranas: Vila Pavão (ES) e Espigão do Oeste (RO).** Nova Venécia: Gráfica Cricaré, 2011.

JACOBSON, L. da S. V; et al. Comunidade pomerana e uso de agrotóxicos: uma realidade pouco conhecida. **Ciência & Saúde Coletiva.** Vol.14 nº. 6. Rio de Janeiro-RJ. dez. 2009.

NASCIMENTO JUNIOR, J. do. **Guia dos Museus Brasileiros.** Instituto Brasileiro de Museus. Ministério da Cultura. Brasília. 2011. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sudeste.pdf.> Acesso em: 06 jan. 2016.

KLEIN, H. S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUTO, B. (Org.) **Fazer a América.** 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 13-31.

KUSTER, S.B., et al. Programa de Educação Escolar Pomerana - PROEPO. In: **II Congresso Consad de Gestão Pública** - Painel 54: Inovações em programas educacionais. Maio de 2009. Disponível em: <http://www.consad.org.br/sites/1500/1504/00001413.pdf>. Acesso: em 22 mai. 2013.

LIMA, A. A.; DIAS, R. **Turismo e cultura pomerana em Santa Maria do Jetibá/ES.** Reuna, 12(2), 2007, p. 11-20.

LOVISOLO, H. A memória e a formação dos homens. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 16-28.

MALTZAHN, G. M. **Família, ritual e ciclos de vida: Estudo Etnográfico sobre narrativas pomeranas em Pelotas (RS).** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS, Brasil, 2011.

MANCETE, L. B.; et al. Tentativas de suicídio e suicídio em município de cultura Pomerana no interior do estado do Espírito Santo. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 2009, n. 58, v. 4, p. 238-244.

MANSKE, C. M. R. **Pomeranos no Espírito Santo: história de fé, educação e identidade.** Vila Velha, ES: Gráfica e Editora GSA, 2015.

MARTINUZZO, J. A. **Germânicos nas terras do Espírito Santo**. Vitória-ES, Governo do Estado do Espírito Santo, 2009.

MELO, S. M. de; SOUZA, M. T. de. Pomeranos, a escrita de uma história recente. In: MELO, S. M. de; SOUZA, M. T. de (Orgs.) **Pomeranos no Brasil – olhares, vozes e histórias de um povo.** Rio de Janeiro, RJ: Letras e Versos, 2015.

MENDES, C. Museu da resistência: lugar de memória e instrumento da memória. **Ensaios e Práticas em Museologia.** Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP, vol. 2, 2012, pp. 57-69.

MORAES, N. A.de. Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil. In: **Revista Museologia e Patrimônio**, vol. II, nº1, jan/jul de 2009, p. 57.

MOREIRA, N.; et al. Prevalência de edentulismo em descendentes de pomeranos. **Revista Gaúcha Odontologia**, Porto Alegre, v. 58, n. 2, abr./jun. 2010, pp. 219-223.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASR, M. F. A música pomerana capixaba: a festa e casamento e outras reflexões. Fênix – **Revista de História e Estudos Culturais.** Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2009. Vol. 6. Ano VI nº 4.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. In: **Projeto História.** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, vol. 10, n. 10, dez/1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, G. O museu como um instrumento de reflexão social. **MIDAS** [Online], 2, abril de 2013. Disponível em: <http://midas.revues.org/222>. Acesso em: 01 mar. 2016.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social.** São Paulo: Pioneira, 1976.

PEREIRA, S. M. **Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres.** Dissertação de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Departamento de História. Niterói, RJ, Brasil, 2008.

PESSOA, M. do S. **Ontem e hoje: percurso linguístico dos pomeranos de Espigão d'oeste – RO.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil, 1995.

PINSKY, C. B. (Org.) **Fontes históricas.** 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, S. L. de A. Museu e arquivo como lugares de memória. **Museologia & Interdisciplinaridade.** Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Vol. 1, nº3, maio/junho de 2013.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-212.

_____, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, pp. 3-15.

POMIAN, K. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Casa da Moeda, 1984.

PONTE, A. M. T. da. **Casas-Museu em Portugal – Teorias e Práticas.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Portugal, 2007.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. **Tempo.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, v.1, n. 2, 1996, pp. 59-72.

_____, A. Alcune riflessioni. In: ANDREINI, A.; CLEMENTE, P. **I custodi dele voce: archivi orale in Toscana: primo censimento**. Firenze: Regione Toscana, 2007. pp. 263-265.

PRIMO, J. Documentos básicos de museologia: principais conceitos. In: **Cadernos de Sociomuseologia** - "Questões Interdisciplinares na Museologia". v. 41, 2011, pp. 31-44.

_____, J. Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais – Organização e Apresentação. In: **Cadernos de Sociomuseologia/** nº 15, 1999, pp. 95-104.

REIS, R. Cânon. In: JOBIM, J. L. (org.). **Palavras da Crítica.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

RÖLKE, H. R. **Descobrindo raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia.** Vitória: UFES/Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.

SANTA MARIA DE JETIBÁ (Espírito Santo). **Decreto de Lei nº 1136/2009.**

_____. **Decreto Municipal nº 203/2007.**

_____. **Lei nº 085/1991**.

_____. **Lei nº 1376/2011.**

_____. **Projeto de Lei nº 031/2009.**

SANTOS, M. S. dos. Políticas da memória na criação dos museus brasileiros. In: **Cadernos de Sociomuseologia** - "Museu e Política". v. 19, n.19, 2002, pp. 115-137.

_____, M. S. História, **Tempo e Memória: Um Estudo a Partir da Observação Feita no Museu Imperial e no Museu Histórico Nacional.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, IUPERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1989.

_____, M. S. Objetos, Memória e História. Observação e Análise de um Museu Histórico Brasileiro. DADOS - **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: IUPERJ, v. 35, n. 2, 1992, pp. 194-216.

SCHAEFFER, S. C. B. Aquisição da escrita em língua portuguesa (L2) entre descendentes de Pomeranos. **Revista Desempenho**, v. 11, n. 1, junho/2010.

SCHAEFFER, S. C. B.; MEIRELES, A. R. **Descrição sonora da língua pomerana.** Letras de Hoje, Porto Alegre-RS, v. 49, n. 1, jan./mar. 2014, pp. 46-55.

SCHAPOCHNIK, N. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, N. (Org.) **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3, pp. 423-512.

SCHEK, G. **Plantas medicinais e o cuidado em saúde em famílias descendentes de pomeranos no sul do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil, 2011.

SCHULTZ, R. **Arquitetura pomerana – Casa pomerana próxima a Mata.** 7 de maio de 2010. Disponível em: <http://arquiteturapomerana-es.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html>. Acesso em: 21 jul. 2015.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** 12ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SCHWARZ, F. **O município de Santa Maria de Jetibá - o município mais pomerano do Espírito Santo.** Espírito Santo: ArtGraf Ltda. 1993.

SEIBEL, I. Arquitetura pomerana capixaba. **Folha Pomerana Express.** Ano I. Edição nº 22, 11 de janeiro de 2014. Disponível em: <http://folhapomerana.blogspot.com.br/2014/01/arquitetura-pomerana-capixaba.html>. Acesso em: 22 jul. 2015.

_____, I. **Imigrante no século do isolamento/1870-1970.** São Leopoldo, RS: EST/PPG, 2010.

SEVERO, C. G. **Política(s) linguística(s) e questões de poder.** Alfa, São Paulo, 57 (2), 2013, pp. 451-473

SILVA, D. R. Museus: a preservação enquanto instrumento de memória. In: **Cadernos de Sociomuseologia** – "Museologia: teoria e prática". V. 16, n. 16, 1999, pp. 39-67.

SOARES, R. **Spini nei Fiori: a "nacionalização" das escolas dos imigrantes no Espírito Santo, na Era Vargas.** Vitória: Darwin, 1997.

SOUZA, R. S. de. Identidade pomerana: uma construção multicultural. In: MELO, S. M. de; SOUZA, M. T. de (Orgs.) **Pomeranos no Brasil – olhares, vozes e histórias de um povo.** Rio de Janeiro, RJ: Letras e Versos, 2015.

SPINK, M. J. P., FREZZA, R. M. Práticas Discursivas e Produção de Sentido: A perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M. J. P. (Org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas.** Rio de Janeiro-RJ: Edição Virtual, 2013.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas.** Rio de Janeiro-RJ: Centro Oldestein de Pesquisas Sociais, 2013.

TEIXEIRA, A. R. **A Contribuição das Associações Caminho dos Pomeranos e Porto Alegre Rural para o Desenvolvimento da Atividade Turística no Espaço Rural.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil, 2011.

TRESSMANN, I. A educação escolar nas comunidades pomeranas: ensino da língua ou na própria língua? **Revista da Farese**: Caderno de produção acadêmica da Faculdade da Região Serrana. Santa Maria de Jetibá, ES, v.3, n.1, 2011.

_____, I. **Bilinguismo no Brasil: o caso da comunidade pomerana de Laranja da Terra.** Associação de Estudos da Linguagem (ASSEL-Rio). UFRJ. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.farese.edu.br/pages/artigos/pdf/ismael/O%20caso%20da%20Com.%20pomer.%20de%20LT.%201998.pdf>. Acesso em: 16-07-2015.

_____, I. **Da sala de estar à sala de baile: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo.** Tese de Doutorado. Departamento de Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2005.

_____, I. **Dicionário enciclopédico pomerano: português** / Ismael Tressmann. - Santa Maria de Jetibá. 2006. 562p.: il

_____, I. **O casamento pomerano: uma etnografia.** Disponível em:

<http://www.pmsmj.es.gov.br/pg/24545/cultura-casamento-pomerano>. Acesso em: 18 jul. 2015.

_____, I. O Pomerano: uma língua Baixo-Saxônica. **Revista da Farese**, Santa Maria de Jetibá, ES, v. 1, n.1, jul./nov. 2008.

VIANA, A. R. **Educação intercultural: estudo de caso em Santa Maria de Jetibá.** Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Artes Visuais. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil, 2015.

VITÓRIA (Espírito Santo). **Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos-ES.** Governo do Espírito Santo. Instituído pelo Decreto 2944-R de 09 jan. 2012.

WEIDUSCHADT, P. Pomeranos, luteranismo e a educação na Região Meridional do RS. In: MELO, S. M. de; SOUZA, M. T. de (Orgs.) **Pomeranos no Brasil – olhares, vozes e histórias de um povo.** Rio de Janeiro, RJ: Letras e Versos, 2015.

WERNICKE, H. **Viagem pelas colônias alemãs do Espírito Santo: a população Evangélico-alemã o Espírito Santo: uma viagem até os cafeicultores alemães em um estado tropical do Brasil.** Tradução de Erlon José Paschoal. Coleção Canaã. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.

ZANOLI, T. Traços da arquitetura pomerana. **Gazeta Online**. Vitória, 21 de Junho de 2012. Disponível em <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/06/noticias/a_gazeta/caderno_2_ag/1282573-tracos-da-arquitetura-pomerana.html>. Acesso em: 22 jul. 2015.

ANEXO 01

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ

Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisadora: Rosimary Paula Ferreira Vargas, RG nº 1.679.647-ES

Pretendo desenvolver uma pesquisa de mestrado sobre: ***"ANÁLISE PSICOSSOCIAL DA IDENTIDADE POMERANA E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA NO ESPÍRITO SANTO: UM OLHAR SOBRE O MUSEU DE SANTA MARIA DE JETIBÁ"***, sob a orientação do Professor Dr. Alexandre de Carvalho Castro. A pesquisa terá como objetivo: Analisar a identidade cultural pomerana, a partir do Museu da Imigração Pomerana de Santa Maria do Jetibá (ES) enquanto lugar de memória.

A partir de tal justificativa, convido-lhe a participar dessa etapa de pesquisa, dando seu depoimento através de uma entrevista.

O sigilo quanto ao seu nome, assim como o dos demais participantes, será mantido e as respostas dadas só serão utilizadas para os objetivos deste estudo. Todos os dados coletados somente serão utilizados na divulgação acadêmica dos resultados da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, estou à disposição para quaisquer esclarecimentos, por meio do email: <paulafvargas@hotmail.com>

Se você concorda em participar com seu depoimento, assine abaixo. Se, em função de suas funções profissionais, deseja uma citação nominal explícita, informe a seguir.

Eu, _____, RG nº _____, declaro estar ciente de que:

1) Não existem riscos em potencial para os participantes pesquisados;

2) Recebi devido esclarecimento sobre os procedimentos dessa pesquisa e de que se eu tiver dúvidas em relação a ela, aos seus procedimentos, riscos e benefícios, eu tenho o direito de contatar o pesquisador visando esclarecimentos;

3) Não haverá nenhum custo para os participantes da pesquisa;

4) Os benefícios advindos deste estudo serão em termos de produção de conhecimento acadêmico;

ANEXO 02



FIGURA 01: Estação de Fruticultura – antes de ser implantada a sede do Museu. Localizada à Rua Dalmácio Espíndula, 32, Centro, Santa Maria de Jetibá-ES.
Fonte: Acervo do Museu da Imigração Pomerana, em Santa Maria de Jetibá-ES



FIGURA 02: Estação de Fruticultura reformada para ser implantado o Museu. Localizada à Rua Dalmácio Espíndula, 32, Centro, Santa Maria de Jetibá-ES.
Fonte: <http://www.museudaimigracaopomerana-vilajetiba.com/>. Acesso em: 29-02-16

ANEXO 03



FIGURA 03: Nova Sede do Museu – Inaugurado em 1991. Localizada à Rua Dalmácio Espíndula, 32, Centro, Santa Maria de Jetibá-ES.
Fonte: Arquivo Pessoal. Data: Julho de 2014

ANEXO 04

LEI Nº 085/1991 – DENOMINAÇÃO DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO POMERANA

Prefeitura Municipal de Santa Maria de Jetibá
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

LEI Nº 085/91

O Prefeito Municipal de Santa Maria de Jetibá, Estado do Espírito Santo, no uso de suas atribuições legais,

Faz saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica denominado **"MUSEU DA IMIGRAÇÃO POMERANA"** o prédio que foi cedido em comodato pela COOPE-AVI com o fim específico de implantação de um Museu.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Registre-se, Publique-se e Cumpra-se.

Santa Maria de Jetibá-ES, 02 de Julho de 1991.

HELMAR PÖTRATZ
Prefeito Municipal

ANEXO 05

PROJETO MEMÓRIA DA CASA POMERANA

Projeto Memória da Casa Pomerana

Sumário

1 - Introdução

2 - A imigração pomerana

3 - Os colonos pomeranos

4 - A casa pomerana

5 - A montagem da casa

6 - Atividades: cronogramas

7 - Custos

1 - Introdução

O atual município de Santa Maria de Jetibá foi colonizado por imigrantes pomeranos que aqui chegaram predominantemente ao longo da 2ª metade do século XIX.

Estes imigrantes trouxeram para a nova Pátria não só a sua língua, religião e crenças, mas também costumes ligados a arquitetura e a forma de viver nestas residências.

Graças ao isolamento geográfico a que ficaram relegados durante dezenas de anos, foram mantidos muitos destes antigos costumes. Mas com a construção de modernas estradas e com o avanço de outras formas de comunicação estas tradições vêm sofrendo profundas influências externas, e tendem mesmo a desaparecer.

Somos a favor da preservação da antiga cultura dos Pomeranos, pelo menos dos aspectos que possam ser preservados, valorizados e por tanto respeitados.

Com esta preocupação em 1992 concretizamos o projeto da implantação do Museu da Imigração Pomerana, que relata a saga dos imigrantes e a história da região desde a chegada dos primeiros colonos até a implantação do município. Focalizamos aspectos históricos, geográficos, religiosos, políticos, econômicos e culturais da história regional dos pomeranos.

Este projeto incluía também o resgate dos aspectos arquitetônicos e o cotidiano das residências dos pomeranos. Havíamos projetado a reconstrução de uma antiga casa de colono que ficaria anexa ao Museu.

Infelizmente esta parte deixou de ser executada, por motivos alheios à nossa vontade.

A montagem de uma casa de colonos com todos os seus equipamentos (móveis, utensílios domésticos, apetrechos de cozinha e higiene) é de fundamental importância para garantirmos a preservação da história da vida cotidiana deste povo.

Devemos notar que atualmente a grande maioria das casas recém construídas possuem traços arquitetônicos diversos das antigas residências regionais.

O nosso trabalho visa pois, resgatar uma parte importante da memória de um povo que com a sua união, trabalho, perseverança, transformou numa área despovoada num dos municípios mais produtivos do nosso Estado.

2 - A imigração

No último quartel do século XIX a Europa, e, particulamente, a Alemanha se debateram com graves dificuldades econômicas, políticas e sociais, que viriam desencadear o processo de emigração.

A Europa assistia neste momento à consolidação do modo de produção capitalista, que abalaria as antigas estruturas agrárias. A concentração das terras em grandes propriedades, a mecanização da lavoura e o conseqüente êxodo rural canalizaram a população para cidades, que cresciam e se multiplicavam. Nestas cidades, a industrialização acelerada absorvia aquela mão-de-obra, formada por adultos e crianças, impondo-lhes uma jornada estafante de quinze a dezesseis horas diárias, em condições sub-humanas de trabalho.

Os imigrantes foram impulsionados pelo anseio de melhores condições de vida, pela busca da própria sobrevivência e de sua família em terras distantes, onde os esperavam novas oportunidades de trabalho. Para muitos, o grande chamariz foi a perspectiva de possuírem o seu quinhão de terra.

Os pomeranos vieram a partir de 1857. Mas a maior parte chegou em 1872 e 1873. O navio Gutemberg aportou em Vitória a 5 de junho de 1872, trazendo 252 pomeranos. Nesse mesmo ano, a 30 de junho chegaria o Anne Helene, com 172, e a 7 de julho, o Maria Heydom II com 140. Mas as maiores levas viriam em 1873 nos navio Adolph (381) imigrantes, Doctor barth (364) e Hainam (150).

3 - Os colonos pomeranos

A grande maioria dos imigrantes pomeranos era de agricultores que viviam ainda, na sua região de origem, num sistema feudal.

Aqui receberam o seu lote, adquirido por compra do governo Imperial, por meio real a braça, quadrada.

Além de morar no "prazo" o colono ficava na obrigação de cultiva-lo e nele construir uma casa de pelo menos 400 palmos quadrados para sua habitação permanente e de sua família.

Os primeiros anos foram especialmente difíceis para estes imigrantes. Afastados de sua terra, vivendo numa outra realidade geográfica, desconhecendo a fauna e a flora, sofrendo as agruras de um clima diferente, não foram poucos os que se arrependeram de terem emigrado.

Não obstantes tantas dificuldades encontradas, aos poucos foram conseguindo tornar a terra produtiva e inclusive obter alguns produtos para comercialização. O espírito de interajuda, a grande fé deste povo, o trabalho em mutirão foram alguns dos aspectos respomsáveis pela construção de núcleos populacionais que prosperaram paulatinamente.

4 - A casa pomerana

Até finais da década de 70, a casa de um colono de origem era bem diferente das habitações da população rural brasileira, desde seu aspecto arquitetônico até o mobiliário e a decoração. Normalmente era construída sobre estacas, para correção da umidade. Na parte da frente, quase sempre, encontrávamos uma varandinha, inserida no corpo da casa. A grande maioria das casas era de pau a pique, revestidas de massa. e, as mais antigas, cobertas de tabuinhas de madeira. O revestimento de massa tornava invisível o traçado de madeira. As casas eram devidamente pintadas, sendo geralmente brancas as paredes e azuis as janelas e portas. As divisórias internas eram feitas de madeiras pintadas. As janelas mais comuns eram do tipo guilhotina, em vidraçadas, mais podiam ser encontradas também janelas de tábuas, desprovidas de vidro.

A maioria das casa tinham de 4 a 6 cômodos: varanda, sala, quarto e cozinha.

De modo geral o mobiliário era muito simples. Na sala uma mesa grande, sólida, ladeada por 2 longos bancos, com baús de madeira para acondicionar as peça de indumentária. Guarda-louça com porta de vidro ou todo em madeira. A sala era geralmente enfeitada com bandeirinhas coloridas de papel crepom. Este enfeite era "só para luxo", como nos informaram, não tendo nenhuma conotação festiva.

Muitas vezes pendente do teto, usavam ramos de pau-pereira, arranjados em forma de abajur usados no Advento. Nas paredes, retratos de casamento, diplomas de confirmação, calendário e um relógio. Era freqüente também encontrarmos a bíblia e ainda a máquina de costura.

No quarto usavam simples estrados com colchões de palha de milho desfiado; e o cobertor era um grosso edredão de penas que durante o dia fazia as vezes de colcha.

A cozinha era local de grande vivência da família, O fogão era geralmente de tijolos com trempe de ferro, a lenha. Nela encontrávamos uma longa mesa de madeira ladeada por dois bancos e prateleiras para guardar panelas e outros utensílios. Era costume o uso de panos de parede bordados com motivos florais, às vezes com frases em alemão, providos de umas espécies de bolsos onde colocavam talheres.

Na varanda encontrávamos freqüentemente um banco e flores plantadas em latas e em panelas velhas.

Geralmente ao lado da residência era construído os forno para pão feito de tijolos de forma arredondada, sobre uma pequena plataforma. Às sexta-feiras era o dia do Brot (pão), uma importante fonte de alimentação. Este pão era feito de vários tubérculos, e trigo.

Próximo à casa ficava um pequeno telheiro onde penduravam a grande panela de ferro para cozinhar o alimento para os porcos.

Internamente as residências eram desprovidas de banheiro. Do lado de fora era construída uma pequena cisterna. Por ficarem junto a córregos fontes ou riachos, abundantes na região, não havia problema de água para higiene pessoal e do lar.

O terreiro que circunda a residência era na maioria das vezes separado do resto da propriedade por uma cerca de madeira. Ali plantava-se o jardim, sempre florido

Muitas destas antigas casas ainda podem ser encontradas no interior do município de Santa Maria de Jetibá. Mas a influência do contato com Vitória, sobre tudo com sua periferia e outras cidades, se faz sentir de maneira acentuada. Muitas das velhas casas foram abandonadas, e as que vão surgindo são verdadeiros caixotes de concreto, freqüentemente de dois pisos, cosntruídos ao rés do chão, encimados por um terraço conberto de folha de amianto.

- Montagem da Casa

Tópicos	Elementos	Distribuição Espacial
Varanda	Texto Em Silk Screen. A Arquitetura Pomerana e a função da varanda na residência. Branco	Suporte 1
Sala	Texto - Os Móveis e utensílios. Enfeites Mesa Bíblia Bancos Armário Baú Máquina de costura Relógio Louças Quadros Fotografia Calendário	Suporte 2

Tópicos	Elementos	Distribuição Espacial
Quarto. (3) Semelhantes	Estrado Edredão Baú Lamparinas Urinol Gamela Texto - o quarto	 Suporte 3
Cozinha	Texto a cozinha Cestos Talheres Bancos Pratos Mesa Fogão Alimentos Prateleiras Animais Panelas Vassoura Queijeira Mantegueira Panos de prato	 Suporte 4

Título	Elementos	Distribuição espacial
Forno	Texto - O brot O forno	Suporte 5
O alimento dos animais	Texto - A criação de porcos Corrente Panelão de ferro Fogueira	Suporte 6

6 - Atividades

M E S E S

Atividades	1	2	3	4	5	6	7
Levantamento bibliográfico e leitura	X						
Pesquisa de campo sobre usos e costumes ligados ao lar	X	X					
Definição do projeto da casa		X					
Coleta e seleção de acervo		X	X	X			
Elaboração dos textos e do desenho dos suportes					X		
Confecção dos textos						X	
Acompanhamento do cotidiano da casa					X	X	
Projeto de programação visual				X			
Montagem							X
Elaboração do folder						X	

7 - Custos

Recursos Humanos	-	1 Museólogo	R$ 2.500,00
		2 Historiador	R$ 2.500,00

Confecção de suportes (6) R$ 1.000,00

Custo total: R$ 6.000,00

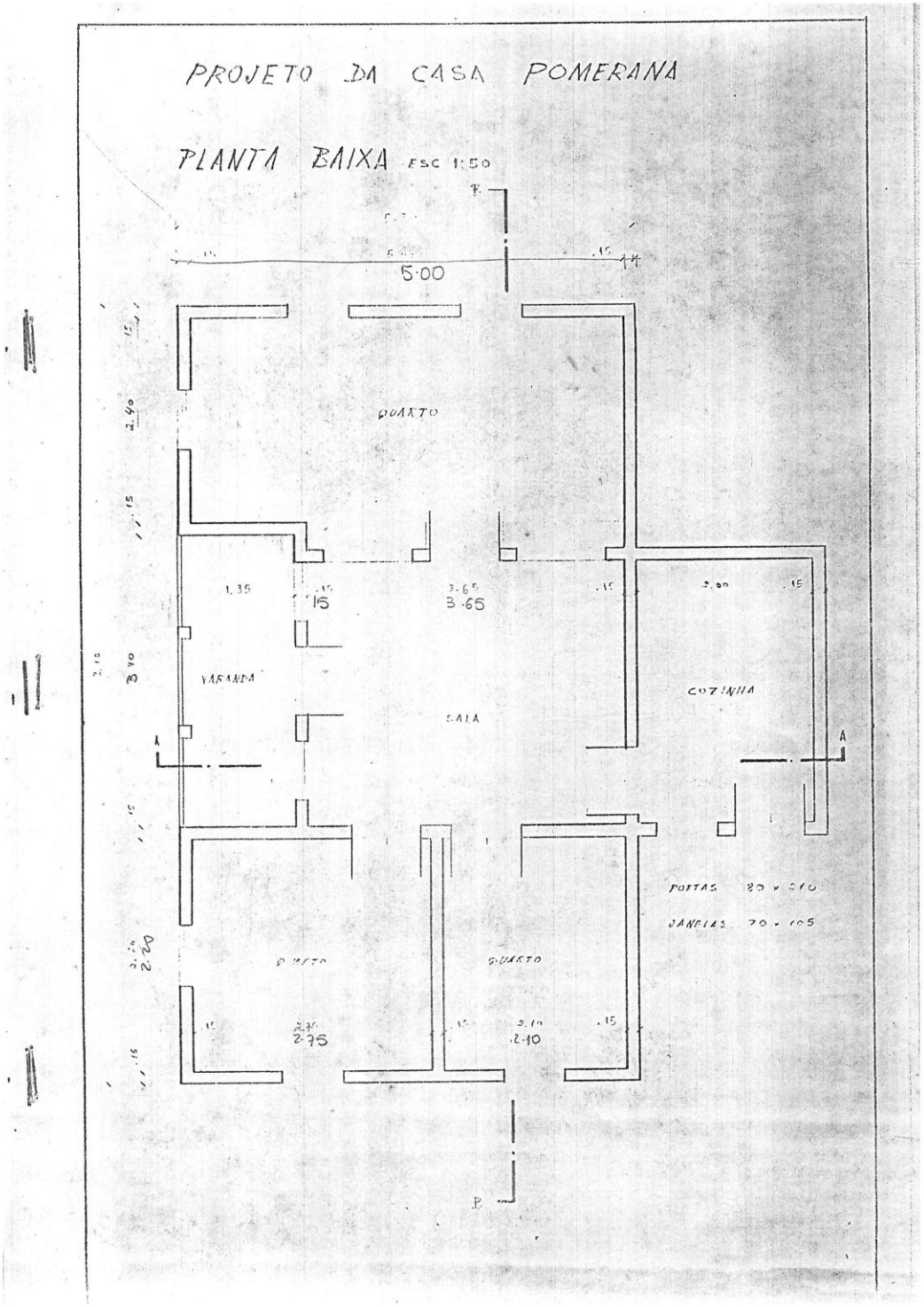
Os custos com a construção da casa e os equipamentos (móveis e utensílios) ficarão a cargo da PMSMJ. Convém ressaltar que a maioria dos móveis já foram adquiridos e outros poderão ser conseguidos junto à população local por doação.

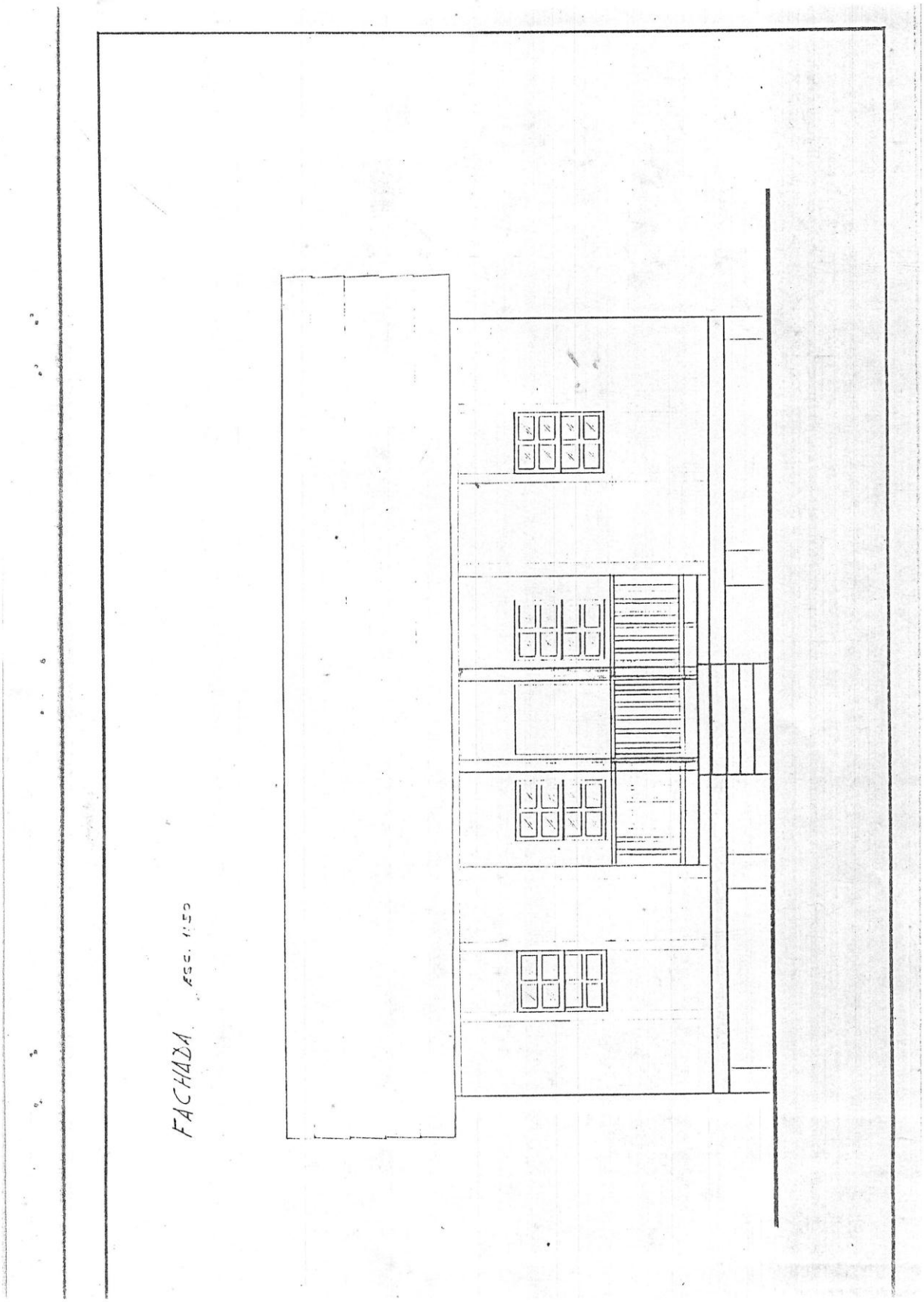
Caberá a PMSMJ garantir transporte, hospedagem e alimentação do museólogo e da historiadora, durante as viagens ao local.

Observação: o transporte até Santa Maria poderemos fazer em nossos próprios veículos bastando que a PMSM ofereça o combustivel.

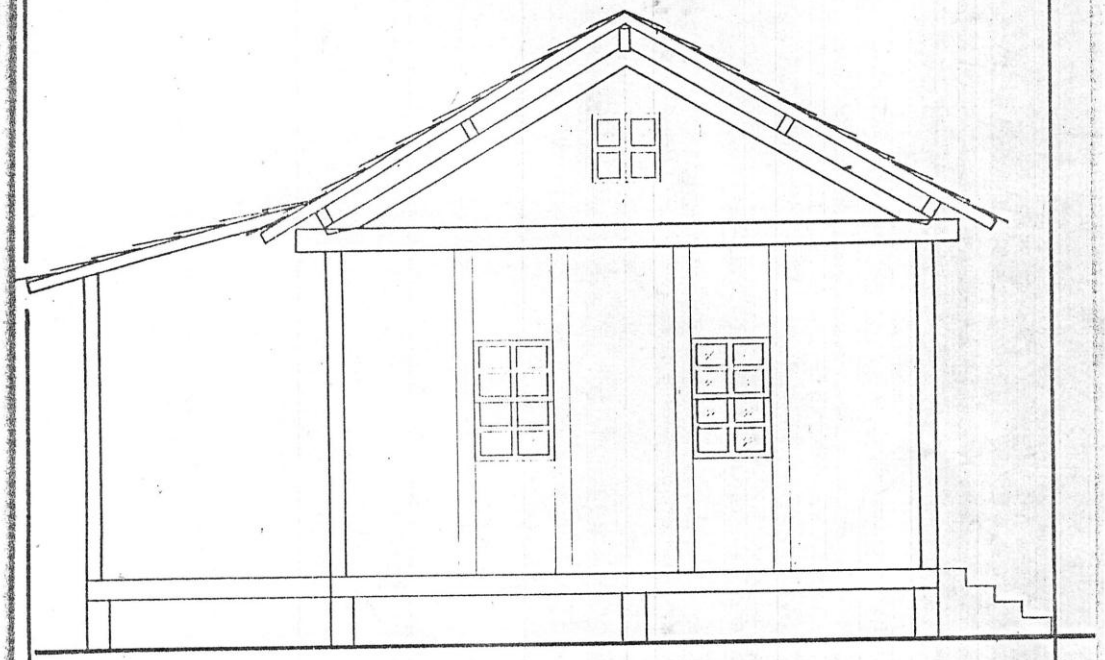
ANEXO 06

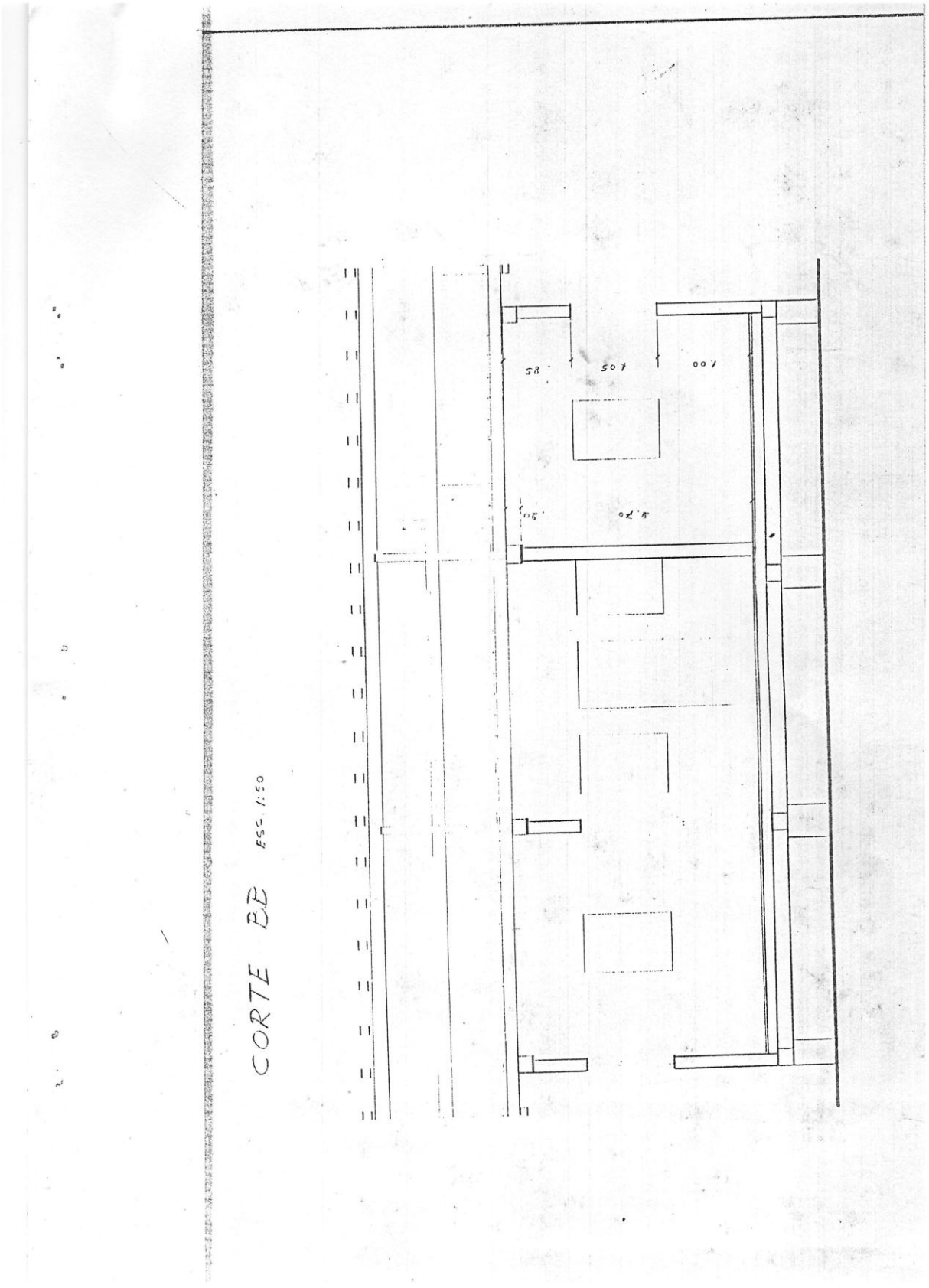
PLANTA DA CASA POMERANA – PROJETO ORIGINAL




FACHADA
ESC. 1:50

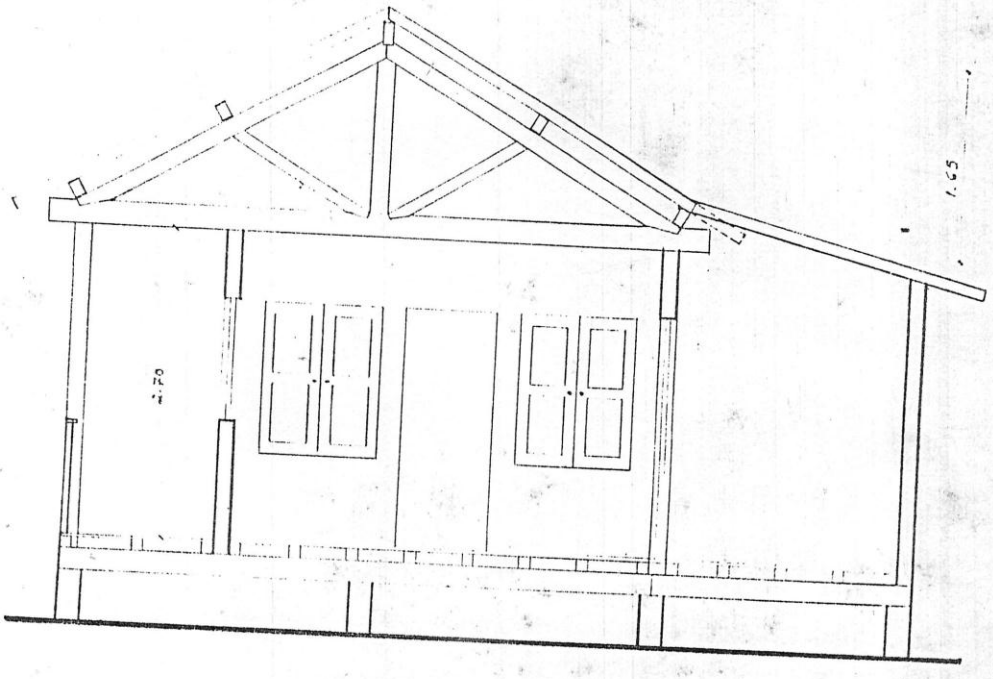
FACHADA ESC. 1:50





CORTE BE ESC. 1:50

CORTE AA ESC 1:50



ANEXO 07



FIGURA 04: Primeira casa adquirida para execução do Projeto Original – Implantação de uma casa nos moldes tipicamente pomerano.
Fonte: Acervo da Professora Regina Hess

ANEXO 08



FIGURA 05: Negros junto à imigração pomerana – tropeiros.
Fonte: Acervo do Museu da Imigração Pomerana em Santa Maria de Jetibá-ES



FIGURA 06: Negros junto à imigração pomerana – tropeiros.
Fonte: Acervo do Museu da Imigração Pomerana em Santa Maria de Jetibá-ES

ANEXO 09

TABELA 1 - ACERVO DO MUSEU

Item	Quantidade	Descrição	Observação
01	03	Tábuas de madeira do telhado, conhecida pelos pomeranos como ‘tabuinhas’, geralmente feita de madeira de lei. Mesma finalidade da telha.	
02	01	Ceipo – instrumento similar a um machado para fazer as tabuinhas.	
03	01	Um ‘toco’ de braúna para ser cortado para finalização em tabuinhas, mesma função da telha.	
04	01	Instrumento a finalidade de ‘bater’ no ceipo para fazer as tabuinhas, geralmente precisava de 2 pessoas para fazer tabuinhas. Uma segurava o ceipo em cima do pedaço de braúna, outra pessoa vinha com esse instrumento e batia sobre o ceipo, assim iam retirando lascas da madeira, até formar pequenas tábuas.	
05	01	Ceifadeira, finalidade de roçar pasto.	
06	01	Instrumento para cortar arroz. Conhecido como cutelo ou ansim.	
07	01	Golpião, mesma função do serrote, porém utilizado em posição diferente. Para utilização deste instrumento, é necessário um local onde seja possível ficar uma pessoa em nível diferente do outra para que seja serrada a madeira.	

08	03	Plainas, instrumento utilizado para acabamento das tábuas.	
09	01	Cipil, para acabamento em janelas, portas e móveis.	
10	01	Baú de ferro, utilizado de acordo com o interesse da pessoa. A saber, mulheres que costuram o utilizam para guardar linhas, agulhas, etc. Homens utilizam para ferramentas.	
Do item 01 – 10 são objetos encontrados na recepção do museu, na sala de estar.			
11	01	Quadro com amostras de notas (dinheiro)	Doado por um colecionador que muito insistiu para que o museu aceitasse. Foi exposto fazendo menção ao comércio, moeda de troca.
12	17	Vidros de remédios, amônia, brometo, sulfato de amônia, carbonato de cálcio, etc.	
13	01	Caixa completa com material de dentista, esterilizador, vidros de álcool, seringa, etc.	
14	01	Bandeja branca esmaltada com 24 agulhas, uma seringa de vidro e tubo de linhas para suturas, pontos.	
15	01	Cureta, instrumento utilizado para limpeza do útero quando ocorria aborto.	
16	01	Fórceps	
17	01	Tesoura para cordão umbilical	
18	01	Abaixador de língua, instrumento similar àquele palito de madeira de avaliação médica.	
19	01	Jogo de bacia e jarra esmaltada utilizada durante o parto e também no dia a dia.	

20	01	Jarra esmaltada	
21	01	Tala, instrumento utilizado durante a cavalgada.	
22	01	Chicote	
23	01	Cangalha, composta por 2 baús, 01 sela	
24	01	Sela feminina, conhecida como ‘sião’ ou ‘silião’	
25	03	Esporas	
26	01	Instrumento nomeado por ‘barbela’, utilizado para passar as cordas no queixo do cavalo	
27	01	Freio	
28	01	Estribo feminino	
Do item 11 – 28 são objetos encontrados na sala posterior à recepção, um espaço destinado a exploração do local.			
29	03	Baús de madeira	
30	01	Banco dos Noivos	
31	02	Vestidos de Noiva Preto, sendo 01 com a fita verde compondo o traje.	
32	03	Lenços de cabeça bordados à mão.	
33	01	Máquina fotográfica	

34	02	Máquinas de costura à mão, normalmente a noiva ganhava de presente, pois esta deveria ser muito prendada.	
35	01	Concertina	
36	01	Mala de madeira, suporte para concertina.	
Do item 29 – 36 são objetos encontrados no quarto referente ao casamento.			
37	01	Certidão de confirmação (Crisma), muito usada pela Igreja Luterana.	28/03/1895
38	01	Certidão de Casamento	1882
39	03	Cartões de Natal	
40	03	Quadros com versículos bíblicos	
41	02	Fotos da Confirmação (Crisma), neste momento meninos e meninas ganhavam seu primeiro par de sapatos. A partir da Confirmação esses meninos e meninas eram considerados adultos.	
42	05	Hinários, na língua alemã.	
43	04	Livros de oração, em alemão. Este contendo orações para uso diário, em casa.	
44	02	Bíblias, em alemão.	
45	03	Livros de oração. Específicos para celebração do culto, na Igreja. Embora os membros tivessem, as orações eram lideradas pelos pastores, por isso este era utilizado somente durante o culto.	
46	03	Mantas bordadas para finalidades diversas	

47	01	Bandeira de Santa Maria de Jetibá, quando ainda era distrito de Santa Leopoldina. Emancipação em 1988.	
48	01	Dicionário Enciclopédia em Pomerano	
49	01	Livro que acompanha o dicionário com textos independentes produzidos por diversos autores. Textos escritos em Pomerano.	
50	02	Cadernos de alunos. Sendo 01 em alemão, com aulas ministradas pelos pastores e 01 em português, com aulas ministradas por professores em torno de 1945.	
51	02	Livros de matemática	São Leopoldo-RS
52	01	Livro de Português	
53	01	Livro de História	
54	01	Livro Infantil com animais e a reprodução de seus sons. Todos esses livros e os religiosos são escritos em alemão. As crianças eram alfabetizadas em alemão por conta dos pastores e em casa utilizavam a língua pomerana.	
55	01	Manta com os seguintes dizeres em pomerano: “Deus protege os grandes e os pequenos e eles dormem sem perturbação”.	1914
56	01	Harmônico – similar a um piano	
Do item 37 – 56 são objetos encontrados no quarto referente à religião e educação.			
57	01	Relógio formato em número 8, com algarismos romano.	
58	02	Ferros de passar à brasa	Utensílio antigo feito com ferro batido.

59	03	Chaleiras grandes de ferro	
60	02	Panelas de ferro	
61	01	Moedor de café e pimenta	
62	01	Moedor de carne esmaltado na parte interna	
63	01	Desnatadeira	
64	01	Buttefat – recipiente de madeira de lei para fazer manteiga	
65	01	Lamparina à querosene, de vidro. Colocar na parede.	
66	02	Lamparina de mão, à querosene.	
67	01	Suporte para lamparina evitando que o vento a apagasse. Utilizado quando os pomeranos queriam sair para o quintal. Criado por eles.	
68	04	Pratos de porcelana com ilustração de flores	
69	02	Tigela decorada com ilustração de flores	
70	01	Bandeja com ilustração de flores	
71	03	Vasilhas para sobremesa	
72	04	Xícaras	
73	01	Xícara com pires	

74	02	Armários de madeira de lei talhados à mão, com os instrumentos descritos anteriormente.	
75	01	Terine (sopeira) esmaltada	
76	02	Chaleiras esmaltadas	
77	03	Pratos	
78	01	Bule azul com 01 caneca esmaltado	
79	01	Bule verde com 02 canecas esmaltado	
80	01	Caneca branca esmaltada	
81	01	Móvel de madeira de lei, para suporte para desnatadeira, moedores de pimenta e café e de carne.	
Do item 57 – 81 são objetos encontrados na cozinha.			
82	03	Televisores em preto e branco	
83	01	Suporte para papel de embrulho com 03 tamanhos diferentes.	
84	03	Espingardas com uso de pólvora	
85	01	Cadeira de balanço, também em madeira de lei.	
86	02	Berços de madeira de lei	
87	01	Aquecedor à querosene	

88	01	Cadeira de Madeira	
89	01	Réplica do espaço para fazer farinha	
90	01	Réplica do espaço onde pilava arroz e café	
91	01	Réplica do paiol	
92	01	Réplica do espaço onde secavam café	
93	01	Réplica de chiqueiro	
94	01	Réplica de moinho de fubá para fazer o brot	
95	01	Réplica de uma cama	
96	01	Instrumento musical – Tuba	
97	01	Instrumento musical – Trompete	
98	03	Instrumentos musicais	
99	02	Rádios à pilha	
100	01	Portal de Cemitério	1898
101	01	Lápide de túmulo	30/06/1962 Familiares do falecido – Wielhem Miertschink
Do item 82 – 101 são objetos encontrados no sótão.			

ANEXO 10

TABELA 2

Regiões de origem dos alemães imigrados no Espírito Santo

(1812-1900)

Região	Número de imigrantes
Pomerânia	2.224
Renânia	247
Hesse	240
Prússia	226
Saxônia	194
Outras regiões	351
Total	3.933
Não consta	451

Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Composi%C3%A7%C3%A3o_%C3%A9tnica_do_Esp%C3%ADrito_Santo#Alem.C3.A3es> Acesso em: 23 jan 2016

ANEXO 11

PROJETO DE LEI Nº 031/2009 DA COOFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA POMERANA

Prefeitura Municipal de Santa Maria de Jetibá
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

PROJETO DE LEI Nº 031/2009

DISPÕE SOBRE A CO-OFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA POMERANA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DE JETIBÁ, ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.

O Prefeito Municipal de Santa Maria de Jetibá, Estado do Espírito Santo.

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. *A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil e no Município de Santa Maria de Jetibá, fica co-oficializada a língua pomerana.*

Art. 2º. *A co-oficialização da língua pomerana obriga o município a:*

I – *manter os atendimentos ao público, nos órgãos da administração municipal, na língua oficial e na língua co-oficializada;*

II – *produzir a documentação pública, as campanhas publicitárias, institucionais, os avisos, as placas indicativas de ruas, praças e prédios públicos e as comunicações de interesse público, na língua oficial e na língua co-oficializada;*

III – *incentivar o aprendizado e o uso da língua pomerana, nas escolas e nos meios de comunicação.*

Art. 3º. *São válidos e eficazes, todos os atos da administração pública, editados na língua pomerana.*

Art. 4º. *O uso da língua pomerana não será motivo de discriminação, no exercício dos direitos de cidadania, assegurados pela Constituição Federal.*

Art. 5º. *As pessoas jurídicas estabelecidos no Município de Santa Maria de Jetibá deverão adotar atendimento e mensagens ao público, no idioma oficial e naquele co-oficializado por esta Lei.*

Art. 6º. *Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.*

Art. 7º. *Revogam-se as disposições em contrário.*

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES
SANTA MARIA DE JETIBÁ - ES
APROVADO
Em 04 / Junho / 2009
Presidente da Câmara Municipal

Registre-se. Publique-se. Cumpra-se

Santa Maria de Jetibá-ES, 04 de Junho de 2009.

HILÁRIO ROEPKE
Prefeito Municipal

CÓPIA

ANEXO 12

LEI Nº 1136/2009 – DISPÕE SOBRE O COOFICIALIZAÇÃO LÍNGUA POMERANA NO MUNICIPIO DE SANTA MARIA DE JETIBÁ-ES.

Prefeitura Municipal de Santa Maria de Jetibá
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

LEI Nº 1136/2009

DISPÕE SOBRE A CO-OFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA POMERANA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA DE JETIBÁ, ESTADO DO ESPÍRITO SANTO.

O Prefeito Municipal de Santa Maria de Jetibá, Estado do Espírito Santo.

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º. *A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil e no Município de Santa Maria de Jetibá, fica co-oficializada a língua pomerana.*

Art. 2º. *A co-oficialização da língua pomerana obriga o município a:*

I – *manter os atendimentos ao público, nos órgãos da administração municipal, na língua oficial e na língua co-oficializada;*

II – *produzir a documentação pública, as campanhas publicitárias, institucionais, os avisos, as placas indicativas de ruas, praças e prédios públicos e as comunicações de interesse público, na língua oficial e na língua co-oficializada;*

III *– incentivar o aprendizado e o uso da língua pomerana, nas escolas e nos meios de comunicação.*

Art. 3º. *São válidos e eficazes, todos os atos da administração pública, editados na língua pomerana.*

Art. 4º. *O uso da língua pomerana não será motivo de discriminação, no exercício dos direitos de cidadania, assegurados pela Constituição Federal.*

Art. 5º. *As pessoas jurídicas estabelecidos no Município de Santa Maria de Jetibá deverão adotar atendimento e mensagens ao público, no idioma oficial e naquele co-oficializado por esta Lei.*

Art. 6º. *Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.*

Art. 7º. *Revogam-se as disposições em contrário.*

Registre-se. Publique-se. Cumpra-se

Santa Maria de Jetibá-ES, 26 de Junho de 2009.

RECEBEMOS
Em 30/07/09
Câmara Munic. de Sta. Maria de Jetibá

HILÁRIO ROEPKE
Prefeito Municipal

CÓPIA

ANEXO 13

LEI Nº 1376/2011 QUE DISPÕE SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA POMERANA ORAL E ESCRITA NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE SANTA MARIA DE JETIBÁ

EDUCAÇÃO

Prefeitura Municipal de Santa Maria de Jetibá
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

LEI Nº 1376/2011

DISPÕE SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA POMERANA ORAL E ESCRITA NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS ATRAVÉS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR POMERANA.

O Prefeito Municipal de Santa Maria de Jetibá, Estado do Espírito Santo.

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. *Fica estabelecido o Ensino da Língua Pomerana na Rede Municipal de Ensino.*

Art. 2º. *O ensino da língua pomerana será ofertado na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, nas escolas públicas municipais, organizadas de acordo com a modalidade expressa abaixo:*

*I – **na Educação Infantil**: será articulado e consolidado nas áreas do conhecimento de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil;*

*II – **nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**: será desenvolvido de forma interdisciplinar integrado ao currículo, em consonância com os eixos temáticos;*

*III – **nas Séries Finais do Ensino Fundamental**: será ofertado como disciplina obrigatória na grade curricular.*

Parágrafo Único *– Caberá à Secretaria Municipal de Educação a adequação e implementação do Programa de Educação Escolar Pomerana até que todas as escolas sejam atendidas.*

Art. 3º. *O ensino da língua pomerana nas escolas tem como objetivo principal valorizar e fortalecer a cultura e a língua pomerana, nas modalidades oral e escrita e seus objetivos específicos são:*

I – introduzir uma educação intercultural bilíngue, pomerano e português;

II – desenvolver nos alunos a habilidade de leitura e escrita na língua pomerana;

III – compreender a importância da preservação da língua pomerana como veículo de transmissão cultural dos descendentes;

IV – proporcionar aos alunos acesso aos conhecimentos universais a partir da valorização da sua língua materna e saberes tradicionais;

V – valorizar a língua pomerana como elemento fundamental da identidade sócio-cultural no ambiente escolar, promovendo a auto-estima dos alunos;

VI – trabalhar a importância da língua pomerana e o modo de vida camponês como fatores de identidade étnica e cultural;

Art. 4º. *A Secretaria Municipal de Educação adotará as providências para a formação e contratação de professores para administrarem as aulas de língua pomerana.*

Art. 5º. *As despesas decorrentes desta Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, da Secretaria Municipal de Educação, suplementadas se necessário.*

CÓPIA

Prefeitura Municipal de Santa Maria de Jetibá
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Art. 6º. *O Poder Executivo Municipal regulamentará a presente Lei através de Decreto Municipal, no prazo máximo de 30 (trinta) dias após a promulgação desta inclusive, organizando a grade curricular.*

Art. 7º. *Esta Lei entrá em vigor na data de sua publicação.*

Art. 8º. *Revogam-se as disposições em contrário.*

Registre-se. Publique-se. Cumpra-se.

Santa Maria de Jetibá-ES, 17 de Agosto de 2011.

HILÁRIO ROEPKE
Prefeito Municipal

ANEXO 14

DECRETO MUNICIPAL Nº 203/2007 DA CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO MUNICIPAL DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

Prefeitura Municipal de Santa Maria de Jetibá
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

- considerando o disposto nos Arts. 71 e 72, Inc. VI da Lei Orgânica do Município de Santa Maria de Jetibá;

D E C R E T A:

***Art. 1º** - Fica constituída a Comissão que atuará na Legitimação da Língua Pomerana no Município de Santa Maria de Jetibá - ES.*

***Art. 2º** - A Comissão de que trata o Artigo 1º será constituída de 10 (dez) membros de forma paritária, contemplando Órgãos Governamentais e Não Governamentais.*

***Art. 3º** - Ficam designados para comporem a Comissão de Legitimação da Língua Pomerana, os representantes indicados de cada segmento como segue:*

***I- Representantes de Órgãos Governamentais**:*

- ***Conselho Municipal de Educação:***
  ***Titular**: SINTIA BAUSEN KÜSTER*
  ***Suplente**: MÔNICA KÜSTER GUMS*
- ***Secretaria Municipal de Cultura e Turismo:***
  ***Titular**: LEANDRO DA SILVA*
  ***Suplente**: NILTON CAPAZ*
- ***Poder Legislativo:***
  ***Titular**: ADILSON ESPÍNDULA*
  ***Suplente**: NELSON MIERTSCHINK*
- ***Professores Estaduais:***
  ***Titular**: JANISMARY SCHMIDT SUSSAI*
  ***Suplente**: LEONORA BOONE*
- ***Professores PROEPO:***
  ***Titular**: MARINEUZA PLASTER WAIANDT*
  ***Suplente**: MÔNICA RAASCH GUMS*

II- Representantes de Órgãos Não Governamentais:

- ***Associação de Produtores Rurais:***
  ***Titular**: VALDEMAR FLEGLER*
  ***Suplente**: ADEMAR KRÜGER*

Prefeitura Municipal de Santa Maria de Jetibá
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

- ***Sociedade Civil e Organizada:***
  Titular: *VALÉRIO KURTH*
  Suplente: *SCHARLES ROBERTO BEILKE*

- ***Instituições Bancárias e Comerciais:***
  Titular: *LEVANIR HENCHER ZANONI*
  Suplente: *MARTIM JACOB FILHO*

- ***Representantes de Instituição Superior:***
  Titular: *ISMAEL TRESSMANN*
  Suplente: *SANDRA MARIA GUISSO*

- ***Representantes Comunitários:***
  Titular: *GUERLINDA BERGER ESPÍNDULA*
  Suplente: *DAVID RAASCH*

Art. 4º *- Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.*

Art. 5º *- Revogam-se as disposições em contrário.*

Registre-se, Publique-se e Cumpra-se.

Santa Maria de Jetibá-ES, 20 de Agosto de 2007.

HILÁRIO ROEPKE
Prefeito Municipal

ANEXO 15

TABELA 3

MUNICÍPIOS ESPÍRITO-SANTENSES QUE POSSUEM A OFICIALIZAÇÃO DO POMERANO COMO SEGUNDA LÍNGUA

Município/Unidade da Federação	Ato
Pancas	Ato: Lei nº 987/2007 Data: 27 de julho de 2007 Cooficialização do Pomerano no município de Pancas
Laranja da Terra	Ato: Lei nº 510/2008 Data: 27 de junho de 2008 Dispõe sobre a cooficialização da língua pomerana no município de Laranja da Terra
Vila Pavão	Ato: Lei nº 671 Data: 11 de novembro de 2009 Dispõe sobre a cooficialização da língua pomerana no município de Vila Pavão
Santa Maria de Jetibá	Ato: Lei nº 1136/2009 Data: 07 de julho de 2009 Dispõe sobre a cooficialização da língua pomerana no município de Santa Maria de Jetibá
Domingos Martins	Ato: Lei nº 2.356 Data: 10 de outubro de 2011 Dispõe sobre a cooficialização da língua pomerana no município de Domingo Martins

Fonte: MELO, M. S. de; SOUZA, M. T. de. Pomeranos, a escrita de uma história recente. MELO, M. S. de; SOUZA, M. T. de.(Orgs.) In: **Pomeranos no Brasil – olhares, vozes e histórias de um povo.** Rio de Janeiro, RJ: Letras e Versos, 2015.

ANEXO 16

TERMO DE PARCERIA ENTRE OS MUNICÍPIOS PARTICIPANTES DO PROEPO

TERMO DE PARCERIA que entre si celebram as Prefeituras Municipais de Afonso Cláudio, Domingos Martins, Itarana, Laranja da Terra, Pancas, Santa Maria de Jetibá e Vila Pavão, por intermédio das Secretarias Municipais de Educação dos respectivos municípios, ambos do estado do Espírito Santo.

Aos 07 dias do mês de junho de 2014, os municípios de **AFONSO CLÁUDIO** , inscrito no CNPJ nº 27.165.562/0001-41, **DOMINGOS MARTINS**, inscrito no CNPJ nº 27.150.556/0001-10, **ITARANA,** inscrito no CNPJ nº 27.104.363/0001-23, **LARANJA DA TERRA,** inscrito no CNPJ nº 31.796.097/0001-14, **PANCAS,** inscrito no CNPJ nº 27.174.150/0001-78, **SANTA MARIA DE JETIBÁ** inscrito no CNPJ nº 36.388.445/0001-38 e **VILA PAVÃO** inscrito no CNPJ nº 36.350.346/0001-67, todos designados conjuntamente como "Partícipes" para os fins deste Instrumento;

CONSIDERANDO QUE A CONSTITUIÇÃO FEDERAL determina nos artigos:

Artigo 210

Determina que sejam fixados conteúdos mínimos para a educação básica, de maneira a assegurar a formação comum e o respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais;

Artigo 215

Garante a todos o pleno exercício dos direitos culturais e que o Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas, afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional;

Artigo 216

Define como patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira;

CONSIDERANDO QUE A LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece nos seus artigos:

Artigo 3º

II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura e o saber;

Artigo 26º

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 4º

O ensino da História do Brasil levará em conta as condições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e europeia.

Artigo 28º

Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

CONSIDERANDO QUE A DECLARAÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS PERTENCENTES A MINORIAS NACIONAIS OU ÉTNICAS, RELIGIOSAS E LINGUÍSTICAS, aprovada pela resolução 47/135 da Assembleia Geral da ONU de 18 de dezembro de 1992 e atualizada em 13 de junho de 2008, estabelece em seus artigos:

Artigo 1

1. Os Estados protegerão a existência e a identidade nacional ou étnica, cultural, religiosa e linguística das minorias dentro de seus respectivos territórios e fomentarão condições para a promoção de identidade.

2. Os Estados adotarão medidas apropriadas, legislativas e de outros tipos, a fim de alcançar esses objetivos.

Artigo 2

1. As pessoas pertencentes a minorias nacionais ou étnicas, religiosas e linguísticas (doravante denominadas "pessoas pertencentes a minorias") terão direito a desfrutar de sua própria cultura, a professar e praticar sua própria religião, e a utilizar seu próprio idioma, em privado e em público, sem ingerência nem discriminação alguma.

Artigo 4

3. Os Estados deverão adotar as medidas apropriadas de modo que, sempre que possível, as pessoas pertencentes a minorias possam ter oportunidades adequadas para aprender seu idioma materno ou para receber instruções em seu idioma materno.

4. Os Estados deverão adotar quando apropriado, medidas na esfera da educação, a fim de promover o conhecimento da história, das tradições, do idioma e da cultura das minorias em seu território. As pessoas pertencentes a minorias deverão ter oportunidades adequadas de adquirir conhecimentos sobre a sociedade em seu conjunto.

CONSIDERANDO QUE A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS estabelece em seus artigos:

Artigo I

1. Esta Declaração entende por ***comunidade linguística*** toda a sociedade humana que, assentada historicamente em um espaço territorial determinado, reconhecido ou não, se auto identifica como povo e desenvolve uma língua comum como meio de comunicação natural e coesão cultural entre seus membros. A denominação ***língua própria de um território*** faz referência ao idioma da comunidade historicamente estabelecida neste espaço.

Artigo 7

1. Todas as línguas são expressão de uma identidade coletiva e de uma maneira distinta de perceber e de descrever a realidade, portanto possuem o poder de gozar das condições necessárias para seu desenvolvimento em todas as funções.

2. Cada língua é uma realidade constituída coletivamente e é no seio de uma comunidade que se torna disponível para o uso individual, como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criativa.

Artigo 8

1. Todas as comunidades linguísticas têm direito a organizar e gerir os recursos próprios, com a finalidade de assegurar o uso de sua língua em todas as funções sociais.

2. Todas as comunidades linguísticas têm direito a dispor dos meios necessários para assegurar a transmissão e a continuidade de futuro de sua língua.

CONSIDERANDO A DECLARAÇÃO UNIVERSAL DA DIVERSIDADE CULTURAL, da Organização das Nações Unidas (ONU), que estabelece em seus artigos:

Artigo 1 – A diversidade cultural, patrimônio comum da humanidade.

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessário como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

Artigo 2 – Da diversidade cultural ao pluralismo cultural

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública.

Artigo 3 – A diversidade cultural, fator de desenvolvimento.

A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória.

Artigo 5 – Os direitos culturais, marco propício da diversidade cultural.

Os direitos culturais são parte integrante dos direitos humanos, que são universais, indissociáveis e interdependentes. O desenvolvimento de uma diversidade criativa exige a plena realização dos direitos culturais, tal como os define o Artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos e os artigos 13 e 15 do Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais. Toda pessoa deve, assim, poder expressar-se, criar e difundir suas obras na língua que deseje e, em particular, na sua língua materna; toda pessoa deve poder participar na vida cultural, dentro dos limites que impõe o respeito aos direitos humanos a às liberdades fundamentais.

RESOLVEM os Partícipes, celebrar o presente Termo de Parceria, nos termos das condições seguintes:

CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETO

Constitui objeto deste instrumento o estabelecimento de compromissos entre os municípios de **Afonso Cláudio, Domingos Martins, Itarana, Laranja da Terra, Pancas, Santa Maria de Jetibá e Vila Pavão** no que se refere à estabilidade do Programa de Educação Escolar Pomerana – PROEPO, implementado desde 2005, nas escolas, e que tem por objetivo desenvolver um trabalho que valorize e fortaleça a cultura e a língua oral e escrita pomerana, através do trabalho colaborativo entre as prefeituras municipais.

CLÁUSULA SEGUNDA – DOS COMPROMISSOS DOS MUNICÍPIOS

Para viabilizar o objeto deste instrumento os partícipes se comprometem a:

- Apoiar ações que fortaleçam a Cultura e a Língua Pomerana.
- Comparecer às reuniões periódicas dos coordenadores do PROEPO, com objetivo de traçar ações para o desenvolvimento do Programa.
- Oferecer formação continuada aos professores em Língua e Cultura Pomerana.
- Oportunizar aos professores participantes do PROEPO troca de experiências e encontros de intercâmbio.
- Revisitar junto aos professores a Proposta Curricular para a Língua Pomerana.
- Viabilizar recursos para produzir e editar material pedagógico e didático em Língua Pomerana nos diferentes níveis de ensino, definindo as cotas necessárias para cada município.
- Apoiar à aquisição e edição de outros materiais didáticos de interesse dos 07 municípios.
- Disponibilizar modelo da lei de Co-ofialização da Língua Pomerana, e aprovação pela Câmara Municipal dos Vereadores para os municípios que estão ingressando no PROEPO agora.
- Disponibilizar equipe técnica para a realização de estudos, levantamentos, reuniões e quaisquer demais ações necessárias para a promoção de ações do PROEPO.
- Apoiar financeiramente às ações do PROEPO.

- Assegurar prêmio de incentivo aos educadores, cursistas do PROEPO, que desenvolvem atividades do Programa, em sala de aula.
- Garantir aos educandos o ensino da Língua, Cultura e História Pomerana, respeitando as peculiaridades regionais de cada município.
- Garantir assessoria linguística para revisar as atividades elaboradas pelos municípios, bem como orientar nas questões referentes a gramática pomerana a ser trabalhada nas formações continuadas com os professores.
- Garantir assessoria pedagógica para o programa- PROEPO
- Garantir que o coordenador municipal para o PROEPO seja um profissional na área da educação, que se identifique com a causa.
- Propor, avaliar e acompanhar as atividades de promoção da Língua Pomerana.

CLÁUSULA TERCEIRA – DO DIRECIONAMENTO DO TRABALHO

Fica esclarecido que cada município tem autonomia de direcionar o trabalho do PROEPO de acordo com a sua realidade e peculiaridades regionais.

CLÁUSULA QUARTA – DAS ATRIBUIÇÕES DOS ASSESSORES

Compete ao assessor linguístico:

- Elaborar conteúdos da gramática pomerana para a formação continuada de Língua e Cultura Pomerana para os/as professores/as;
- Fazer a revisão final das atividades elaboradas pelos professores/as e coordenador/a dos municípios a serem ministradas em sala de aula;
- Auxiliar a assessora pedagógica do PROEPO em suas dúvidas, via correio eletrônico e telefônico quando necessário.
- Realizar palestras quando solicitado. Os temas enfocarão aspectos da história da imigração, da língua pomerana e assuntos relacionados à cultura deste povo;
- Conceder entrevistas sobre assuntos concernentes à pesquisa, à cultura pomerana e ao PROEPO;

- Incentivar os professores a pesquisa etnográfica, como: levantamentos e descrições do artesanato pomerano (antigo e atual) e de outros aspectos da cultura, da história e da toponímia do município e região.

Compete ao assessor pedagógico:

- Ser a ponte para comunicação entre assessor linguístico e municípios;
- Trabalhar junto ao assessor linguístico contribuindo na elaboração de materiais de estudo;
- Contribuir com sugestões didático pedagógicas para tornarem as aulas do PROEPO mais dinâmicas envolvendo a ludicidade;
- Ministrar formações, oficinas de música e confecção de materiais concretos com sólidos recicláveis em língua pomerana para os professores dos municípios;
- Fazer uma pré-revisão das atividades elaboradas nos municípios;
- Encaminhar as atividades pré-revisadas por meio eletrônico ao assessor linguístico;
- Selecionar e organizar as atividades por temas para elaboração de "Apostila de Atividades" a ser disponibilizada para os municípios;
- Atender os municípios que necessitam apoio pedagógico com a implantação do PROEPO;

CLÁUSULA QUINTA – DA DIVULGAÇÃO DO PROEPO

Os municípios têm autonomia para divulgar ações do PROEPO, entretanto outras representações devem comunicar aos municípios a forma de uso das atividades do Programa.

CLÁUSULA SEXTA – DO PRAZO DE VIGÊNCIA

O prazo de vigência do presente termo entrará em vigor na data de 07 de junho, com término em 31 de dezembro de 2016, podendo ser prorrogada mediante termos aditivos.

E por estarem juntos e compromissados com as cláusulas e condições aqui pactuadas, assinam as partes do presente Termo de Parceria em 07 (sete) vias de igual teor e forma, perante as testemunhas abaixo identificadas para que produzam os necessários efeitos legais.

Wilson Berger Costa
Prefeito Municipal de Afonso Cláudio

Luiz Carlos Prezoti Rocha
Prefeito Municipal de Domingos Martins

Ademar Schneider
Prefeito Municipal de Itarana

Joadir Lourenço Marques
Prefeito Municipal de Laranja da Terra

Aguimair Araújo Nascimento
Prefeito Municipal de Pancas

Eduardo Stuhr
Prefeito Municipal de Santa Maria de Jetibá

Eraldino Jann Tesch
Prefeito Municipal de Vila Pavão

Testemunhas:

Gilda do Rosário Zanelato Belizário
RG: 607.463 - ES
CPF: 053.574.407-27
Secretária Municipal de Educação de Afonso Cláudio

Roseli Gonoring Hehr
RG: 1.251.500 - ES
CPF: 015.418.097-18
Secretária Municipal de Educação e Esporte de Domingos Martins

Rosilei Sarnaglia Covre
RG:794.497 - ES
CPF:005.287.057-09
Secretária Municipal de Educação de Itarana

Vanilda Schulz Dias
RG : 898.730 - ES
CPF: 002.368.047-40
Secretária Municipal de Educação de Laranja da Terra

Cleves José da Rocha
RG : 343.703 - ES
CPF: 471.951.697-15
Secretário Municipal de Educação de Pancas

Charles Moura Netto
RG: 56.410.096-MG
CPF: 088.646.497-86
Secretário Municipal de Educação de Santa Maria de Jetibá

Marlene Moronari de Oliveira
RG : 1.602.593 - ES
CPF: 558.388.047-34
Secretária Municipal de Educação de Vila Pavão

ANEXO 17

Convite recitado na língua pomerana e traduzido para língua portuguesa.

“Allen tohoop segg ick goodem Dag!
Tauerst sett ick aff mienem Staff,
dormit alles geht mit gaudem Verstand.
En fründlichen Gruss, en schön Kumpliment
von Liesbeth Korth u Heinz Last, de ji all kennt.
Ick schall juch nödigen tau ehre Hochtied!
Ju kommt wohl alle, dat is jo nich wiet,
Vaoter, Mudder u de Kier,
Grotvaoter un Muhm’ nich minner.
Osse un Schwien sin schlacht,
un alles up dat fienst anmaracht…
Metz, Gaobel un Leppel sin nich vergette,
so brukt ji nich mit dem Finger to ete.
Awends giwt dat en goden Druk
un op de Deel en lustigen Sprung.
de Musikanten bringt juch all in Schwug.
Nu makt juch ower nich to fien,
denn Bruut un Bruttmann wille doch am finest sien.
Wen ji mi nu hewt recht verstauhn,
denn will ick eir Hüske wieder gauhn”
(RÖLKE, 1996, p.67-68)

TRADUÇÃO:
“A todos juntos eu digo um bom dia!
Primeiramente me desfaço de minha bengala,
para que tudo transcorra com bom senso.
uma amável saudação, um bonito cumprimento
De Elizabeth Korth e Henrique Last, que vocês todos conhecem.
fui incumbido de convidar vocês para o casamento deles!
Por certo vocês todos irão, isso não fica longe,
pai e mãe e as crianças,
avô e avó não menos.
Bois e porcos foram carneados,
E tudo preparado de forma mais distinta…
Faca, garfo e colher não foram esquecidos,
assim vocês não precisam comer com o dedo.
À noite haverá uma boa comida,
e no assoalho uma alegre dança,
Os músicos colocarão vocês todos em movimento.
mas não se enfeitem demais,
pois a noiva e noivo querem ser os mais bonitos.
Se vocês agora me entenderam em,
então quero voltar novamente para as casas deles.”
(RÖLKE, 1996, p.67-68)

ANEXO 18



FIGURA 07: Noite do Quebra-louças.
FONTE: Grupo Pomeranos no Brasil, em julho de 2015.



FIGURA 08: Casamento Pomerano, com influência da cultura local.
FONTE: Grupo Pomeranos no Brasil, em julho de 2015.

ANEXO 19



FIGURA 09: Construção de uma casa típica pomerana – arquitetura enxaimel
Fonte: Grupo Pomeranos no Brasil. Data: março de 2016.



FIGURA 10: Construção de uma casa típica pomerana – arquitetura enxaimel
Fonte: Grupo Pomeranos no Brasil. Data: março de 2016.